

Sandra Medeiros

LUIZ BUAIZ

Biografia de um homem incomum

Vitória
2012

Copyright by © Luiz Buaiz – 2012

Coordenação do Projeto: Angela Buaiz
Captação de Recursos: ABZ Projetos

Texto e Edição: Sandra Medeiros
Colaboraram nas entrevistas:
Leonardo Quarto
Angela Buaiz
Ruth Vieira Gabriel
Revisão: Herbert Farias
Projeto e Edição Gráfica: Sandra Medeiros
Editoração Eletrônica: Rafael Teixeira e Sandra Medeiros
Digitalização: Shan Med
Tratamento de Imagens: TrioStudio; Shan Med

Catálogo na fonte
Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo

M488 I Medeiros, Sandra.
Luiz Buaiz – biografia de um homem incomum/ Sandra Medeiros. Vitória: Edição do Autor, 2012.
204p. ilust.

1. Biografia. 2. Buaiz, Luiz. Título.

CDD. 926.98152

SUMÁRIO

MENSAGEM DO GOVERNO DO ESTADO	5
MENSAGEM DO SINCADES	7
PREFÁCIO	9

Capítulo I - A FORMAÇÃO DE UM MÉDICO HUMANITÁRIO	13
A tradição familiar	13
Infância boa, no Parque Moscoso	17
Vitória dos anos 1920 aos 50	30
Trem com baldeação e avião que pousa na água	41
Educação e Religiosidade	44
O comércio e o quebra-quebra	55
Festas, regatas, futebol e carnaval	61
A imprensa na juventude de Luiz Buaiz	66
Luiz Buaiz a política e os intelectuais	70
Folclore, cinema e teatro	78
Pegando o bonde	86

Capítulo II - UM MÉDICO ADMIRÁVEL	93
Na Provedoria da Santa Casa	96
Preparação para ser Médico	99
No Centro de Saúde	103
Unificando os Institutos	107
Hospitais e Preventórios	108
Luiz Buaiz, um médico à moda antiga	110

Capítulo III - MÉDICOS E AMIGOS	115
Médico, amigo e admirador	115
Jovialidade	119
Grandeza	121
Uma pessoa brilhante	122
No lugar do padre	123
Inteligência privilegiada e liderança carismática	123
Liderança inata e vitalidade	125
Subindo nas pesquisas	126

Sorriso permanente	130
Um apaziguador	132
Ícone da Medicina	133
Atuação política intensa	134
Um grande professor	134
Diplomata de posições firmes	135
Integridade e vanguarda	138

Capítulo IV - A POLÍTICA RESERVA BOAS E MÁS SURPRESAS	143
Meu tipo inesquecível	149
Reverenciado e Cultuado	152
Uma admiração profunda	154
Acima do bem e do mal	156
Envolvidos com a política	156

Capítulo V - UM HOMEM INSUBSTITUÍVEL	161
Irmão presente e dedicado	161
Um pai de coração muito forte	165
Amigo de todos, até dos inimigos	170
O avião caiu, mas Luiz Buaiz sobreviveu	172
Uma família muito unida	173
Um tio que cura tudo	176
Incomparável e insubstituível	177
Uma referência de vida	181
Agregando mais gente à família	183
Amor de uma vida inteira	183
Um irmão por afinidade	185
Instituto Braille	188
Missão e Religião	188
Mariazinha Lucas, uma irmã	189
Determinado, impetuoso e emotivo	192
Padre Zequinha, grande admirador	194
Coração do tamanho do mundo	198
O discreto 'velho e fraterno amigo'	201
Vizinhos de bairro	203
Ex-funcionários	206
Iluminadamente vocacionado	207

A

As parcerias implementadas entre o Governo do Estado do Espírito Santo e o Instituto Sincades nos últimos anos têm demonstrado inequivocamente a importância atribuída pelo atual governo à atividade cultural em todas as suas dimensões. Consideramos a Cultura no seu sentido amplo um setor estratégico para incentivar o desenvolvimento humano e social, e contribuir para minimizar com seu vigor e seu potencial agregador as desigualdades sociais ainda existentes em nosso Estado.

Nossa parceria contempla também a publicação de livros relevantes que registram a História do Espírito Santo e a trajetória de indivíduos, que com sua capacidade de trabalho, seu amor à terra e seu espírito empreendedor tiveram uma participação ativa e exemplar na construção de nossa sociedade. É o caso de Luiz Buaiz, que acaba de completar 91 anos, a maior parte deles dedicado à prática da medicina e a exercer o bem atendendo a pessoas de todas as classes sociais.

Admirado pela família e por todos aqueles que o conheceram, a presente obra faz um retrato afetuoso e terno da personalidade marcante do cidadão exemplar que foi e continua sendo Luiz Buaiz. Trata-se de uma homenagem justa a quem realizou os seus talentos pessoais e humanos exercendo uma das mais belas profissões da humanidade.

Cumprimos assim também a nossa missão de tornar público os exemplos e as referências positivas que a cultura capixaba produz.

Boa leitura a todos!

Renato Casagrande

Governador do Estado do Espírito Santo



Instituto Sincades completa, neste mês de agosto, quatro anos dedicados a dizer, intensa e integralmente, Sim para o Espírito Santo. Um sim traduzido em dezenas de projetos que valorizam a nossa cultura, potencializam nossa arte e preservam nossa memória. Exposições, documentários, seminários, restauração do patrimônio público, festivais de dança e de teatro e muito mais compõe a diversidade dos projetos que temos sido parceiros do Governo do Estado e da sociedade capixaba. A publicação deste livro sobre a vida pessoal e profissional do Doutor Luiz Buaiz possui, portanto, um significado muito especial.

Dr. Luiz Buaiz é unanimidade enquanto profissional da saúde e cidadã. É impossível dissociar a dedicação voluntariosa à medicina e à população capixaba de sua vida pessoal. Aos 91 anos de idade e com memória prodigiosa, Dr. Luiz nos permite conhecer com riqueza de detalhes não só sua contribuição como médico, mas também como agente político, gestor, idealizador, articulador de interesses coletivos do bem e um grande colecionador de amigos em todas as áreas sociais.

Como médico influenciou muitas gerações. De personalidade marcante, interagiu intensamente no esporte, na política partidária e na vida social de muitos capixabas e brasileiros – de intelectuais a pessoas comuns. Constituiu com o amigo Arabelo do Rosário o Instituto Braille e foi gestor e articulador de inúmeras instituições de grande importância para o Espírito Santo.

O apoio à publicação desta obra, portanto, sintetiza nossa missão. Uma obra de um grande cidadão capixaba que mantém, até hoje, sua vivacidade e sua capacidade em contribuir para um mundo melhor.

Vida longa Dr. Luiz.

Boa leitura.

Idalberto Luiz Moro
Presidente do Instituto Sincades

PREFÁCIO

Luiz Buaiz fez da Medicina um apostolado. Ele é um médico humanitário, que atenua e cura doenças sem pensar em outra recompensa que não seja o bem-estar do paciente.

Uma pessoa para quem, acima de tudo, está a vontade de fazer o bem. Cuidar do semelhante é uma vontade inata em Luiz Buaiz, que a profissão escolhida facilitou. Ele é médico desde 21 de dezembro de 1946, data da sua formatura, aos 25 anos.

Desde então, é só o que tem feito, todo o tempo, a qualquer hora, em qualquer lugar: INPS, Santa Casa, Centro de Saúde, Hospital Casiano Antônio de Moraes. Onde estivesse a porta não fechava, lembram médicos, amigos e pacientes. E ainda é assim, porque, apesar da idade avançada, Dr. Luiz mantém a vitalidade e trabalha regularmente, na Unimed e em seu consultório. E, ainda que soe estranho dizer, é um privilégio ficar doente, só para ser atendido pelo Dr. Luiz.

Os médicos que com ele trabalharam admiram o empenho moral e ético daquele que é o dermatologista mais antigo de Vitória: são 66 anos de Medicina. Onde trabalhou, ele resolvia os problemas burocráticos e atendia, não importando a quantidade daqueles que buscavam a sua ajuda. Poucas vezes podia sentar, às vezes eram quatro, cinco pessoas dentro do consultório, quando a fila reunia 70. Tratava o pobre e o rico com a mesma atenção, usando os mesmos materiais, ao contrário do que acontecia e ainda acontece em muito consultório médico.

Os que foram seus alunos no Colégio Estadual, no São Vicente, no Carmo, não esquecem o quanto aprenderam, o quanto ganharam.

Se todos os médicos, amigos e familiares apontam a sua capacidade inata para fazer o bem, poucos privilegiados que com ele convivem apontam ainda a sua impetuosidade e a lucidez com que analisa e aborda os mais diferentes temas, da economia à política, do sistema educacional ao sistema médico.

Na Medicina ele permanece. Na política ele esteve, e apesar dos muitos amigos que fez, guarda uma grande decepção: não foi possível fazer o que quis, aqueles que ocupam os postos mais altos manobram, impedem, conduzem. E poucas vezes é para o bem comum. Luiz Buaiz cresceu numa família unida e de fortes princípios, num

tempo em que a vida era muito diferente. Ele não compactuaria com o que não é certo.

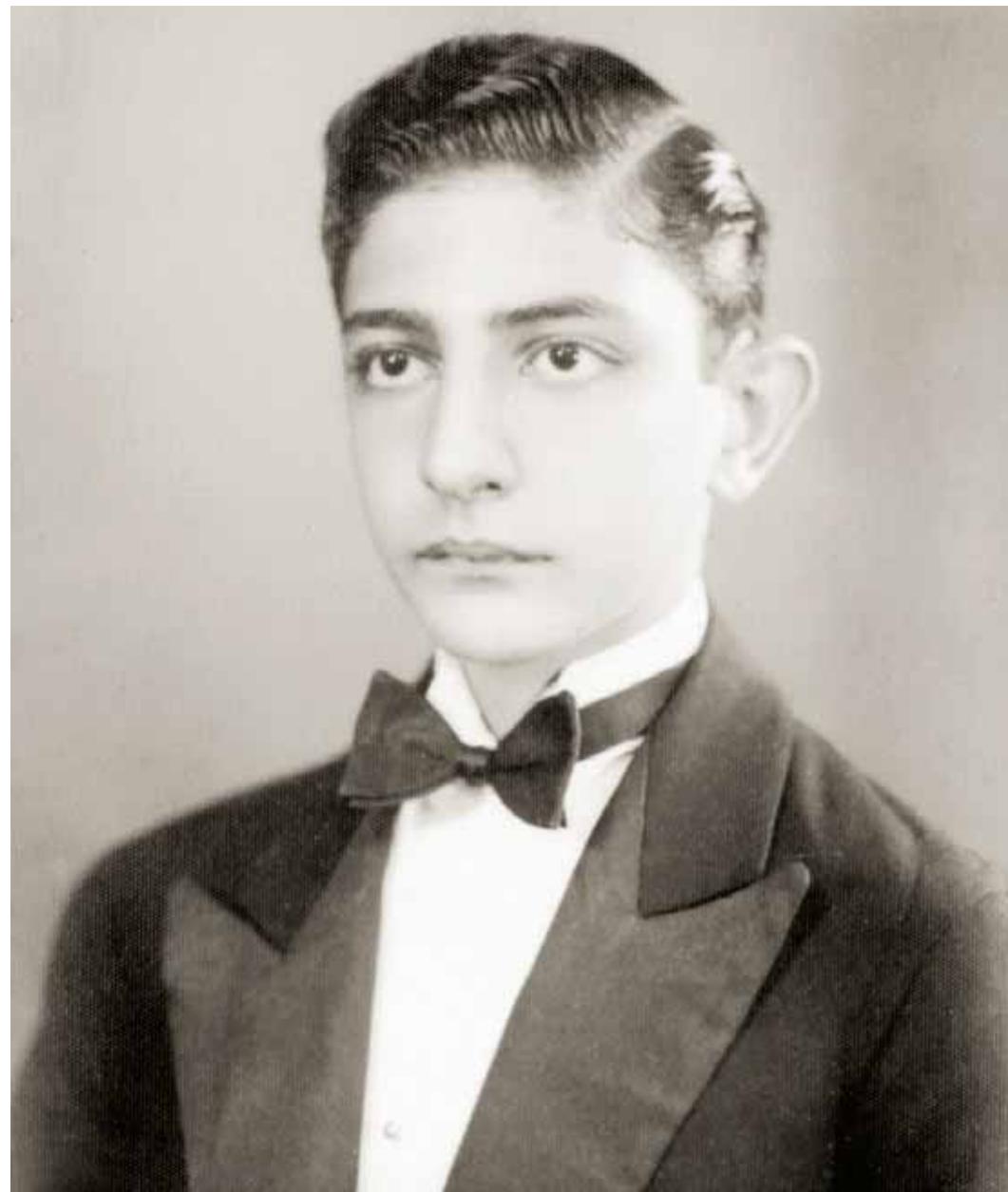
O mundo era outro, Vitória era outra. As crianças brincavam livres, não eram importunadas por carros, não estavam vulneráveis à violência, porque ela era episódica. Os governantes não tinham reservas ou constrangimento de ir à Praça 8 para conversar, ouvir as pessoas, e ouvir algumas vezes o que não queriam ouvir. Os políticos existiam para servir. O bonde, a lancha, os botes faziam parte de uma rotina que era franca e alegre. A religiosidade era presente, clara e desinteressada. Os amigos eram verdadeiros. Luiz Buaz conheceu Vitória como uma ilha de reciprocidade.

Desse tempo, tudo ele guarda na memória e lamenta que hoje, apesar dos bons momentos e de muitas conquistas tecnológicas positivas, muito se perdeu, a começar pelos valores humanos.

Do que se perdeu ele se lembra dos princípios morais e de lugares, como o quartel da Polícia Militar, no Parque Moscoso. Sua demolição, para ele, foi “um crime. Era um monumento que devia ser conservado como um museu da Polícia Militar. Quando se hasteava a bandeira a garotada ia atrás, marchando, se congraçando com a Polícia. Era uma brincadeira pura.” Lembra com pena a substituição do coreto do Parque Moscoso pela concha acústica. Lamenta que o ensino, nas escolas e em família, tenha perdido a qualidade. Lamenta que médicos tenham se transformado em profissionais de saúde e que não mais existam irmãs de caridade trabalhando como enfermeiras. Fala, sentido, de uma ignorância endêmica e da ausência de memória: ninguém conhece pessoas importantes na formação da nossa história. Pessoas de um passado ainda tão próximo e que hoje são desconhecidos nomes de escolas, ruas, avenidas e praças. Nada mais que isso.

Mas ele segue a sua cruzada: cuidar, ensinar e amar.

Assim é Luiz Buaz, um homem incomum, em quem as qualidades são superlativas.





CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO DE UM MÉDICO HUMANITÁRIO

Segunda-feira, 29 de agosto de 1921. A lua estava em quarto crescente quando nasceu Luiz, o quarto filho de Alexandre e Maria Buaiz. Fazia frio, quando a parteira foi chamada às pressas para ajudar no nascimento.

Ninguém vaticinou o futuro do menino sério, de olhos tristes, mas desde muito cedo ele iria saber o que queria. Seu sonho era ser parteiro.

Ele percebeu logo a importância da profissão, hoje quase inexistente, que nos anos 20 era vital. Em Vitória, como no país inteiro, e como havia sido prática durante séculos, poucas vezes se recorria ao médico para auxiliar num nascimento. Aqui, Dona Augusta Mendes – que ajudou no nascimento de todos os filhos de Dona Maria Buaiz – Maria Lúcia, da Associação dos Funcionários, Mítzia, Dona Antonica, Dona Simplícia e Ondina Escobar se desdobravam, mas já não davam conta. Vitória estava crescendo.

Assim que cresceu um pouco, Luiz decidiu estudar Medicina, pensando em realizar seu sonho: ia ser obstetra. Ele sabia como era importante ajudar alguém a chegar ao mundo, mas a condição da cidade portuária lhe apontaria outro caminho.

A tradição familiar

A família Buaiz era uma família bem estruturada, de pessoas boas e amorosas. O casamento de Alexandre Buaiz e Maria Saliba foi uma escolha própria e não para reforçar laços familiares.

Nascer em uma família assim, ter uma infância feliz e viver cercado de amigos refletir-se-iam na formação do homem disciplinado, dedicado, generoso, incansável e realizador que é o médico Luiz Buaiz.

Seu pai, destemido e empreendedor, foi muito bem sucedido nas iniciativas comerciais, o que lhe permitiu mandar construir, no Parque Moscoso, a casa que durante décadas abrigou a família e que ficou pronta em julho de 1921, um mês antes de Luiz nascer. Sólida, confortável, de linhas sóbrias, permanece inalterada, apesar de não estar mais sendo utilizada pela família.



O sóbrio e elegante Alexandre Buaiz e a esposa, Dona Maria, distinta e terna.



Os pais, com Lair, Benjamin, Américo, José, Luiz e Lourdes. Tarde de terça com jeito de domingo...

O exemplo dos pais, a disciplina, a religiosidade e a simplicidade talharam o caráter de Luiz Buaz, que lembra: “Meu pai e minha mãe tinham uma convivência muito boa, meu pai se orgulhava de seus filhos. Minha mãe era muito piedosa. Devota de Nossa Senhora, ela morreu no dia de Nossa Senhora da Vitória. Ela tinha um sistema: batizava o filho com o nome de um santo, consagrava a ele e depois registrava com outro nome.” Ele foi batizado com o nome de Benedito, o nome do santo nascido em Palermo, na Itália, e a ele foi consagrado: “São Benedito Moro não é São Bento. Eu visitei seu sepulcro, no Convento de Santa Maria de Jesus, em Palermo, anexo a um convento franciscano.”

Sua mãe, muito católica e zelosa, estava sempre a mandar benzer os filhos, ele não esquece: “A benzedeira lá de casa se chamava Dona Marieta. Quantas vezes eu fui me benzer contra mau-olhado.” Não esquece também que “era obrigado, uma a duas vezes por ano, a tomar um vidro de óleo de ricino. As mulheres tomavam água inglesa.”

Dona Maria educava os filhos com muita disciplina e Luiz não se esquece disso: “Quando queria comer uma coisa antes das visitas ou sem autorização da minha mãe, a gente ganhava um beliscão que era para aprender a se comportar. As pessoas mais humildes eram convidadas a comer um pedaço de bolo, a entrar, a tomar um café.”

Do pai, ele conta: “Meu pai foi um batalhador, que veio do vermelho e tinha sonhos que conseguiu realizar. Então, ele que não teve família e não teve instrução, nos deu uma família estruturada.” O Sr. Alexandre tinha outras características: era rigoroso e enxergava longe. Como poucos. Todos os seus filhos, a partir de certa idade, estudaram em colégio interno. E eram, desde cedo, incentivados a trabalhar, fosse ajudando em casa ou no comércio. Não poderia ser diferente. Ele sempre trabalhou com afinco, como lembra, com admiração, o filho Luiz.

Alexandre Buaz começou como mascate, melhorou de vida, instalou um armazém de secos e molhados, passou a trabalhar com representações e montou duas fábricas: uma de sacolas de papel, outra de pregos. Tinha orgulho de dizer que era representante das Indústrias Matarazzo. Muitas vezes levou para o escritório, em dias alternados, Luiz e Américo, evitando assim as brigas de irmãos, comuns na infância. E fez mais que isso, como o filho conta: “Havia um bar, na

Avenida República, de Lázaro Pinto, e papai pedia para ele colocar a gente no caixa para ir recebendo disciplina”. A mãe também não descuidava desse aspecto: “Embora tivesse empregada, não se afastava dos afazeres domésticos. Nossa mãe nos induzia a ir à cozinha, ajudar a lavar os copos. A gente almoçava na hora certa, jantava na hora certa. Nós éramos disciplinados, e tínhamos respeito pelos outros.”

O pai, cuidadoso, atento e rigoroso, não tirava os olhos dos filhos. No dia em que encontrou o mais velho, José, jogando bola na rua, tomou a decisão de enviá-lo para um colégio interno. A partir daí, depois de concluir o Grupo Escolar, todos os seus filhos foram para o Rio, estudar: as meninas no Sacré Couer de Jesus, no Alto da Boa Vista; os meninos, no Colégio São José, na Tijuca. No Rio os homens cursariam a faculdade, à exceção de Benjamin, que estudou Medicina em Belo Horizonte.

Infância boa, no Parque Moscoso

Luiz nasceu num tempo em que todos moravam em casas, poucos em sobrados, e isso promovia uma proximidade muito grande entre os vizinhos. Vitória, que hoje não chega a ter 400 mil habitantes, era bem menor. Todos se conheciam, se frequentavam.

Naquela época, o clima na capital esfriava bastante no inverno. A primeira estação climatológica da cidade, instalada dois anos depois que Luiz Buaz nasceu, confirmaria: de 1923 a 1930 a capital registrou, no mês de outubro, em plena primavera, a média de 9,2 graus: uma temperatura que hoje Vitória não vive nem nos dias mais frios.

Não se passara mais que uma década desde que o Campinho, um grande mangue que era mais uma extensão da Cidade de Palha, a Vila Rubim, deixara de ser um terreno pantanoso, aterrado a mando do presidente de Província Henrique Moscoso, quando Luiz nasceu. O local começava a atrair a elite emergente da capital. Quem tinha bom poder aquisitivo construiu lá. Foi o que fez o pai de Luiz Buaz, naquela altura comerciante, e pouco tempo depois empresário, graças a um incomparável dinamismo e força de vontade. Talvez nem ele próprio pudesse imaginar que, tendo chegado ao Brasil aos 14 anos, sozinho e sem posses, aqui faria fortuna, um grande círculo de amizade e criaria uma família numerosa.

Foi o Parque Moscoso a razão de tanta gente querer morar num lu-



Elegantes, e vestidos como gêmeos, os irmãos Luiz e Américo à beira da mesma fonte do postal.



Acima o coreto do parque. Ao lado, a casa da família, que não mudou nada, a não ser a estátua no jardim.



gar até havia bem pouco inóspito. Bem planejado, era um bosque sem muros, de pouco mais de 24 mil metros quadrados, e muitos atrativos, como o lago com duas pequenas ilhas, pontes, alamedas. Projetado pelo arquiteto Paulo Motta Teixeira e inaugurado em 1912, o belo parque ajudou a atrair muitas famílias, “principalmente quem mexia com café”, para o seu entorno, formando um bairro que logo receberia o nome de Villa Moscoso. “Era o ponto principal para onde convergiam as famílias”, lembram tanto Lourdes, a irmã mais nova, quanto Luiz: “As pessoas sentavam na calçada, conversavam. Tinha sala de visita nas casas. Eu lembro que quando ia gente lá em casa mamãe festejava muito, com doces, licores.”

O bairro cresceu em torno do retângulo verde que era o parque, cercado pelas paralelas Avenida República e Rua 23 de Maio, e pelas transversais Avenida Cleto Nunes e Rua José de Anchieta. Além de outras quatro vias: Dona Júlia, Washington Pessoa, Thiers Veloso e Avenida Schmidt, hoje Florentino Avidos. Aos poucos, vielas como a Ladeira do Fogo foram sendo melhoradas e ganharam nome de pessoas importantes na história capixaba, como Dom Fernando, Bernardino Monteiro, Marcondes de Souza e soldado Apolinário dos Reis.



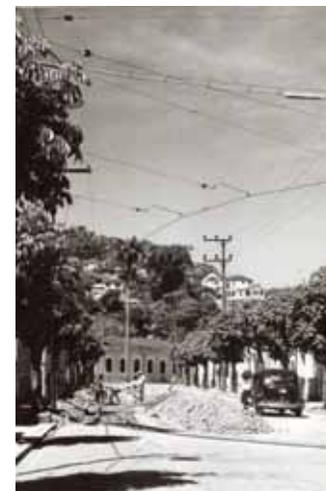
A Villa Moscoso abrangia, já na infância de Luiz Buaiz, a antiga Escadaria Cleto Nunes, hoje Escadaria Dr. Carlos Messina, praticamente atrás do Centro de Saúde, que um dia ele iria dirigir, e da Igreja Batista, na esquina da Avenida República com a Cleto Nunes. No pé da escadaria ficava a Casa Morgado. Ia até o sopé do morro da Chácara da família Zambeli, alcançava o largo onde foi construído o Quartel para a guarnição de Polícia, e onde foram erguidas duas fileiras de casas geminadas; e espraiava para a Vila Rubim. O limite parece ter sido a casa do primeiro prefeito de Vitória, Ceciliano Abel de Almeida, derrubada nos anos 80 para dar lugar a um edifício.

A Rua Dona Júlia, onde Luiz Buaiz nasceu, mudou muito. Mudou até mesmo de nome – hoje é Henrique Coutinho – mas basta parar na esquina com a 23 de Maio para ver que tanto a sólida e bela casa do Sr. Alexandre e de Dona Maria quanto a igualmente sólida e bonita casa que foi de Américo, mais novo dos filhos homens, estão do mesmo jeito. E ele recorda: “Eu só saí daqui dessa casa depois de casado. Vivi aqui os melhores anos de minha vida. Enquanto meu pai e minha mãe foram vivos, quantas vezes a gente se reunia na sala dessa casa... Quantas vezes a gente tirou foto de uniforme do Moinho São

À esquerda, os alicerces das casas geminadas, que aqui estão prontas. Hoje, são apenas memória.



O palacete, com cúpula, na ladeira Sta Clara, era residência de José Buaziz. As colunas são do Parque.



Acima, a Rua Dona Júlia, nos anos 1920. Na foto à direita, já se tornara Henrique Coutinho.



José. Embora fosse uma pessoa introvertida, ele gostava muito da família. Os genros mais pobres ele trazia aqui e dava dinheiro porque ele também foi muito pobre. Quando eu vejo o Moinho, sonho do meu pai, eu olho com muita ternura, com muita saudade. Talvez na simplicidade da vida que a gente viveu, não com essa ostentação.”

Também permanece de pé, na esquina em frente, a casa onde funcionou a Padaria Veneza, de Zezé Garcia, irmão do pianista Gilberto Garcia, conhecidíssimo na cidade. Mais adiante, seguindo pela calçada dos Buaiiz, na direção do Cinema São Luiz, bem na esquina em frente ao Edifício Canopus, também inteira, está a casa que foi de Mirabeau da Rocha Pimentel, importante personagem da história política do Espírito Santo, figura lendária e inesquecível na memória privilegiada do médico Luiz Buaiiz. Indo em frente, na mesma calçada, passando o sinal de trânsito, ficava a casa do irmão mais velho de Luiz, José Buaiiz.

O majestoso parque, a cerca de 100 metros da casa da família, foi marcante na infância, adolescência, juventude e maturidade de Luiz Buaiiz e continua, ainda hoje, uma referência afetiva. Ele posou para fotos na beirada da fonte, caminhou embaixo das árvores, atravessou

Aqui morou Mirabeau Pimentel, antes de deixar o Estado, a bordo de um navio italiano.



as pequenas pontes, se divertiu muito, se aborreceu com as transformações arquitetônicas feitas no Governo de Jones dos Santos Neves (preferia o Coreto, palco das retretas da banda da Polícia, à Concha Acústica), e andou por todas as ruas do seu entorno: a trabalho, para namorar, para ir às sessões do Cine Polytheama, para visitar amigos.

O Polytheama fez história entre os garotos da Villa Moscoso. Uma diversão indispensável, o cinema do bairro era proibido para as meninas e para as moças. Lá, quem impunha a ordem era o soldado Baiano. “Toda segunda-feira tinha fita em série e o grupo todo ia pro Polytheama. As séries eram as novelas de hoje. Mas era um cinema pobre, que tinha rato pelo chão e a gente se deliciava com isso. Na minha infância tinha muito respeito.”

Os meninos da Rua Dona Júlia e da Rua do Norte iam, em bando, ao cinema. Estavam sempre brincando juntos, e entre eles o menino muito magro, espirituoso, Luiz, que lembra isso tudo com muito gosto. Havia temporadas para as brincadeiras: bola de gude, peteca, amarelinha, “mamãe pode-mamãe não pode”, bilboquê, buliu, diabólô. Depois veio o pingue-pongue, que na sua casa era jogado na mesa que ficava no andar de baixo, onde as mulheres costuravam...

Um espectador na porta do Polytheama e o Ford, do outro lado, trazem de volta o passado.



Cartaz de um dos filmes que animavam a concorrida Sessão Colosso do Polytheama.

Esse andar era uma extensão da casa de onde Luiz não saía: “Quando meu avô morreu e minha avó teve câncer, a minha mãe acolheu-a aqui, com Tia Amélia, que conviveu conosco como irmã. Embaixo ela costurava. Era embaixo que nós, os rapazes, morávamos quando vínhamos do Rio.”

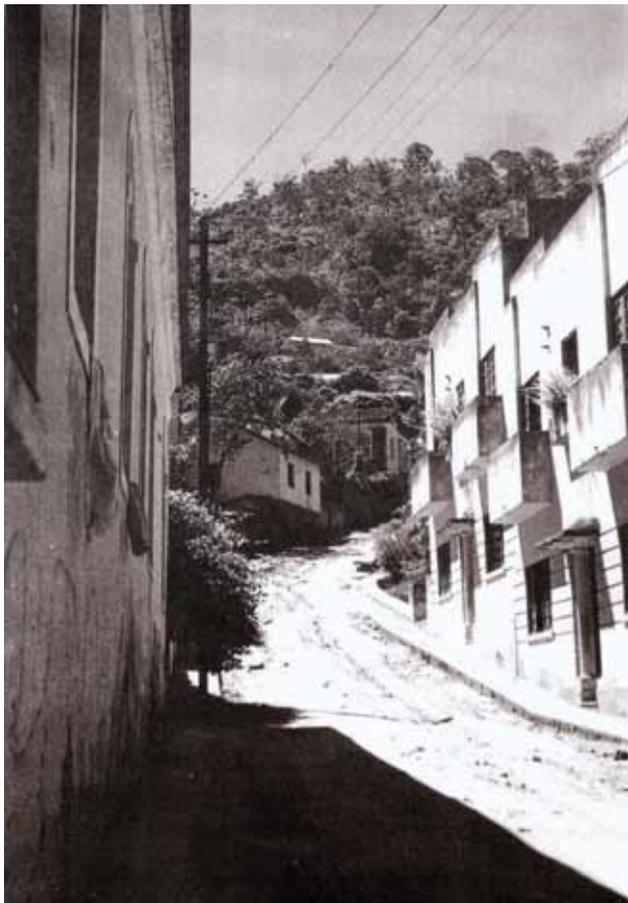
Quando não iam ao cinema – um deles o Carlos Gomes, quase tão cheio de ratos e pulgas quanto o Polytheama – iam ao parque, à praça ou ao circo, que era montado num terreno vago onde hoje está instalado o Moinho Buaiz ou no final da Capixaba, antes do aterro: “Todo fim de semana havia retreta da Polícia Militar, com hasteamento da bandeira, no Parque Moscoso e na Praça Independência. Em Vitória vinha muito o Circo Liendo. Ele era anunciado por uma moça de perna de pau, do lado de um elefante. Numa das sessões o burro escolhia a moça mais bonita e a minha irmã Lourdes foi escolhida uma vez.”

Junho era o mês de fazer e pular fogueiras, de milho e balões: “As crianças soltavam balão. Fazíamos balão com papel de seda e varetas. A bucha era com breu e querosene.” Muitas crianças corriam para pegar os balões na hora em que caíam, depois de gasta a bucha. Soltos à noite, iluminavam o céu. De dia, coloriam o espaço. Às vezes eram improvisados com jornais que já tinham sido lidos: muito balão foi feito com jornal velho, quando faltou papel de seda.

Motivo de algazarra e típica de Vitória, Luiz Buaiz lembra a revoadada de tanajuras e não esquece que a meninada corria para pegar quantas pudesse. Arrancavam as asas, fritavam e devoravam: “Revoadada de tanajura, vagalume, a gente não vê mais.”

As brincadeiras aconteciam mais nos fins de semana: “Nós brincávamos na subida aqui do morro. Lembro que Felício Jacó Saadi teve quatro filhas, que foram criadas como irmãs da gente e elas brincavam junto. A gente brincava de bandido e americano, eu era sempre o americano e Américo o bandido. A gente brincava muito por aqui, subia o Morro do Moscoso, ia à casa de Tetela.”

“A criançada se congregava permanentemente. Eu lembro que tinha uma senhora, Dona Ericina, mãe de Clóvis Lélis e Ariobaldo Lélis, médico cego casado com Dona Ônia... A meninada toda ia pra casa dela, tomava banho junto, no tanque, sem malícia nenhuma. Ali perto da subida do morro tinha a chácara do Zambeli, cheia de árvo-



Na infância e na adolescência Luiz subiu o Morro do Moscoso para visitar os amigos e a namorada.

res frutíferas. A gente ia pra lá pra se distrair. Na esquina de cá tinha o seu Arthur, que tinha um sítio em Viana, levava laranja, distribuía. Outro vizinho era Ariobaldo Leme. As pessoas viviam numa fraternidade invejável, que desapareceu. Eu vivi esse mundo maravilhoso, na minha infância.”

Já mais crescido, ele subiu muitas vezes o Morro do Moscoso. Para namorar e também para visitar Tetela e a família. “Eu gostava muito de Tetela. Ela trabalhava lá em casa.”

Luiz, menino inocente ainda, começou a namorar, aos 15 anos mais ou menos, Arlita Lírio. O pai não gostava, ele teve que esquecer. Ela terminou se casando com um sargento do Exército e foi para o Rio de Janeiro.

Ele deixa de lado a fugaz tristeza dessa lembrança e fala de outras, quando ainda criança. A sua mãe, além do hábito de dar aos filhos, temporariamente, o nome de santos, fazia promessas, e havia uma que incomodava um pouco: até por volta dos 9 anos os meninos da casa não cortavam o cabelo. “Íamos para o colégio de trança e em muitos carnavais nós nos fantasiávamos de cigana, aproveitando as tranças.” Ele lembra que, muito cedo, Américo revoltou-se com isso. Aos 6 anos ele convenceu o pai a interceder, ir até o padre para livrá-lo da promessa materna. E teve êxito: conseguiu se livrar das tranças.

Um outro hábito pode não ter sido por penitência, mas parecia: todas as vezes que iam ao Convento, subiam aquela ladeira toda a pé. Pela estrada velha. Disso, no entanto, ninguém, nem ele, nem os irmãos, se queixava. A religião era natural na sua família e nada, nesse aspecto, era visto como sacrifício. Subiam felizes a estradinha tortuosa do Convento. O hábito só iria mudar quando ele já estava adulto e comprou seu primeiro carro, um Fiat Pulga, com motor traseiro. Não muito potente, o automóvel parou no início da subida porque estava cheio e porque, ele conta sorrindo, sua mãe, no banco de trás, nessa época já estava muito gorda. Foram obrigados a voltar ao velho hábito de subir a pé a ladeira do Convento.

O primeiro carro de seu pai não faria feio, como o seu: era um Nash. Não era conversível, como já havia na época, mas era muito potente e nele cabia a família inteira. Falando do Nash, Luiz lembra que os carros da sua infância e juventude eram Austin, Ford, Chevrolet, Simca Chambord. Só havia carro importado. E João Monteiro é



que vendia. Ele tinha uma revenda, que era também oficina, na Rua Washington Pessoa.

Tão bom quanto desfilas de carro, passear e ir à missa aos domingos era saborear a comida que Dona Maria fazia. Os amigos mais próximos, como Arabelo do Rosário e Douglas Puppim, não cansam de dizer que iam com prazer especial almoçar na casa de Luiz que, lembrando-se dos pratos preparados pela mãe, conta que adora quibe cru, mas a vontade que tem mesmo é de voltar a comer bucho de carneiro recheado de arroz e grão-de-bico: “Não se faz mais, mas é uma delícia!”

Vitória dos anos 1920 aos 50

Luiz Buaziz só tem lembranças boas dessa primeira década de sua vida, mas nos anos 20 Vitória padecia com problemas de saúde. Havia poucos médicos, e algumas áreas estavam mais desguarnecidas que outras. Psiquiatria era uma delas. Dermatologia era outra. De forma geral, havia problemas e na raiz de tudo estavam dificuldades econômicas.

A Santa Casa de Vitória – da qual Luiz Buaziz iria ser Provedor por

Durante muitos anos, Luiz e sua família fizeram a pé o caminho antigo que leva até o Convento.

Em primeiro plano, casas com parte do teto em zinco. Acima, a Sta Casa: um pavilhão já está pronto.



três gestões – estava em funcionamento havia uma década quando ele nasceu. Inaugurada em 1910, fora construída no monte da Fazenda do Campinho, num terreno doado por Dona Maria de Oliveira Subtil à irmandade criada pelo donatário Vasco Fernandes Coutinho, no terceiro quartel do século XVI. Funcionando em um prédio bem menor que o atual e com a ajuda de abnegados, quando Luiz Buaziz nasceu a Santa Casa ainda não oferecia o atendimento ideal aos portadores de doenças venéreas e de distúrbios mentais, porque não podia abrigá-los como internos.

A Venereologia era um segmento da Medicina a que poucos médicos queriam se dedicar, embora Vitória, uma cidade portuária, necessitasse de grande atenção para evitar contágio e disseminação indiscriminada. Navios mercantes de várias regiões do mundo fundeavam aqui, e os marinheiros faziam incursões ao meretrício. Era uma época, como Luiz Buaziz assinalaria 90 anos depois, em que a iniciação sexual dos meninos acontecia nas casas de prostituição. Necessário, portanto, o controle. E este era feito da maneira possível, até mesmo com ajuda da força policial. Quando foi Chefe do Centro de Saúde, já médico atuante na sua cidade, o próprio Luiz Buaziz cuidou desse con-



trole: semanalmente as prostitutas da cidade precisavam ir ao Centro de Saúde. Aquela que não fosse era buscada à força por um soldado do Quartel sediado no Parque Moscoso.

“A visitadora sanitária, Maria Pádua, e o guarda da Polícia Especial, que usava um boné vermelho, o Altamiro, iam buscar quem não ia à consulta de rotina.”

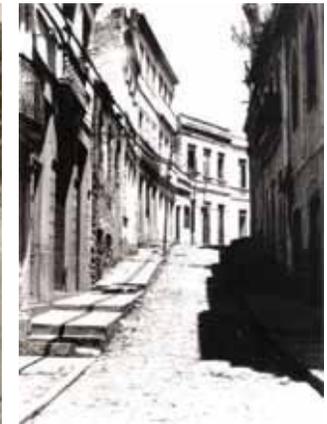
O Quartel, aliás, estava relativamente perto de uma das zonas de perigo: os números 120 e 130 da Rua General Osório, casas controladas por Juju. Era bem nas imediações do Cine Polytheama. Dali, seguindo em frente, numa linha reta, chegava-se ao Quartel. Mais em direção à Praça Independência, perto da Catedral, “na Duque de Caxias, tinha um *rendez-vous*, onde se levavam mulheres, mas escondido,” recorda ainda Luiz Buaiz. A Duque de Caxias fica atrás da Praça Oito, paralela à Avenida Jerônimo Monteiro, e lá funcionou, nos anos 60, o Farolito.

Além desses três lugares havia um, na Ilha do Príncipe, comandado por Maria Tomba Homem. E a Volta de Caratoíra, no caminho para o bairro Santo Antônio, onde estava instalado o principal reduto de prostituição. Era lá que Aurora Gorda, espécie de gerente, ganhava

A Ilha do Príncipe sediava a fábrica de Guaraná Poranga, mas lá também havia núcleos de prostituição.



Na Volta de Caratoíra, à esquerda, havia a Casa Branca. Na Duque de Caxias, o Farolito.



a vida com as suas meninas, que atendiam, numa ampla casa de 40 quartos, a classe média de Vitória. Na Volta de Caratoíra funcionavam várias casas que ganharam notoriedade, entre elas a Casa Branca, voltada aos frequentadores da elite.

O tratamento médico semanal a que eram submetidas essas mulheres era doloroso e praticamente inócuo, no entanto era o único recurso de que dispunha a Medicina da época. Cada uma das 15 – às vezes 20 – mulheres que havia em cada casa recebia uma injeção de bismuto e arsênico para combater a sífilis, então a doença sexualmente transmissível mais grave. “Sífilis pode levar à paralisia dos membros inferiores e, geralmente, ataca o cérebro, o sistema nervoso. Pode chegar ainda ao coração. Não eram raros os casos em Vitória. Era preciso quebrar a cadeia de contágio venéreo, por isso o controle severo e permanente”, explica Dr. Luiz.

Essas mulheres, na maioria, chegavam a Vitória vindo do interior. Trabalhavam numa clandestinidade consentida. “Antigamente era um estigma muito grande perder a virgindade. Essas mulheres chegavam aqui nessas condições e na maioria das vezes não encontravam outra forma de sustento. O homem não queria se casar com a moça



que perdia a virgindade. Alguns casamentos aconteciam, mas só depois que os pais da moça pediam ajuda numa delegacia, o que por si só já era uma vergonha.”

Os marinheiros dos navios que fundeavam na costa de Vitória chegavam ao Porto dos Padres, ao Cais do Imperador, a bordo de botes conduzidos pelos catraieiros. Desciam e, se não ficavam pelo Centro, ou no Parque Moscoso, pegavam o bonde e iam para Caratoíra. Descer diretamente no Cais do Porto só foi possível a partir de 1940, depois que a Baía de Vitória foi dragada para ficar mais profunda, permitindo a atracação dos navios. Até então as grandes embarcações ficavam afastadas da terra.

Embarcar para viagem, desembarcar na chegada, desembarcar mercadorias, tudo isso envolvia operações de risco, a partir de certo tempo controladas por uma única pessoa: o comerciante Antenor Guimarães. “O trapiche era controlado por ele, que trazia as mercadorias do navio até o cais e enriqueceu com isso.” Para embarcar, ia-se de bote até o navio, e subia-se por uma espécie de escada de cordas grossas. Aconteciam acidentes, às vezes. As cenas de embarque, com uma multidão observando do trapiche, para dizer adeus ou por curiosidade, eram cinematográficas.

Essa foi uma época em que Vitória tinha apenas a Avenida Jerônimo Monteiro, que a partir de certa altura era a Capechaba, e ao longo da qual o comércio tinha acesso direto ao mar. Toda casa comercial tinha atracadouro, se servia de um pequeno cais. E os trapiches eram três: Irmãos Vivacqua, Antenor Guimarães (o maior deles, aquele a que se refere Luiz Buaiç) e Mesquita e Companhia. Na direção da Praça Independência (hoje Costa Pereira) e dando para o mar, funcionava o Éden Parque, espaço semicoberto que comportava em torno de 150 pessoas, onde aconteciam, entre outras festividades, os bailes de Carnaval, com mascarados que se misturavam a homens de terno e gravata. Foi o primeiro lugar a exibir um filme, aqui.

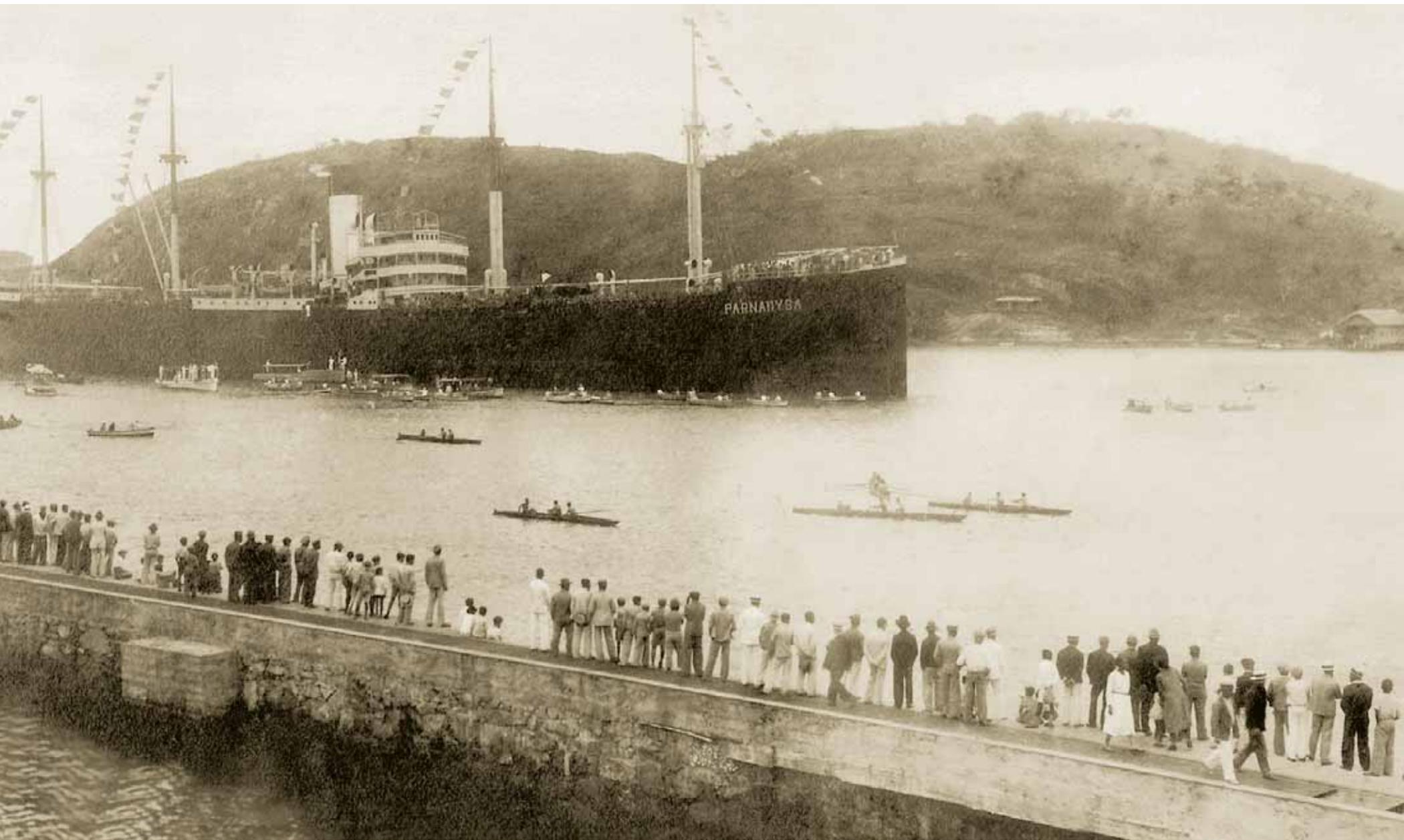
Mas o risco de transmissão de doenças venéreas era só um dos muitos problemas de saúde que afligiam a capital. Vitória também não contava com um lugar para receber e internar os alienados, como eram chamados aqueles com distúrbios mentais. A Santa Casa fora a primeira a acolhê-los, até que, em 1889, o novo administrador percebeu a situação deplorável em que se encontravam e fechou a seção.



Um asilo começara a ser construído na Praia de Bento Ferreira, no final do século XIX, mas a queda do preço do café – base da economia espírito-santense – no mercado internacional levava à interrupção das obras. Os loucos primeiro foram mandados de navio para o Rio de Janeiro. Depois passaram a ser recolhidos ao Quartel de Polícia, onde hoje funciona uma representação do Serviço Social do Comércio (Sesc). Ali era o Largo do Campinho e hoje é a Praça Misael Pena.

Mudanças no setor de Saúde aconteceriam vagarosa e pontualmente. Exatamente em 1921, ano de nascimento daquele que viria a ser um dos maiores médicos de toda a história do Espírito Santo, a situação ainda era preocupante. Os moradores se queixavam do descontrole do grande número de mendigos e alienados espalhados pelas ruas. Os alienados ora estavam recolhidos no Quartel, ora estavam a vagar pela cidade, causando confusões. Crescia a cada ano o número de pessoas nessas condições. Os mais humildes, que aqui chegavam dos estados vizinhos, atraídos por perspectivas de trabalho que não se concretizavam, logo se transformavam em pedintes. E, junto com os alienados – que às vezes podiam sair das celas e flunar pelas ruas – causavam distúrbios, incomodando a cidade pacata e simples.

Os animados
carnavais do
Éden Parque,
bem perto do mar,
reuniam o
capixaba da gema.



Em 1921 Nestor Gomes firma um contrato com o Asylo Deus, Christo e Caridade, de Cachoeiro de Itapemirim, para enviar à instituição os alienados que até então só tinham um destino: permanecer encarcerados. Em 14 de julho desse mesmo ano foi inaugurado um pavilhão especial naquele asilo e para lá Vitória enviou os primeiros seis internos.

Pouco antes que o ano de 1921 terminasse, a capital, Victoria, ganharia uma novidade. No dia 30 de dezembro, o tenente-coronel Archimimo Martins de Mattos (hoje nome de rua em Santo Antônio) criou, na Polícia Militar, uma Secção de Bombeiros, que apagava incêndios e ajudava a recolher aqueles que perambulavam sem rumo.

Relatório do Presidente de Província, Florentino Avidos, datado de 1928, sete anos depois, traz, em sua página 55, uma informação que mostra a atração que o Espírito Santo sempre despertou: “Em Victoria, não há propriamente mendigos aqui vinculados pelos laços de família ou de nascimento... O número dos que vivem da caridade pública accentuou-se com a entrada de elementos estranhos, vindos atraídos pela fama de prosperidade que o nosso Estado tem desfrutado nesses últimos tempos”.



O corneteiro da guarnição do Quartel de Polícia acordava a Villa Moscoso com o toque da alvorada.

Trem com baldeação e avião que pousava na água

Mas antes disso, quando Luiz Buaiz nasceu, havia pouco mais de um ano que o coronel Nestor Gomes substituíra Bernardino Monteiro na presidência da Província e estava decidido a deixar sua marca no Governo. Nestor Gomes era presbiteriano e foi o primeiro representante não católico à frente do governo estadual. Ele queria modernizar a capital, promover o crescimento e para isso tentava também levar o progresso ao interior do estado. Em agosto de 1921 andava às voltas com o Rio Itaúnas, que banha boa parte do norte do Estado. Queria fazê-lo navegável na maior extensão possível. Cuidava dos procedimentos necessários para a abertura do canal que o ligaria ao Porto de São Mateus, importante entreposto de escoamento da produção agrícola da região Norte, a maior parte proveniente da Colônia Germânica. O trânsito fluvial era indispensável numa época em que pouco havia de estradas cortando o Espírito Santo. Eram as ferrovias que garantiam o intercâmbio, possibilitando as viagens e ajudando no escoamento da produção. Interligavam o Sul do estado, como Itapemirim a Villa do Alegre, a Castelo e a Victoria do Rio Pardo, ou ligavam o Espírito Santo ao Rio de Janeiro.

Da Estação de Eugênio Renê, em Porto das Argolas, a Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo partia em direção a Cachoeiro de Itapemirim, passando por Vianna, Santa Isabel e Mathilde, entroncava-se com a Itapemirim-Allegre-Castelo e prosseguia até a divisa com Minas Gerais, em Santa Luzia do Carangola. O trecho Estação de Itabapoana-Carangola era sempre movimentado. Levava capixabas a Minas Gerais e os trazia de volta, mas a quantidade de mineiros que migrava para o Espírito Santo era sempre maior que o número daqueles que daqui saíam. Ainda estava em estudos a criação da estrada que, numa rota bem diferente, partiria de São Matheus dos Aymorés, norte do Espírito Santo, até Minas Gerais, e apressaria o fim dos índios botocudos.

A Estação de São Carlos, da Estrada de Ferro Vitória-Diamantina (empresa com sede em Paris até 1910), também ficava em Argolas e também ligava a capital a Minas Gerais, percorrendo 783 quilômetros. O trem saía da estação e, entre as muitas propriedades que cortava, estava a Fazenda Modelo Sapucaya, tocada por colonos alemães e portugueses que, além de café, comum em terras capixabas,



plantaram trigo, aveia, algodão e arroz, culturas exóticas no Espírito Santo e que por isso mesmo atraíam a atenção dos passageiros.

Para ir ao Rio de Janeiro, capital federal, havia duas possibilidades: viajar de trem ou, a partir de 1939, de hidroavião. De carro era praticamente inviável. O acesso por rodovia era difícil, com trechos interrompidos, e a estrada era pouco melhor que uma rota de tropeiros. Um itinerário arduamente vencido pelos ônibus, até que o interventor Puñaro Bley desse início, nos anos 1930, à construção da rodovia.

As viagens de trem eram corriqueiras. O embarque acontecia na Estação Leopoldina. Eram 22 horas de viagem de Vitória ao Rio. O trem saía da capital às 10 da manhã e chegava ao Rio às 8 da manhã do dia seguinte. Uma viagem que Luiz Buaiz fez quando foi estudar no Colégio São José. E que fez também em 1936, quando a família foi prestigiar a formatura do médico Benjamin. Dessa vez, no entanto, foi preciso fazer baldeação no meio do caminho para chegar a Belo Horizonte. Benjamin foi o único dos irmãos que não estudou no Rio. Um exame de rotina apontou um problema pulmonar e como a capital mineira oferecia o melhor clima para esses casos, ele foi para lá.

Para ir à capital federal de avião, o embarque era em Santo Antô-

Pela Estação da Leopoldina passavam os passageiros que iam para o Rio ou chegavam de lá.



nio. No Cais do Avião, pequeno hidroporto com flutuador, pousavam aviões da Panair, da Cruzeiro e da Pan America. A Panair do Brasil, que foi a maior companhia aérea brasileira até 1965 e que, na rota Brasil-Europa servia os passageiros com talheres de prata e copos de cristal, inseriu Vitória como escala da rota intercontinental Nova Iorque-Buenos Aires. Os voos aconteciam de duas a três vezes por semana, e a viagem normal durava de três horas e meia a quatro horas.

Só em 1942 começaria a ser construído o aeroporto da capital, num terreno que era do Aeroclub de Espírito Santo. Um ano depois, em plena Segunda Guerra Mundial, ele entraria em operação e em 1946 já tinha pista de 1.500 metros por 45 de largura. Na época o lugar era um areal com muitas goiabeiras e pitangueiras. Numa alusão ao passado, hoje ele é o Aeroporto de Goiabeiras.

Quem viveu na Victoria dos anos 30 viu hidroaviões e dirigíveis sobrevoarem a cidade. Cartões postais e páginas de revistas locais comprovam isso. Luiz Buaiz tem vívida na memória a imagem de um zepelim flutuando nos céus, antes da Segunda Guerra, e também não esquece as fotos que viu, como a que ilustrou uma das capas da *Revista Chanaan*, em 1936, atestando o fato.

No Cais do Avião pousavam os aviões da Panair, da Cruzeiro e da Pan America.

Educação e religiosidade

No ano em que Luiz Buaz nasceu, os católicos capixabas do entorno de Vitória começavam a dividir com outras denominações o seu fervor religioso: foi construída, na região de Jardim América, Campo Grande, uma Igreja Evangélica Assembleia de Deus, novidade que chegara ao Brasil dez anos antes, trazida pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren.

Desde 1887 já havia um templo luterano no Espírito Santo, em Domingos Martins, na época Campinho de Santa Isabel. Em 1903, encostada no Morro de Argolas, próximo à estação de trem, foi instalada a Primeira Igreja Batista de Vitória, a partir de um grupo de 14 pessoas, mas a construção de uma igreja não católica no coração da capital demorou um pouco.

Luiz Buaz era criança quando foi instalada em Vitória a primeira igreja não católica. A iniciativa foi dos batistas, que para ficar precisaram atender a uma exigência dos moradores: a igreja poderia ser construída, desde que tivesse vitrais coloridos. E assim foi feito. Velhos moradores do Parque Moscoso e Cidade Alta lembram-se bem dessa igreja, erguida na esquina da Cleto Nunes com a Florentino



Em 1951, uma multidão participa, na Catedral em construção, de um grande Congresso Eucarístico.

Avidos, e já derrubada. Em seu lugar funciona hoje o Fórum Trabalhista de Vitória. Muita gente que mora no bairro lembra também que rente ao seu pequeno muro, os arbustos plantados para embelezamento emprestaram muitas folhas para adornar doces de aniversário em forma de morango. Ao lado de pratos de cajuzinhos, olhos-de-sogra e negas-malucas, os moranguinhos pontuariam nas festas infantis dos anos 50 e 60, época em que a fruta, ainda não cultivada aqui, só era conhecida das páginas de revistas.

Não ser católico era novidade. Os batistas, além da igreja, construíram o Colégio Americano, que ganharia projeção e formaria nomes importantes da nossa história recente, como dois amigos de Luiz Buaz: o político Elcio Álvares e o médico Saulo Ribeiro do Val. O Americano Batista foi fundado pelo norte-americano Loren Reno e começou a funcionar em 1907, com aulas ministradas pelo missionário na própria casa, no número 79 da Avenida Schmidt, hoje Florentino Avidos. A sua casa foi, portanto, o núcleo inicial do colégio. Em 1919, Loren Reno comprou uma chácara no Morro do Moscoso – lugar de incursões frequentes de Luiz Buaz – onde construiria o Colégio, com ginásio e curso infantil. O Americano está na memória



O Americano, com suas elegantes colunas, está na memória de quem morou na Villa Moscoso.



No olhar firme e determinado, a maturidade desconcertante do menino Luiz, aluno do São José.



Na 1ª Comunhão, o olhar é triste e sereno. No terno, o laço branco. Na mão, um missal e o terço.

de todos que moraram no Parque Moscoso e que lá estudaram, como escola que alcançou respeito e admiração.

Depois chegariam outras denominações. Luiz Buaiç lembra que na sua adolescência Vitória já contava com igrejas presbiteriana e luterana, além da batista: “O grosso eram essas, derivativas da religião católica, mas mas com os mesmos princípios bíblicos, havia o mesmo respeito. Eu lembro muito que o que fez a Igreja Católica perder espaço foi a falta da catequese. Certa idade o menino ia pra lá pra estudar catecismo. Aprendia todos os mandamentos da lei de Deus. Então isso fazia parte da vida da gente. Mas a grande religião era a católica. As procissões eram uma consagração. Lembro a procissão de São Benedito, que sempre saiu do mesmo lugar, na Rua do Rosário. Ia uma massa humana atrás do santo, cantando os cantos religiosos daquele tempo.”

Eminentemente católica, Vitória tinha um bom número de igrejas e capelas. Luiz Buaiç se recorda: “Todo mundo ia à missa. Era muito comum ir à missa do Carmo, ou da Catedral. Havia as igrejas de predileção de cada família. Mas todo mundo consagrava, confessava. A comunhão era um ato de profundo respeito. Você ajoelhava conrito, tinha mesa de comunhão com uma toalha branca em cima... Hoje você não sabe o que está no coração das pessoas. Vitória sofreu uma grande mudança!”

Além da Catedral e da Igreja do Carmo, eventualmente havia missa na Capela de Santa Luzia, na Igreja de São Gonçalo, na Igreja de São Benedito do Rosário. A Igreja de São Thiago já se transformara na sede do governo estadual e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição já havia sido derrubada para a construção do Melpômene. Isso apenas no Centro, porque havia também uma igreja em Santo Antônio, outra em Jucutuquara. Só anos depois seriam construídas as igrejas da Praia do Suá, da Praia do Canto e o Santuário de Santo Antônio, onde se casaria Lourdes, a irmã mais nova de Luiz Buaiç. Recentemente surgiram outras, como a Igreja de São Camilo, na Mata da Praia, hoje frequentada por Luiz Buaiç, que continua devoto de São Benedito do Rosário e, quando pode, vai à missa da Catedral.

Enumerar igrejas de Vitória é uma doce lembrança, que convive com outras, como as da vida escolar de Dr. Luiz: “Nos colégios havia aula de Educação Moral e Cívica. As professoras iam ver se as



Fim da procissão:
os devotos de
São Benedito
voltam à Igreja
do Rosário com o
andor do santo.



orelhas da gente estavam limpas, as unhas cortadas, os dentes bem tratados... Tudo isso era muito carinho que a gente recebia.”

Luiz Buaz começou como aluno de Dona Odete Paiva. Depois, passaria para a escola de Dona Esterzinha Oliveira, na Thiers Veloso, rua onde anos mais tarde funcionaria a Merenda Escolar, dirigida por Diva Duarte, esposa do apresentador da *TV Tupi* em Vitória, Duarte Júnior, e onde funcionou também a Papelaria Santana.

Estudou com Dona Esterzinha para a admissão ao ginásio. Então, foi para o Rio fazer a quinta série. Ficar afastado dos pais e irmãos, numa época de tanta coesão familiar, poderia ter sido traumático. Mas ele não sentiu nem receio. A vontade de conhecer outro lugar e o espírito de aventura despertado pelo que as pessoas falavam da viagem e do Rio, deixaram-no entusiasmado. Quando chegou, ele se sentiu em casa: a disciplina, a organização e a religiosidade do colégio dos Irmãos Maristas soaram acolhedoras. Mas o seu irmão Américo, dois anos mais novo, estranharia. Luiz Buaz conta que todo dia, às 6 da tarde, a hora da Ave-Maria, a hora da saudade, o irmão menor chorava.

Voltando às escolas de Vitória, havia ainda a Igreja do Carmo e

O imponente Colégio do Carmo educou, durante décadas, moças da alta sociedade da capital do Estado.



o Colégio do Carmo, este só para moças, a maioria de famílias de maior poder aquisitivo. Ficava na Cidade Alta, entre a Rua 7 e a Gama Rosa. O Carmo tinha internato, e entre os seus professores figurou o folclorista Guilherme Santos Neves.

Para os rapazes havia o Colégio Espírito Santo. Foi lá que estudou Benjamin, irmão imediatamente mais velho que Luiz. Ficava no alto da Wilson Freitas, de onde se viam a Barão de Monjardim e o mar. O Colégio Espírito Santo substituiu o excelente Liceu, criado em 1834, que ensinava Latim, Francês, Retórica, Filosofia Racional e Moral, Aritmética, Geografia, História, Geometria e Música. Quem passasse pelo Liceu estava apto a cursar uma das academias imperiais.

Além desses, lembra Luiz, “o Colégio São Vicente de Paulo, fundado por Aristóbulo e Kosciuszko Barbosa Leão. Depois é que vieram o Salesiano e o Marista.” O São Vicente tinha professores de projeção, como o próprio Aristóbulo, que, dinâmico e entusiasta da Educação, além das aulas, promovia excursões com seus alunos. Também contava com José Leão, de Português, que presidiu muitas bancas examinadoras em Vitória. Além dele, entre outros, Rui Lóra, que lecionava Francês, e o severo João de Almeida, professor de Matemática.

O bonde lotado se prepara para a curva da Barão de Monjardim. No alto, o Ginásio Espírito Santo.



Acima, alunos do rigoroso São Vicente. Ao lado, as professorinhas da Escola Normal: aula de Ciências.

Havia também a Escola Normal Pedro II, criada em 1892 pelo então presidente de Província, José de Melo Carvalho Moniz Freire. Na Escola Normal, colégio público que preparava as moças de Vitória para o magistério – e para o casamento – estudava quem não ia para o Carmo, o colégio das irmãs. Mas a Escola Normal oferecia uma educação igualmente sólida. Nos anos 1920, tinha um *currículum* semelhante ao do Carmo e, em parte, ao das demais escolas do estado: Português, Litteratura Nacional, Francez, Arithmética, Noções de Cosmographia, Desenho e Calligraphia, Música, Trabalhos Manuais, Álgebra, Corographia do Brasil, História Universal e do Brasil, Pedagogia, Phisica, Chimica, História Natural, Hygiene Escolar e Pratica Pedagógica, esta uma disciplina tão importante que era ministrada pelo próprio Diretor.

Além do diretor, um time de peso lecionava na Escola Normal: Ana Maria Bernardes, professora de Psicologia, Ignácio Pessoa, de Biologia. O engenheiro João Beleza – que dirigiria a Vale do Rio Doce – ministrava as aulas de Física. Até um prefeito de Vitória, Ceres Peireira, foi professor na Escola Normal. Afinal, ela formava para o Magistério, responsável por educar gerações e gerações, na capital e no interior do estado.

Era difícil, ainda assim, conseguir professores. Não para o Grupo Escolar, mas para as escolas que ministravam aulas para o Gymnasio, lembra Luiz Buaiz: “Você, pra dar aula naquele tempo, tinha que ter um registro no Ministério da Educação. Eram poucos os professores. Eu era um deles. Nós nos dividíamos entre as escolas de Vitória. Dei aula no Carmo, no Estadual e no São Vicente.” No Estadual, Luiz Buaiz foi professor durante 15 anos. Ele recorda: “Então, quando você estudava, se era menino, ia para o Colégio Estadual, onde era difícil entrar. Tinha um exame que era difícil, era penoso.”

Os colégios movimentavam não só a vida dos estudantes, mas toda a cidade. A disputa entre eles, em competições esportivas, torneios e desfiles de 7 de Setembro, mobilizava Vitória. “As escolas disputavam torneios, eram criativas”, avalia Luiz Buaiz, que lembra muito a agremiação do Colégio Estadual, a Uages, e o concurso para eleger a sua Miss. “Léa Manhães foi Miss Uages, era uma mulher muito bonita.”

Até os anos 50, para o capixaba cursar a faculdade ele precisava mudar de Estado. A maioria ia para o Rio. “A primeira faculdade



Acima, o Colégio Estadual. À esquerda, as moças da Uages, sua agremiação, estão vestidas de branco.

aqui foi a de Odontologia, e o Doutor Pantojas foi o seu primeiro diretor. Depois dessa foi criada a Faculdade de Farmácia. Demorou a ser criada a primeira de Medicina. Aconteceu no governo do Chiquinho. Depois, no Governo de Juscelino, por iniciativa do deputado Dirceu Cardoso, que conseguiu a assinatura na última hora, é que a Ufes começou a crescer.”

Esse tempo ficou no passado, como enfatiza Luiz Buaziz: “Hoje o ensino se deteriorou. Eu, como professor, ganhava mais que um médico e não pagava imposto de renda sobre o que ganhava. Então, levei de 1947 a 1962 dando aula no Estadual. Eu conheci lá Arabelo do Rosário, que se tornou amigo e eu quero bem a ele mais do que a um irmão.”

O comércio e o quebra-quebra

Luiz volta no tempo e começa a se lembrar de um hábito comum em sua casa, a mesada. Com a sua ele comprava balas Fruna, que a criançada toda considerava irresistíveis. Elas vinham com figurinhas disputadíssimas. Como hoje, às vésperas de Copa do Mundo, as crianças colecionavam as estampas. As figurinhas das balas Fruna eram de artistas de cinema. Havia um álbum a ser preenchido e o pequeno Luiz, como as outras crianças, negociava as que tinha em duplicata.

Entre as balas, uma tinha sabor especial: o Caramelo de Lisboa. Havia também a prata da casa: “Na Rua Barão de Itapemirim havia uma fábrica de balas. Ouvi muito os vendedores apregoando: ‘Olha o pirulito espetado no palito!’”

Outra atração fazia a alegria das crianças: “A fábrica de gelo do Zanchetti, em frente ao São Luiz. As pessoas colocavam o gelo em cima de uma serpentina que gelava a água. E tinha um picolé que era redondinho. E o Polar, ainda.” Depois disso veio a geladeira a gás, que foi uma revolução. Era vendida na Mesbla.

Tão esperada quanto a hora de comprar picolé era a hora de tomar guaraná. Luiz se lembra de onde vinha o refrigerante, em Vitória: “Teve fábrica de guaraná, de Píndaro Prado, na Ilha do Príncipe. E quem mandava era a mulher. De vez em quando explodia, porque fermentava muito.” Muitos anos depois, chegaria uma novidade: “Uma fábrica da Antarctica, em Araçatiba. Trajano Santos, pai de Arthur



Carlos Gerhardt Santos, foi o seu primeiro diretor. E a Coca-Cola derrubou.”

Numa cidade em que costumava faltar luz, “principalmente no Governo Jones”, havia um comércio atraente, e três pólos onde se concentrava: a Rua do Commercio, a Avenida Jerônimo Monteiro e a Praça Independência.

A Rua do Commercio, hoje Avenida Duarte Lemos, era um movimento só. Ela começava na Cidade de Palha, ultrapassava o atual Moinho Buaziz e ia em direção ao Cais do Imperador, na frente do palácio. Hoje vai da altura do Náutico Brasil até a esquina da General Osório, onde está o Centro de Saúde. Antigamente a Rua do Commercio dava para o mar.

Luiz Buaziz tinha um fascínio especial pela loja de bicicletas da família De Prá, que ficava nessa rua, de muitas casas comerciais, que entre outras coisas vendiam alimentos, pregos, madeira para tamanhos e sementes. Ele enumera o comércio de ferragens de Zacarias Fernandes Moça e da Casa Vicentini, em frente à qual ficava o Caldo de Cana Estrela; a Casa Rubim, que vendia – e ainda vende – vasilhas; o comércio de couro; a loja Zé do Balão, de fogos, fósforo colorido e

A Rua do Comércio dava direto para o mar e reunia importantes lojas da cidade.



estrelinha; o Bar Santos, famoso pela sinuca frequentada pelo alfaiate Taneco (que era o ás e chamariz da casa) e pela barquete, pão francês com queijo derretido, item certo na mesa de jornalistas, médicos e trabalhadores que encerravam a jornada já na madrugada. Hoje reformado, o bar mantém a barquete no cardápio.

Na saída para Santo Antônio, depois do estaleiro de barcos do Álvares e bem antes da sede do Náutico Brasil, ainda na Rua do Commercio, ficava o Restaurante Mar e Terra. Lá, o prato disputado era a galinha ao molho pardo. Em frente à subida do Morro do Quadro, funcionando numa portinha estreita, trabalhava o maleiro mais disputado de todo o estado: ali ele fabricava os malões de madeira que todas as noivas da cidade compravam para guardar os enxovais.

O comércio da família Buaziz, representação e armazém de alimentos secos e molhados, funcionava na Avenida Schmidt, hoje Avenida Florentino Avidos. Anos depois, na mesma avenida, ao lado da Farmácia Rangel, a família Neffa inauguraria o Supermercado São José. Mais adiante, já bem perto do Palácio, onde por muito tempo seria o Hotel Estoril, funcionou a Casa Renner.

Na Jerônimo Monteiro, que em quase toda extensão tinha comér-

A Flor de Maio saiu da Jerônimo Monteiro para a Praça 8, onde ficou até fechar, em 2010.

cio de um e de outro lado, havia hotéis, cinemas, jornais, bares, lojas de tecido e escritórios. O comércio de Antenor Guimarães, depois de Orlando Guimarães (vendia telefones magneto, de baquelita) o Correio e a loja de Tuffi Buaiz (que foi prefeito de Vila Velha) ficavam nessa avenida. A Flor de Maio funcionou em dois lugares, na Jerônimo Monteiro. Vendeu chapéus, bengalas, malas, lenços e outros “artigos para cavalheiros” durante quase um século e fechou as portas em 2010, já no segundo endereço, no coração da Praça 8.

Na praça, lugar de reunião dos políticos, um dos pontos mais conhecidos era o Café do Almeidinha. Bem ao lado da Farmácia Aguirre, ali paravam todos que moravam no Centro ou que pegavam o bonde e ônibus para “ir à Cidade”. Como em Londres, o coração de Vitória sempre foi “A Cidade”.

As farmácias da Cidade eram em bom número. “Luiz Buaiz enumerava: Aguirre, Rangel, Klinger, Villaschi”. E emenda, lembrando agora a Sapataria Indígena e a Calçados Pianna.

Loja importante até os anos 40 era a Casa Verde. Depois chegariam o Empório Capixaba, a Singer, Pernambucanas, Casa Huddersfield, e Casa Hilal, esta de grandes amigos de Luiz Buaiz: César Hilal e seus filhos, Jorge e César Filho. A Casa Hilal vendia equipamento de pesca e de caça, inclusive armas. Ocupava o térreo do belo sobrado onde funcionou a Faculdade de Direito, ao lado da Escadaria do Palácio, até que, nos anos 80, se transferiu para a Praia do Canto. Em frente, sozinho na esquina, ficava o hotel onde Getúlio Vargas se hospedou e fez um exaltado discurso à multidão. O prédio hoje passa por reforma.

Na Jerônimo Monteiro ficava o Bar Mirthes, o Cine Central, o Banco Hipotecário e, em frente ao Cine-Teatro Glória (com sua charutaria famosa), a Sorveteria Pinguim.

Lojas de vestuário e moda eram Nely Plissé, na Nestor Gomes, perto do Palácio Anchieta; Esperança, que vendia tecidos finos; e a sofisticada Madame Prado, na Costa Pereira. Vendia chapéus, bolsas, vestidos e mantôs. A costureira – hoje seria chamada estilista – da casa era Geny. Madame Prado era Edith Vervloet Gomes Prado. Sua loja tinha uma equipe de vendedoras, entre elas as jovens e elegantes Ruth e Elza, que poderiam desfilarem, e às vezes desfilavam. Da Madame Prado saíria Darcy Castelo Mendonça, que atendia na seção masculi-



na. Às vezes ele pegava a vassoura da loja para imitar um microfone e tomou gosto: foi para a *Rádio Espírito Santo*, fez tanto sucesso que se elegeu vereador e depois deputado. Hoje dá nome à ponte que liga a Praia da Costa à Praia de Santa Helena.

Além da seção masculina da Madame Prado, o homem elegante podia encomendar ternos na alfaiataria do Beraldo, que usava o sugestivo *slogan*: *Bom, bonito e barato. Beraldo!* Não menos sugestivo era o slogan do seu concorrente, o alfaiate Deusdedith: *Adão não se vestia, porque Deusdedith não existia*. O camiseiro Zezinho Nascimento atendia políticos e a alta sociedade num sobrado da Jerônimo Monteiro e Taneco, que viveu até o século XXI, embora tivesse fechado sua alfaiataria nos anos 80, se orgulhava de ter o maior número de oficiais, de máquinas e de fregueses na cidade. Amigo de Luiz Buaiz, ele pontuava em todos os setores, da sinuca do Bar Santos à criação de partidos políticos, recebeu várias comendas e títulos e chegou a colaborar com artigos e versos nos jornais da capital.

Entre a Jerônimo Monteiro e a Praça Independência ficava o Beco da Miséria, onde se ia atrás de artigos de armarinho com preços menores. Nem todo mundo podia comprar na Casa Esperança ou na Ar-

No prédio à esquerda ficava a Casa Hilal. Da sacada do prédio à direita, Getúlio Vargas discursou.



gentina. Quem não queria sair da Praia do Canto ia ao bazar do Pedro Vale. Ao contrário de hoje, bazar vendia mercadorias novas, em variedade: tecidos, aviamentos, bibelôs, cadernos, lápis, borrachas, papel. Embora houvesse papelarias, como A Normalista e Santana.

Discorrendo sobre o comércio, Luiz Buaiz lembra-se também, saudoso, das fábricas que seu pai instalou em São Torquato, “quando ninguém pensava em São Torquato”; das fábricas de cal de concha, na Ilha das Caieiras; de Sabão Yóri em Santo Antônio; de gelo da Barrão de Itapemirim, e da fábrica de Balas Garoto. Falando da Garoto – que depois também fabricaria chocolates – vem à sua memória o Quebra-Quebra, na época da Segunda Guerra. Desse episódio triste, em 1942, ele considera marcante o que aconteceu com a Garoto: seu dono, Henrique Meyerfreund, sabendo que corria perigo por ser alemão, trançou as portas e entregou a chave ao comandante do 3º BC. Foi detido no Quartel de Maruípe, mas ficou por pouco tempo. O prefeito de Vila Velha, Eugênio Pacheco de Queiróz, intercedeu em seu favor, embora a fábrica tivesse ficado um período sob interventores federais.

Na Revolução de 30, os Buaiz é que viveram um sobressalto: teme-

A Praia do Suá, no arrabalde de Vitória, era freqüentada só por banhistas e pescadores.

roso de alguma represália, por ser estrangeiro, o Sr. Alexandre escondeu a família na Praia do Suá até sentir que o perigo havia passado. Naquela época a Praia do Suá era só mato, com rústicos quiosques para banhistas e pescadores, e apenas uma casa modesta.

Festas, regatas, futebol e Carnaval

Em 1921, ano em que Luiz Buaiz nasceu, crescia na cidade o interesse por futebol. O time vencedor do campeonato, em 21, o Rio Branco Foot-Ball Club, era uma agremiação com bom número de torcedores, mas não a única. Havia muitas outras na capital.

Podia-se torcer pelo Rio Branco, mas também por Caxias, Racing, Estrela, Florianio Futebol Clube, Jabaquara Futebol Clube. Ou pela Associação Atlética Vale do Rio Doce, pelo América, pelo Americano ou ainda pelo Santo Antônio.

É mais fácil lembrar os clubes que se destacaram: a Associação Atlética Vale do Rio Doce, por exemplo, que para sobreviver e crescer usou a estratégia de se fundir a pequenos clubes. Assim se tornou Desportiva Ferroviária. Construiu estádio, venceu campeonatos, teve muitos torcedores, mas – parece uma sina – passados 49 anos, o time, endividado, está de novo em risco e pode desaparecer.

Outro time de expressão foi o Santo Antônio Futebol Clube, que mal tinha surgido quando Luiz Buaiz nasceu. Fundado em 19 de novembro de 1919, data com certo ar cabalístico (três vezes o número 19), começou onde funcionava o Grupo Escolar Alberto de Almeida, na esquina da principal avenida do bairro Santo Antônio com a rua que dava acesso ao Cais do Avião. Sua sede marcaria época com as domingueiras, desfiles de moda e *shows* de artistas de outros estados. Trouxe até Cely Campelo, quando explodia nacionalmente o *rock'n'roll*. O Santo Antônio chegou a tricampeão: em 1953 ganhou o campeonato sem perder um só ponto e venceu o Rio Branco por 8 a 1. Por seis vezes foi detentor da Taça da Cidade e duas vezes, vencedor do Torneio Início. Conseguiu tudo isso sem ter estádio, que só estaria pronto em 1958, três meses depois da Copa do Mundo vencida pelo Brasil. E construído não em seu bairro, Santo Antônio, nem mesmo em Vitória, mas em Santa Inês, bairro de Vila Velha. O time hoje, de novo sem estádio e sem sede, resiste na categoria de amadores.

O América superou os números do Santo Antônio: seis vezes Cam-



Acima, o Quatro Com do Náutico Brasil. Ao lado, uma guarnição vitoriosa do Clube Saldanha.

peão Capixaba, quatro vezes vencedor do Torneio Início, seis vezes dono da Taça Cidade de Vitória.

O América faz lembrar o Americano, este de menor expressão: seis vezes vencedor do Torneio Início, conquistou apenas uma vez a Taça da Cidade e o Campeonato Capixaba.

Futebol era apenas um dos esportes praticados em Vitória. Tênis, remo, patinação e também basquete e vôlei – havia pelo menos duas canchas de *basketball* na ilha – movimentavam a cidade. Contemporâneos de Luiz Buaziz, como Firmiana Santos Neves, esposa do também médico Jayme Santos Neves, lembram que no Parque Moscoso havia rinque de patinação e quadra de tênis.

Os clubes Saldanha da Gama, Álvares Cabral e Náutico Brasil competiam nas muitas regatas organizadas na cidade. Barcos capixabas disputavam campeonatos nacionais e não foram poucas as vitórias. Wilson Freitas, por exemplo, foi vice-campeão na regata internacional de Grunau, na Alemanha, em 1936. Aliás, Wilson Freitas se destacou tanto que emprestaria seu nome ao Ginásio de Esportes do Saldanha, construído ao lado da sede do clube, no Forte São João.

O Ginásio Wilson Freitas foi palco de jogos memoráveis de vôlei, de basquete e de *handball*. E de muitos festivais de música. Os Jogos Estaduais aconteceriam todos os anos, nas décadas de 1960 e 1970, no Wilson Freitas, com lotação esgotada e muita repercussão.

Luiz Buaziz lembra-se com admiração de João Arruela Maio, filho de pescador, remador do Álvares (nove vezes campeão capixaba pelo clube), que foi bicampeão sul-americano (venceu em Valdivia, no Chile, em 1952, e na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio, em 54) e chegou a participar da Olimpíada de Helsinque, em 52, disputando na companhia de Harry Mosé e Chiquito Furtado. Correu nos páreos “dois sem” e “dois com”. Foi derrotado porque a equipe viajou sem barco. Embora o governador Jones dos Santos Neves tivesse autorizado a compra de um *skiff* alemão Pitmann, lembra Luiz Buaziz, o fabricante atrasou a entrega. Os capixabas, representando o Brasil, entraram na competição sem conhecer o barco e perderam.

Para Luiz Buaziz, Arruela é um ídolo incomparável, como atleta e como treinador. Ele demonstrou isso até mesmo quando brigou com o Álvares e foi para o Saldanha, levando uma equipe inteira. Ficou lá dois anos, como treinador, e venceu todas as modalidades. Feitas as



pazes, voltou como treinador ao seu clube, que então venceu de novo.

O Álvares é um clube especialmente querido para Luiz Buaziz porque seu pai, o Sr. Alexandre, remava lá. A propósito, o clube, para homenageá-lo, deu o seu nome a um dos barcos da equipe cabralina.

Durante décadas a multidão se postava no trecho que ia do Cais do Imperador ao Éden Parque para assistir às regatas. Depois, assim que começou a ser construída a Beira-Mar, se deslocou, foi caminhando até chegar à Curva do Saldanha, onde passava o bonde. O aterro obrigou ao deslocamento: o lugar ficou um perigo com a contenção de parte da baía com “blocos ciclóticos”, como a imprensa local denominou os realmente imensos blocos de pedra aparada.

Com tantas opções numa cidade tão pequena, e com o exemplo do pai, seria de pensar que Luiz Buaziz fosse se apaixonar por esporte. Se não como atleta, ao menos como torcedor. Não foi assim. Teve muitas amizades no Náutico, no Álvares, no Saldanha, no Caiçaras, mas clube, para ele, era apenas para bailes – gostava muito de dançar fox – festas, confraternizações com amigos.

Dançou muito ao som de *Smile*, de Charles Chaplin. É uma música de que gosta tanto que faz parte de uma coletânea em que entraram

Um flagrante da construção da Beira-Mar. De tão grandes, os blocos foram chamados ciclóticos.



também Roberto Carlos, Agnaldo Timóteo, Cauby Peixoto e Altemar Dutra. “Altemar Dutra, amigo de Adalberto Simão Nader.” Esse tempo de jovem frequentador de bailes que nunca bebia nem fumava, ele resume assim: “Foi o período mais gratificante da minha vida.”

Os bailes do Álvares Cabral, o clube da Praça Independência; os bailes do Saldanha da Gama, no Forte São João; os bailes do Náutico Brasil, na Vila Rubim, e os do Caiçaras, em Santo Antônio, eram tão movimentados quanto os do Club Victoria. Nas regatas, como nos bailes, os clubes eram saudáveis adversários.

As “festas dansantes” do Club Victoria, que reuniam a “sociedade em suas dependências aristocráticas” foram muito frequentadas por Luiz Buaziz. A imprensa local cobria os eventos, como fez a *Revista Chanaan*. Sobre uma das noites no clube, em 1936, a revista destacou: “A última festa dansante revestiu-se do fulgor tradicional às suas *soirées* elegantíssimas. De acordo com o ambiente, de polychromia bizarra, a afluência foi a mais interessante. Os elementos representativos de nosso set ali se encontravam numa elegante reunião, sob a festa das luzes e das cores, com a mocidade capichaba em torno, volteando ao som da orchestra, que encheu de rythmos o amplo sa-

Carnaval no Club Victoria: fantasias de índio e de marinheiro se misturam a ternos e vestidos godê-duplo.

lão.” E finalizou: “Senhoras e senhorinhas, homens da administração pública, industriaes, artistas, intellectuaes, commerciantes, banqueiros, todo um conjunto de expoentes de varias actividades, que pela distinção se coordenam, ahi estavam, numa harmonia integral, tornando a séde do elegante Club capichaba um centro de solidariedade cavalheiresca.”

O Club Victoria – que nasceu e morreu ali no Parque Moscoso – era o clube da família Buaiz. Como lembra Edma, secretária no Grupo Buaiz desde o fundador, Sr. Alexandre, “o Dr. Luiz Buaiz frequentava o Clube Vitória, o clube da elite, como a família dele”. E ele não esqueceu os bailes e os Carnavais memoráveis que ali viveu. Luiz Buaiz lembra o Bloco Cocktail de Risos, o Quebrando a Banca, o Bando da Lua. Lembra os bailes infantis e as marchinhas, como as do Carnaval de 55, quando Blackout e Jorge Veiga foram as sensações. Blackout, informando: *Marial escandalosa/ desde criança sempre deu alteração/ Na escola/ não dava bola/ só aprendia o que não era da lição.* E Jorge Veiga, pedindo: *Tira essa mulher da minha frente! Senão me acabo/ Senão me acabo.* Era uma diversão sadia, como destaca. As transgressões carnavalescas se resumiam a acionar o mecanismo das ampolas de lança-perfume para que o jato gelado de éter assustasse os foliões.

Os tempos mudaram, mudou a ortografia, mas na memória de Luiz Buaiz as lembranças são nítidas: “Quantas madrugadas eu passei no Saldanha da Gama e vi o sol nascer, cantando músicas como *As pastorinhas*, que trazem uma lembrança inebriante pra quem viveu aquele tempo.” Embora filho da elite do Parque Moscoso, ele tinha também título de sócio do popular Saldanha da Gama.

Luiz Buaiz já havia esquecido, mas Arabelo do Rosário faz questão de contar que quando presidiu o Clube Náutico Brasil, a atuação do amigo médico contribuiu para o sucesso de sua gestão. “Apesar de se tratar de um local de encontro da classe média, prestávamos no clube muitos serviços à comunidade. Entre eles, na área de Saúde. Nesse ponto o Dr. Luiz Buaiz ajudou bastante, sempre de graça”. A contribuição rendeu-lhe uma homenagem: o nome do Departamento Médico era ‘Luiz Buaiz’.

A imprensa na juventude de Luiz Buaiz

Transitando entre os muitos segmentos sociais de Vitória, Luiz Bu-



aiz não apenas lia as publicações locais, mas convivia – mais ou menos intensamente – com fundadores, colaboradores e dirigentes das publicações capixabas. Ele rememora: “Vitória tinha alguns jornais, poucas revistas... *A Gazeta, A Tribuna, O Diário...* Das revistas, a que circulava mais era a *Vida Capichaba*”. *Vida Capichaba*, uma das publicações de maior duração no Espírito Santo, importante veículo de informação, circulou ao longo de 34 anos, de 1923 a 1959. “Acabou quebrada. Na época, estava à frente Elcio Álvares, que chegaria a governador do estado”, lembra Luiz Buaiz.

Ele fala também de outra publicação, a *Revista Chanaan*: “*A Chanaan* era do irmão do Américo Madeira, um grande amigo do Dr. Coimbra (o Dr. Coimbra tinha consultório na Nestor Gomes...). Carlos Madeira era o dono da *Revista Chanaan*. Essa foi efêmera. O Carlos Madeira era muito vaidoso, vaidosíssimo, a revista mostra isso.” De fato, a revista destacava-se não apenas pelo conteúdo, mas porque, composta e impressa tipograficamente, apresentava um resultado de alta qualidade. Era uma publicação sofisticada. Sua diagramação inovadora, a preocupação em utilizar modernos recursos gráficos, tudo mostra uma qualidade pouco comum. Madeira, por

A frota completa de Rádio-Patrolhas espera, na porta da Chefatura, a hora de atender as ocorrências.



exemplo, utilizou prata e dourado na capa. Isso impressiona até hoje.

Além dessas duas, Vitória contou ainda, nos anos 30, com a *Revista Bonde Circular*. Dessa Luiz Buaz, então muito pequeno, não se recorda.

Jornais, ele se lembra de muitos. Sabe da existência de jornais interioranos, que pouco chegavam a Vitória, e que marcaram as primeiras décadas do século passado, entre eles *A Opinião*, de Anchieta; *O Alegrense*, de Alegre, que chegou a ser dirigido pelo seu amigo Vicente Caetano; *O Alcantil*, de Cachoeiro, que tinha à frente Júlio Leite; e *Lábaro da Paz*, de Villa do Calçado. Este tinha tipografia própria.

A imprensa capixaba não vivia isolada. Era comum jornalistas da capital federal, Rio de Janeiro, virem ao estado para confraternizações, ou, exatamente como hoje, para cobrir fatos de grande repercussão, um deles foi o tremor de terra em Vitória, em 1955, que alcançou 6.1 na Escala Richter.

A maioria das oficinas e redações dos jornais ficava na Jerônimo Monteiro: *Diário da Manhã*, *A Tribuna* e *Diário da Tarde* estavam instalados na principal avenida da cidade. Já *A Gazeta* tinha sua oficina na General Osório. Uma fonte segura de notícias era a Chefatura

Jornalistas da Capital Federal, em visita ao Estado, posam na Prainha próximo à entrada do Convento.

de Polícia, durante anos comandada por Dr. Bulcão, Orlando Bulcão Vianna. A frota da Rádio Patrulha estava sempre detendo alguém.

Com *A Gazeta* ele tinha maior ligação, como recorda: “Quantas vezes eu passei a tarde toda na *Gazeta* conversando com Eugênio Queiróz, com aquela turma toda.”

Mas não havia apenas jornais e revistas na cidade. Luiz Buaz lembra o surgimento das emissoras de rádio no Estado: “A primeira rádio que teve no Espírito Santo foi a *Rádio Chanaan*, que Afrodízio Coelho, um sujeito que tinha uma papelaria, montou. Naquele tempo ouvir rádio era uma loucura... Era um megafone desgraçado... Depois disso veio a *Sociedade Rádio Clube do Espírito Santo*, criada em 1935, que começou a funcionar em 39. E ele fazia parte do grupo que criou a Espírito Santo.”

A *PRI-9, Rádio Clube do Espírito Santo*, a *Voz de Chanaan*, teve festa de inauguração no Teatro Glória. Uma festa suntuosa, com Carlos Galhardo e Lolita França. E muitos artistas locais: a Orchestra de Clóvis Cruz, Bento Machado, o primeiro cantor da *PRI-9*, Jair Amorim, o Trio Capixaba e o regional da rádio: Luiz Noronha, Cicero Dantas, Nelson do Pandeiro, Claudionor, Jefa, Maurício e José de Oliveira e Odil do Clarinete.

Disputava audiência com a *Rádio Nacional*. Principalmente nos anos 50 e 60, quando a cidade – e grande parte do Brasil – parava para ouvir *Jerônimo*, *o Herói do Sertão*, e *O Direito de Nascer*. Todos sofriam com o drama de Albertinho Limonta.

As rádios locais tiveram programas de auditório, programas de grande audiência, e músicos e cantores que fizeram história, como os próprios nomes que estiveram na inauguração da *PRI-9*, que tinha auditório e estúdio na Rua Araribóia, no Centro. A *Espírito Santo* já foi um portento! Seus programas de auditório repercutem até hoje. Fazia rádionovela (*A Vida de Anita Garibaldi*, *A Vida de Santa Rita de Cássia*, *O Último Beijo*), levava ao ar programas de humor, de esporte e de auditório. Era uma estrutura equivalente, hoje, à de grandes redes de comunicação: chegou a ter 800 funcionários. Em 1950 ganhou alcance nacional e internacional, ao inaugurar um transmissor de 10 kw de potência. Ultrapassou as ondas sonoras do território nacional, atingiu a costa da África, alguns países da América Latina e parte da Europa.

Esse alcance foi o que trouxe a Vitória Cauby Peixoto, Agostinho dos Santos, Angela Maria, Linda e Dircinha Batista, Roberto Carlos, Vicente Celestino, Marlene, Francisco Alves, Silvio Caldas, Elizete Cardoso, Zé Trindade e Elza Soares, mas também Lucho Gatica e Gregório Barrios.

Os programas da *Espírito Santo* marcaram época: *Bóris Castro Comanda o Espetáculo*, *Na Polícia e nas Ruas* (que elegeu o governador Gerson Camata e que teve um segundo nome, *Ronda Policial*), *Paraíso Infantil* e *Jairo Maia*. Nesse auditório se apresentou Altamar Dutra, capixaba que ganhou o mundo: da *PRI-9* iria para São Paulo e seria sucesso nacional.

Anos depois surgiria a *Rádio Capichaba*, que funcionou por muito tempo no Convento de São Francisco – onde ficava também a Arquidiocese – na Cidade Alta.

Depois das rádios, vieram as emissoras de televisão. A primeira a chegar ao estado foi a *TV Tupi*. Ficava no Edifício Moisés, na Avenida Jerônimo Monteiro. Luiz Buaz mostra, através de uma conversa com o amigo e empresário Eugênio Queiróz, a diferença estrutural entre o jornal e a televisão: ele fala do momento que antecedeu a inauguração da *TV Gazeta* e da confissão do amigo, que lhe disse: “Luiz, eu tou inaugurando a TV com medo porque televisão é tempo. É diferente de jornal em que, se dá problema, você encaixa uma coisa, outra...” E lembra, saudoso, de quando ia à redação conversar com os

amigos jornalistas sobre os fatos que estariam nas páginas do dia seguinte.

Luiz Buaz, a política e os intelectuais

O jeito expansivo e a grande generosidade fizeram de Luiz Buaz um homem de muitos amigos. Desde muito jovem ele era assim: de espírito agregador, fazia amizades indistintamente, onde estivesse. E foi acumulando amigos desde a infância, na vizinhança, na escola, no trabalho. Pessoas comuns ou proeminentes, que com ele conviveram e das quais não se esquece. Ele é capaz de lembrar o nome do guarda que dava plantão no Posto de Saúde, do intelectual, do político, do comerciante, do médico e do lanterninha do cinema. E fala de todos com o mesmo interesse.

Amigos de maior ou de menor convivência, todos recorriam a Luiz

Buaz e a todos ele atendia. Dessa forma estendeu seus laços de amizade pela cidade inteira. O médico Michel Assbú, um dos mais próximos, ressalta essa característica: a vontade de fazer o bem, ajudar, que nele se sobrepõe à amizade. Assbú diz que Luiz Buaz tem uma filosofia: na hora de ajudar, atende primeiro os inimigos, depois os amigos. Coisa que ele explica assim: os amigos podem esperar, os inimigos não. Por inimigos Assbú entende unicamente os adversários políticos, porque ele próprio desconhece qualquer inimigo de Luiz.

Se Luiz Buaz fosse enumerar todos os intelectuais com quem conviveu daria para escrever um livro, mas ele, aos poucos, vai lembrando um e outro, até que para, para não esquecer nomes queridos. São tantos que mesmo a sua memória prodigiosa pode falhar.

Durante a conversa ele vai se lembrando de gente que se destacou quando ainda era jovem, como Jair Etienne Dessaune, capixaba de Castelo, formado em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da atual UFRJ, para ele “um advogado brilhante”.

Luiz Buaz recorda que o escritório de Jair Etienne Dessaune ficava na Rua do Rosário. Professor de Direito Romano e Direito Comercial, advogado de destaque na capital, ajudou a fundar a Seção Espírito Santo da Ordem dos Advogados do Brasil, em 1932. E assumiu diversos outros cargos públicos na capital: foi, por exemplo, chefe de Polícia, vereador e reitor da Ufes nos anos 60.

Dessaune gostava de escrever e era interessado em esportes. Presidiu o Náutico e passou pelas diretorias do Saldanha da Gama e do Vitória Futebol Clube. E foi diretor do vespertino *Folha do Povo*.

Luiz Buaz também se lembra “demais” de Vicente Caetano, capixaba de São José do Calçado e, como Dessaune, advogado formado no Rio de Janeiro. E conta: “Ele era casado com Alaíde Rosindo. Quem levou Vicente para operar a garganta fui eu. Ele foi operado no Rio, no Hospital Moncorvo Filho. Antes de ir ele disse: ‘Só vou operar se Luiz Buaz for junto.’ Ele foi operado por um médico que era muito mais novo que ele e que lhe deu seis meses de vida. O médico é que morreu nesse prazo, e Vicente Caetano viveu mais 20 anos.”

A importância de Vicente Caetano é grande para o Espírito Santo, como ressalta o amigo Luiz. Ele começou a exercer a advocacia na comarca de São Pedro de Itabapoana (hoje parte de Mimoso do Sul). Depois foi prefeito de São Mateus e de Alegre, e deputado estadual.

Em Cachoeiro foi procurador da Fazenda e professor. Lecionou na Escola Normal Muniz Freire, um colégio importantíssimo no estado.

Foi Vicente Caetano quem promoveu a criação do Serviço Jurídico do Estado, em 1943, que deu origem à Procuradoria-Geral à frente da qual esteve por três vezes. Ele teve participação importante na elaboração do anteprojeto da Constituição do Espírito Santo, em 1947. Como era comum entre os intelectuais da época, atuou como jornalista. Foi até diretor do diário *O Alegrense*.

Outro nome que Luiz Buaiz destaca é o de Erasto Dias da Silva, outro capixaba de Castelo: “Ele trabalhava no Departamento de Saúde, com Jayme Santos Neves. Foi muito importante na equipe, embora não fosse médico”. Erasto Dias da Silva dedicou grande parte da carreira ao serviço público. Depois de concluir os estudos da Faculdade de Direito do Espírito Santo (atual Ufes), chegou a Procurador de Feitos da Saúde Pública.

Manoel Moreira Camargo, advogado conhecidíssimo e muito respeitado, é outro que está na memória de Luiz Buaiz: “Fomos colegas. Ele dava aula de Química no Colégio Estadual. Eu dava Biologia. Ele também dava aulas particulares.”



Renato Pacheco: um dos muitos intelectuais que fizeram parte da roda de amigos de Luiz Buaiz.

Moreira Camargo foi professor de Direito Administrativo na Ufes, foi procurador do Tribunal de Contas estadual, redator forense do jornal *A Gazeta* e publicou *A Evasão das Areias Monazíticas do Espírito Santo*.

Também advogado, também juiz, colaborador de jornais, professor e escritor, Luiz Buaiz lembra Renato Pacheco. Morador da Rua 7, bem perto da Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória e de *O Diário*, ele foi juiz em Alegre, em Conceição da Barra e em Santa Leopoldina. Renato Pacheco é autor de *A Oferta e o Altar*, *Cantos de Fernão Ferreiro*, *Porto Final* e escreveu para todos os jornais da capital. Sua generosidade e erudição eram conhecidas. Ele foi professor da Ufes e contribuiu para a criação de novas faculdades, como a FDV.

Luiz Buaiz, que também foi professor, destaca duas pessoas que conheceu bastante, os irmãos Aristóbulo e Kosciuzko Barbosa Leão. Ele os vê como de importância inquestionável para a Educação no Espírito Santo: foram eles que criaram e dirigiram o Colégio São Vicente de Paulo. “O São Vicente é um dos mais importantes de toda a história do Espírito Santo. Era uma escola só para homens. O ensino era de altíssima qualidade, o diretor, Aristóbulo, carinhosamente chamado



Profº Aristóbulo, diretor do São Vicente, com um grupo de alunos, em visita à Usina de Rio Bonito.

professor Tobinha, cuidava do colégio com muita dedicação. O ensino era militarizado. Os alunos usavam uniforme cáqui, um quepe, eram todos muito estudiosos.” E segue lembrando como, nos desfiles de 7 de Setembro, o São Vicente impressionava pelo garbo dos alunos e altíssima qualidade da banda, preparada por militares. “A banda do São Vicente era excelente, era muito admirada.” Luiz deu aula no São Vicente e não esquece o nome de alguns professores: José Leão, o próprio Aristóbulo e Judith Leão Castelo.

Ele fala de todos esses intelectuais com vivo entusiasmo, com sentimento de amizade e admiração, e traz à conversa um nome que não foi próximo, mas protagonizou um episódio que hoje faz parte do folclore político do Espírito Santo: Mirabeau da Rocha Pimentel.

Houve um tempo em que Mirabeau foi figura onipresente aqui. De família importante de Serra, foi escrevente na Biblioteca Estadual e no Arquivo Público, antes de formar-se em Direito, no Rio. Em 1917 foi promotor em Afonso Cláudio. Depois, em Pau Gigante (Ibiraçu).

Mirabeau foi juiz em Santa Cruz, em Cachoeiro de Itapemirim e em Vitória, onde também foi procurador-geral do estado.

A partir daí cresce a sua participação política e ele coleciona secretarias: nos governos Nestor Gomes (1920-1924) e Florentino Avidos (1924-1928), Mirabeau foi secretário de Estado de Instrução e credita-se a ele a melhoria da estrutura das escolas estaduais e da qualidade do ensino espírito-santense. Foi ainda interino na Agricultura. No governo de Aristeu Borges de Aguiar foi secretário de Interior e Justiça. Apesar de tudo isso, um fato mancharia a sua biografia.

E é aqui que volta a memória prodigiosa de Luiz Buaziz. Ao falar das “casas maravilhosas que foram construídas na Villa Moscoso” ele conta que Mirabeau teve que deixar o cargo pressionado pela Revolução de 1930 e destaca: “Aquela casa que hoje está pintada de rosa, que vende vestidos de noiva, foi do Mirabeau. Ele era cunhado do governador Aristeu Aguiar. Na época, ambos foram contra a revolução de Getúlio, contra a Aliança Liberal. Quando as forças de Getúlio foram chegando – primeiro foi instituída uma junta governativa, depois o Bley, que era capitão do Exército, veio tomar conta do governo – eles pegaram um navio e foram embora.”

Aristeu Aguiar e seus seguidores sofreram represália em função da oposição política ao poder central, mas Buaziz acredita que também



Mirabeau Pimentel protagonizou um momento triste da política capixaba, ao lado de Aristeu Aguiar.

houve hostilidade popular. “Antes dessa fuga, no dia 13 de fevereiro, que foi um dia fatídico na história do Espírito Santo, ali em frente ao Carmo, na pracinha onde tem o busto de Afonso Schwab, que é um cara maravilhoso, um clínico esmerado, uma pessoa dedicada, que morreu cedo, de que pouca gente se lembra, houve um comício. Mirabeau mandou a cavalaria pra lá pra dispersar o comício. Foi um tiroteio, uma correria. E o povo não esqueceu. Quando a Junta assumiu as pessoas cantavam, pelas ruas: “*Cadê, cadê, / Mirabeau e Aristeu que ninguém vê?! Azularam com o dinheiro do Estado / E deixaram / E deixaram o povo sacrificado.*” Virou marcha de Carnaval.

Mirabeau da Rocha Pimentel, que também fez parte do Instituto Histórico e Geográfico do estado, “nunca mais voltou ao Espírito Santo. O filho dele, Marcelo Pimentel, chegou a ser presidente do Tribunal Superior do Trabalho. Mas a casa dele é um primor. Depois foi de um parente meu, Tuffi Buaziz, e hoje está lá. São poucas coisas que restam de Vitória antiga. Todo o Parque Moscoso foi maquiado.”

Luiz Buaziz tem um vastíssimo conhecimento da política. É capaz de falar de momentos e curiosidades que só quem viveu de perto os fatos pode lembrar. E direta ou indiretamente, ele e sua família fize-

ram parte da história econômica, social e política do Espírito Santo.

Dos partidos que surgiram e não existem mais, ele pode listar o Partido da Lavoura (PL), Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Social Democrático (PSD), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Aliança Nacional Libertadora (ANL), Partido da Representação Popular (PRP) e União Democrática Nacional (UDN). Essas agremiações movimentaram a cena política na infância e juventude de Luiz Buaiz. “Muitos médicos do interior se elegeram para cargos importantes”, lembra ele. Em Mimoso, dois deputados do Governo e um da Oposição eram médicos. Eli Junqueira, Rubens Rangel, Evaldo Castro... Mimoso elegeu um deputado federal, também.

Nesse cenário, desperta curiosidade o fato de o Partido da Lavoura ser uma legenda de expressão. O grande nome do PL foi Carlos Gomes de Sá, eleito deputado estadual duas vezes consecutivas. Ele ajudou a elaborar a Constituição do Estado do Espírito Santo, promulgada em 1935. Chegou a Secretário de Interior e Justiça, foi chefe de Polícia e professor de História da Escola Normal Pedro II.

Comunistas e integralistas também encontrariam terreno fértil. Benjamin de Carvalho Campos, carioca que chega a Vitória como



Os comunistas Almir Sapateiro, Clementino Santiago, Granja e Vespasiano, ao lado de Luiz Buaiz.

calceteiro, elegeu-se deputado estadual pelo Partido Comunista, alcançando com isso repercussão nacional. Até o partido ser declarado ilegal, em 1947, Benjamin protagonizou, com Judith Leão Castelo, debates que movimentavam a cidade. A Assembleia fervia quando os dois se enfrentavam. Com a ilegalidade, ele refugiou-se em Castelo, nas terras de Flávio Francisco de Medeiros, até poder voltar.

O PCB teve expressão também em Cachoeiro do Itapemirim, onde foi organizado por Kleber Massena. Sindicalista atuante e candidato derrotado na tentativa de chegar à Assembleia, era um dos colaboradores assíduos do jornal do partido, a *Folha Capixaba*, com redação em Vitória, na Escadaria Maria Ortiz. Daquela época, ainda estão vivos dois velhos comunistas: Antônio Granja e Clementino Santiago.

Luiz Buaiz recorda que, com o grande número de italianos no sul do estado, a Ação Integralista Brasileira conseguiu muitos seguidores aqui, principalmente em Castelo, Cachoeiro e Pacotuba. Os integralistas, que se identificavam com o regime de Mussolini, na Itália, gostavam de desfilar, sempre de uniforme verde, e tinham adeptos até na Igreja. Indiretamente, eles estiveram bem próximo de Luiz Buaiz, que narra: “Lastênio Calmon era casado com minha tia. Morava em Ibirapu, volta e meia era preso, tinha ligação com Raimundella, do Rio. Ele liderou a juventude integralista no Espírito Santo. Outros integralistas, aqui, eram Oswaldo Zanello e Padre Ponciano...”

Mais que Vitória, Cachoeiro era uma cidade aberta a novidades políticas. Lá a Aliança Nacional Libertadora (ANL), fundada quando Luiz estava com 14 anos, conseguiu seguidores. Mas não vingou na capital. A ANL, que pretendia neutralizar a influência fascista no país, tinha composição insólita: seu presidente de honra era o comunista Luiz Carlos Prestes e nas suas fileiras estava o anticomunista Carlos Lacerda.

Confirmando a simpatia cachoeirense por novidades, o PTB, criado, em 45, por seguidores do presidente Getúlio Vargas, conseguiu adesões de peso entre eles: Juracy Magalhães Gomes e Gilson Carone. Mas teve muitos seguidores também em Vitória.

O Partido da Representação Popular era uma força. Basta dizer que Lúcio Merçon (quinze anos mais novo que Buaiz), tendo começado na política como vereador, em Castelo, pelo PRP, foi deputado estadual seis vezes seguidas, a primeira delas em 1963, a última em

1990. Até 1967, quando o regime militar extinguiu muitos partidos, reduzindo a cena política à Arena e ao MDB, Merçon foi deputado pela legenda.

Para Luiz Buaiç, calejado por três disputas e apenas uma vitória, a política mudou muito daquela época para cá. “Antigamente você se elegia por mérito. Aqui em Cariacica tinha um sujeito, que era coronel, que dizia: ‘Tem tantos votos. É pra Fulano de Tal.’ Em Timbuí... Anésio Ferreira, tio de Zé Ignácio. Então, havia fidelidade. Lajinha do Pancas, Luiz Zouain... Se tivesse 200 votos lá, ele dizia ‘é pra fulano’ e era pra fulano. Havia fidelidade, havia partidatismo duro. Hoje, dizer que não compra voto? Compra. E às vezes compra uma mercadoria que o sujeito nem entrega. Ele compra os votos dele, depois vem o resultado e nada.”

E analisa: “Eu acho que depois do governo Juscelino as coisas foram se modificando. O imediatismo tomou conta das pessoas. Naquele tempo se o sujeito era de um partido, ele era de um partido. Se era do PSD de Carlos Lindenberg ou se era da UDN, da oposição, cada um tinha o seu lugar, e todos se respeitavam. Hoje o sujeito está num partido, amanhã está em outro... Mudou tudo, o que levou a esse caos. E mudou a vida das pessoas.”

Folclore, cinema e teatro

Num tempo em que os homens se barbeavam com navalha e as mulheres usavam meia de seda e cinta-liga, a capital se alegrava com fatos e pessoas *sui generis*. Entre os anos 30 e 60, figuras folclóricas marcaram a vida de Vitória, e ainda hoje povoam o imaginário. Mané Cocô, Rainha das Flores, Meio-Fio, Maria Tomba Homem, Aurora Gorda, Otinho, Manoel Diabo, Américo Rosa...

Luiz Buaiç lembra-se muito bem de todos eles e de suas histórias. Às vezes histórias tristes, às vezes engraçadas, outras vezes apenas curiosas.

De Rainha das Flores, ele recorda, o que se sabia é que era filha de família conhecida, tradicional na ilha. Uma mulher elegante que foi perdendo o juízo, mas não chegou a ser confinada junto com os alienados que iam para o asilo de Cachoeiro. Apenas andava pelas ruas da cidade, sem horário e sem lugar certo, numa época em que as mulheres eram muito reservadas. Vestia-se elegantemente, mas aos

poucos foi carregando no uso do pó-de-arroz e acrescentando, ao vestido branco e à sombrinha que compunham a *toilette*, mais e mais flores, traduzindo alguma coisa de errado em sua mente.

As especulações sobre a causa de sua loucura foram muitas: do noivado terminado pela imposição da família ao amor platônico por um rapaz de classe social diferente. Ninguém se lembra, nem mesmo Luiz Buaiç, com sua memória prodigiosa, do fim de Rainha das Flores.

Luiz conta, em tom de piedade, a história de Mané Cocô, que é narrada do mesmo jeito por outros contemporâneos. Ninguém tem dúvida de que foi uma das vítimas de um período em que a infraestrutura da cidade era precária, o saneamento difícil e o serviço de águas e esgotos inexistente. Os dejetos humanos não eram lançados nas ruas, como na Idade Média europeia, quando era preciso muitas vezes recorrer a andas – pernas de pau – para sair de casa ou passar por vielas. Os dejetos, aqui, eram transportados em barricas e lançados ao mar. Acontece que as barricas tinham resistência limitada. Com o uso se desgastavam e aconteciam acidentes, como o que vitimou Manoel: o fundo da barrica se rompeu e o conteúdo se espalhou sobre ele.

Isso só iria mudar com a subida de Jerônimo Monteiro ao poder. O seu governo foi tão bem sucedido, como lembra Maria Lindenberg, contemporânea e amiga de Luiz Buaiç, que as pessoas levantavam as mãos aos céus pedindo pela sua saúde. Maria Lindenberg diz que em sua família os adultos se perguntavam como ele conseguira fazer tantas coisas, e em tão pouco tempo, numa época em que tudo era tão difícil. Uma possível explicação é o grande prestígio que tinha na Capital Federal, no Governo central, além do seu próprio prestígio político no Espírito Santo. Quando Jerônimo Monteiro ia deixar o Governo uma multidão foi às ruas, e reuniu-se no Cais do Imperador para pedir por sua permanência.

Meio-Fio era elegante, estava sempre de paletó e gravata, bengala e fumando cigarro com piteira. Sistemático, ele só andava na beirada da calçada, no meio-fio, daí o apelido.

Maria Tomba Homem e Aurora Gorda foram personagens de um mundo estritamente masculino. Ambas sobreviviam da prostituição e estiveram sob vigilância do serviço médico comandado por Buaiç. Uma na Ilha do Príncipe, a outra em Caratoira. Da primeira diz-se que era preta e tinha grande força física. Da segunda que, além de



O bonde desce a Rua 7 apinhado de gente. Na esquina, a alfaiataria Brício: retrato de um outro tempo.

muito gorda, era loura e dona de invejável patrimônio pecuniário. De certo, uma coisa: ninguém se atrevia a mexer com nenhuma das duas.

Maria Tomba Homem gerenciava uma casa muito freqüentada. Aurora Gorda era de família conhecida, prima de um importante político capixaba, Eurico Rezende, que foi governador e senador da República, e gostava de conforto e ostentação. Quando comprou carro, escolheu um vistoso Ford Landau. Tinha *choffeur* e, conta-se, desfilava com uma minitelevisão instalada no lugar do rádio do carro.

Luiz Buaiç conta, aos risos, um episódio constrangedor, que lhe marcou a memória: um dia um conhecido passa por ele e diz: “Dr. Luiz, acabei de ver sua mãe, Dona Maria, passando de carro na Jerônimo Monteiro...” Não era Dona Maria, sua mãe. Esta estava em casa, de onde ele acabara de sair. Por coincidência, Dona Maria estava acima do peso e tinha um carro igualzinho ao de Aurora Gorda, o Ford Landau verde visto pelo seu amigo.

Mané Cocô, Rainha das Flores, Maria Tomba Homem e Aurora Gorda são do tempo do Bonde Circular subindo a Rua 7 – antiga Rua da Várzea – até a Convertedora (dizia-se Convertidora). Manoel Diabo, Otinho e Américo Rosa, como Luiz Buaiç, viram a transformação que tirou o bonde do Centro e de Vitória inteira, substituindo os trilhos por paralelepípedos ou, em alguns lugares, por asfalto.

Otinho era jornalista e poeta. Foi assim até perder o juízo. Perambulava pelas ruas declamando poemas para sua musa, Rosa. Ninguém que tenha vivido os anos 50, 60 e início dos 70 pode dizer que não conheceu Otinho, de quem Buaiç tem vívida e carinhosa lembrança.

O atlético, simpático, alto e louro Manoel Diabo era conhecido num círculo mais restrito, em que todos comentavam o seu noivado interminável, num tempo em que ou a moça noivava e em seguida se casava; ou noivava e o casamento era desfeito, ainda que à frente do altar. No caso de Manoel Diabo, não. Ele era fiel e cavalheiro, mas casar, não.

Américo Rosa, muito franzino, escuro, simpático e irritante, subia e descia a Rua 7, todos os dias, a toda hora, com a mão direita fechada e encostada ao ouvido, como se segurasse um rádio, cantando “*Os peixinhos do mar/ vêm na areia sambar/ ontem eu fui a um baile/ na Praia de Itamaracá/ uma lagosta sapecal vinha tocando rabecal com os peixinhos do mar/ que vinham na areia sambar...*” A menina não



perdia tempo: corria atrás de Américo, que parava e revidava com um bom número de palavras impublicáveis.

O célebre incêndio que destruiu parte da oficina de *O Diário*, jornal que ficava bem próximo à subida do Morro da Fonte Grande, é atribuído a Américo Rosa. Ele, volta e meia, ajudava um dos linotipistas da casa, Dequinha, a caçar gatos: era um tempo em que alguns moradores do morro próximo se divertiam fazendo, literalmente, churrasco de gato. A suposição é que Américo foi preparar o prato sozinho, de madrugada, e não conseguiu controlar o fogo.

Manoel Diabo, Otinho e Américo Rosa estavam sempre pela Rua 7, Britz Bar e Teatro Carlos Gomes. Manoel Diabo, porque morava na Rua 7, no Edifício Manhães, e ao buscar a sua eterna noiva, Doris Marshall, na Aristides Freire, para ir ao Britz (bar de Antônio Parú, que ficava atrás da Prefeitura, entre a Gama Rosa e a Rua 7), às vezes estendia a caminhada até a porta do Carlos Gomes. Otinho, porque andava principalmente nesse circuito, frequentado por intelectuais e jornalistas. E Américo, porque, apesar de alienado, era contínuo do jornal *O Diário*, com redação e oficina instaladas no alto da Rua 7, e fazia diariamente o trajeto dali até a direção do jornal, logo na Gra-

Vendedores de doces em frente ao Melpômene, construído onde era a Igreja de N. Sra. da Conceição.



ciano Neves, bem perto da Praça Costa Pereira, onde está o teatro.

Teatro hoje, em Vitória, dos velhos tempos, existem apenas dois: o Carlos Gomes e o Glória, este desativado para restauração. Mas antes havia o Melpômene. A história do Melpômene confirma uma das queixas de Luiz Buaiz, de que é grande a proporção de coisas que têm perdido qualidade, ao longo dos anos.

O mitológico e monumental Melpômene funcionou durante 26 anos e acabou pouco mais de dois anos após o nascimento de Luiz Buaiz. O belo teatro, projetado pelo arquiteto italiano Felipe Santoro, exigiu apenas dois anos para ficar pronto. Começou a ser erguido em 1895, ano em que Santoro foi condecorado Cavaleiro da Coroa pelo Rei Humberto I, da Itália, e em 1896 já estava funcionando.

Para construir o Melpômene foi preciso demolir a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e ocupar quase todo o largo em que esta ficava. Com 1.200 lugares, todo construído com pinho-de-riça importado da Suécia, terminou com um incêndio que destruiu parte da estrutura da casa. Ficou três anos interditado, depois foi demolido.

O Melpômene era uma casa tão prestigiada que em 1922 o governo municipal contratou um profissional de São Paulo, o compositor

A elegante platéia, em camarotes, frisas, e cadeiras, ocupa parte dos 1.200 lugares do Teatro Melpômene.

e pianista José Aimberê de Almeida, para lá atuar. Ele veio para dirigir a orquestra do teatro. Não pôde fazer muito entre os capixabas, porque 22 dias depois de sua posse aconteceria o incêndio destruidor.

Aimberê, que quando chegou a Vitória estava começando carreira como pianista, ganhou vulto nacional. Escreveria roteiros para revistas de teatro, sambas e toadas. Seria parceiro de Pixinguinha e Lamartine Babo. E teria composições gravadas por Francisco Alves, Aracy de Almeida e Sílvio Caldas (que Luiz Buaziz tanto admira), nas gravadoras que disputavam os artistas de então: a Parlophon, a Odeon, a RCA Victor e a Columbia.

Santorio, que projetou o Melpômene, faria mais, no Espírito Santo: iniciou a construção do Hospital da Praia do Suã, o Hospital São Pedro ou Hospital dos Pescadores, ainda de pé, mas como Posto de Atendimento municipal; construiu a Estrada de Ferro Sul; e concluiu o Quartel da Polícia Militar. Aqui, chegou a Diretor-Geral das Obras Públicas e Empreendimentos Gerais.

O teatro que sucedeu o Melpômene foi o Carlos Gomes, inaugurado em 1927, seis anos depois do nascimento de Luiz Buaziz. O Carlos Gomes não foi construído exatamente onde ficava o Melpômene, mas um pouco mais à direita. No lugar exato do Melpômene seria construído o Hotel Canaan, prédio que depois viria a ser a sede do INPS, hoje INSS e na Avenida Beira-Mar.

O Carlos Gomes foi projetado por André Carloni, em estilo neorenascentista, e inspirado no Teatro Alla Scala, de Milão, Itália. Carloni era italiano, mas viveu a maior parte de sua vida em Vitória. Além de construtor, foi o primeiro administrador do Carlos Gomes. A estreia da casa aconteceu com a peça *Verde e Amarelo*, de José do Patrocínio e Ruy Pavão. Os atores eram da *Companhia de Revista Tam-Tam*. Repercutiu muito, mas iniciava um curto período – dois anos – que logo daria lugar a outro, de maior modernidade, como cinema.

Em 1929 o Carlos Gomes foi arrendado por uma empresa particular, a Santos & Cia., e passou a exhibir filmes. Peças, esporadicamente. Só nos anos 50 deixaria o cinema e voltaria a receber companhias de teatro, como as de Procópio Ferreira, Eva Tudor e Flodoaldo Viana.

Muitos saraus de piano e de poesia aconteciam no Carlos Gomes: Áurea Adnet e Edith Bulhões foram pianistas que marcaram época nos seus palcos. As declamações de Maria Filina Salles de Sá de Mi-



O Carlos Gomes, acima, recebe Procópio Ferreira. A cúpula do Glória sobressai na esquina.

randa também enchiam a casa. Maria Filina fez um sucesso imenso: a fina flor da sociedade local queria ver suas filhas provocando igual comoção e foram muitas as moças que, em suas aulas, se apaixonaram pela poesia e participaram de audições. A maioria delas, registre-se, apenas até o instante do casamento.

Áurea Adnet, de tradicional família de pianistas, além de concertista, foi professora da Escola de Música. Edith Bulhões veio do Rio para Vitória e, concertista de sucesso, construiria um teatro, já nos anos 80, que recebeu o seu nome. O teatro ficava na Avenida Beira-Mar, próximo ao Ginásio Dom Bosco, e hoje está desativado.

Em 1931 foi inaugurado o Cine-Teatro Glória, da firma Santos & Companhia. Não foi projetado por italianos, mas pelo arquiteto alemão Ricardo Wright. Com sacadas, balaústres e cúpula, o prédio foi construído com concreto armado feito com cimento inglês e brita local. A edificação teve acabamento não com emboço de areia, mas de pó de pedra. Os fundos do Glória, construído no lugar onde funcionou o Éden Parque, davam para o mar. Não existia ainda a Avenida Princesa Isabel. O Glória, palco de encenação de peças, exibição de filmes e vernissages de festivais de cinema, já recebeu Fernanda Montenegro e outros grandes nomes. Breve abrigará um centro cultural.

Pegando o bonde

Não existe uma única pessoa que não lamente o fim do bonde em Vitória. Luiz Buaiz então, nem se fala. Ele não conseguiria enumerar as vezes que andou de bonde, mas não esquece como era bom: “A gente ficava olhando as mulheres subindo no bonde, pra ver o tornozelo e as pernas dela, entendeu? Era gostoso. Tinha o motorneiro e o condutor. O condutor era o cobrador. Os agentes de trânsito eram conhecidos da gente. Ali na Costa Pereira tinha um quiosque de onde uma pessoa ficava comandando. Não tinha congestionamento, a gente ficava andando de bicicleta. Havia bonde pra Jucutuquara, pra Praia do Canto, pra Santo Antônio... O bonde circular, que passava pela Cidade Alta... Ali atrás do Glória se pegava um bote ou lancha, pra atravessar pra Paul. Lá se pegava o bonde pra Vila Velha, passando por Aribiri. O bonde só circulava até 10 horas. Eu tive uma namorada lá, em Vila Velha, e tinha que prestar atenção na hora”.

O bonde, como o ônibus hoje, era um bom lugar para fazer propa-

ganda. Com a diferença de que os reclames ficavam dentro do bonde e as propagandas de hoje são externas, coladas na carroceria do ônibus. Um dos reclames – provavelmente o mais famoso de todos – foi decorado por Luiz Buaiz: “Eu me lembro das propagandas. Tinha uma que era assim: *Veja o belo tipo faceiro! que o senhor tem ao seu lado! acredite! quase morreu de bronquite! salvou-o o Rhum Creosotado*. Estava lá, escrito no bondinho, e você gravava aquilo”.

Ele continua a narrativa: “Havia umas coisas interessantes. Às vezes o pessoal sacaneava o condutor, puxava o fio, ele ia lá pra cobrar e o sujeito dizia: ‘Eu quero é meu troco!’. E não tinha nem dado dinheiro pra pagar. Então pulava, fugia e não pagava. Mas eram coisas interessantes”.

Havia travessuras maiores. Embora gostasse do barulho do bonde deslizando nos trilhos, Antônio, filho de Jorge Abikair, um dos grandes amigos de Luiz Buaiz, conta que participava de uma quase rotina dos garotos que moravam na Rua 7: colocar uma pedra escondida no dormente, alta o suficiente para forçar a freagem. O bonde subia e, quando descia, era certo, a pedra travava as rodas de ferro. O condutor descia para resolver o problema, apoiado por um vizinho da



A bela aléia de palmeiras não esconde o bonde, ao fundo, no ponto final da Prainha, em Vila Velha.



criançada, Nenen Grijó, que aparecia gritando a frase de costume: “Cocota! Vou falar com seu pai! Ele vai saber disso!”

O bonde mudou ao longo dos anos, fez a cidade mudar e finalmente acabou, forçado pelas transformações mais profundas na capital. Acompanhou a mudança do Clube Álvares Cabral, da primeira sede para a segunda, na Praça Costa Pereira, e quase presenciou a transferência para a sede nova, na Beira-Mar. Onde hoje está o Clube Álvares Cabral não havia nada. O próprio bairro Bento Ferreira surgiu depois de um grande aterro que fez o mar recuar e acabou com a Praia dos Homens, uma praia mais funda, mais perigosa, onde até navio já encalhou, como se vê no acervo de Nilton Pimenta, fotógrafo importante, que registrou grandes transformações da capital. Pimenta trabalhou na companhia responsável pelos bondes, em Vitória e em Cachoeiro, e fotografou todos eles: o 51, fabricado em Vitória; o 41, com estribo duplo; o 43, que circulava em Vila Velha; o 44, de Santo Antônio; o 45, da linha de Jucutuquara; o 49, da Praia do Canto...

O bonde que ia para a Zona Norte, região das praias, passava pela Avenida Vitória, que em toda a sua extensão, tinha postes no centro. Esses postes é que eletrificavam os bondes. Luiz Buaiz, que ia muito

Carros alinhados no final da Capichaba esperam as autoridades que conferem o ‘aterro hidráulico.’



à praia, lembra que do Centro da cidade até a Pro-matre era só areia. Ele ia para a Praia do Canto de bonde e ficava mais ou menos em frente ao trampolim. Lá, “um português alugava casinhas para trocar roupa.”

O bonde já passou em frente ao Saldanha da Gama, no Forte São João. Dos seus bancos era possível ver o mar. Abaixo do Saldanha, com o aterro, surgiria a Avenida Beira-Mar. Paralela à antiga Avenida Capechaba (depois Capichaba, hoje Capixaba), foi feita em duas etapas: a primeira da Capixaba até o Saldanha, a segunda do Saldanha até a Praia do Suá. Era o tempo dos Austins circulando pela cidade, levando as famílias a passeio até o quebra-mar, que desapareceu com a conclusão da avenida.

Para ir estudar no Colégio Estadual, e no Salesiano, a condução era o bonde. Às vezes aconteciam atrasos. Luiz Buaiz dava aula no Estadual e se lembra disso. Seu amigo Arabelo do Rosário, o inspetor da época, não podia permitir a entrada dos retardatários depois que o colégio fechava os portões. Alguns não desistiam: vindo de longe, já com atraso, haviam descido da lancha no Cais do Imperador, em frente ao Palácio Anchieta, corrido para pegar o bonde e não queriam

O bonde na Curva do Saldanha da Gama, antigo Forte São João, que daria nome ao bairro.

perder a aula. Pulavam o muro. Arabelo cumpria o seu dever. Estrategicamente instalado embaixo da escada por onde os garotos desciam, ao pular o muro, marcava com giz a sola do sapato de cada um. Depois, surgia em frente aos culpados e declarava: “O senhor chegou atrasado!” Um a um, todos respondiam que não. Arabelo então pedia: “Deixa eu ver seu sapato! Levanta o pé.” Pronto: o flagrante estava lavrado. Hoje ele acha a contravenção pequena, motivada por um interesse maior, não perder a aula, mas também não a justifica: disciplina é disciplina.

Os estudantes do Colégio Salesiano, como o médico Ricardo Andião, amigo de Luiz Buaiz, lembram como foi feito o aterro: uma draga retirava areia do fundo do mar e jogava nos fundos do Salesiano. “A areia vinha sempre com siris, os padres salesianos se assustavam, os meninos se divertiam com isso. O monte de areia crescia, a draga mudava de lugar”.

Os alunos do São Vicente de Paulo e do Carmo tinham bonde na porta. Os da Obra Social São José e do Alberto de Almeida, em Santo Antônio, também. Os da Escola Maria Ericina Santos, no Parque Moscoso, e os do Grupo Escolar Padre Anchieta, em Jucutuquara, da mesma forma. Os estudantes do Grupo Escolar Irmã Maria Horta, na Praia do Canto, também eram atendidos pela mesma condução. O itinerário do bonde da Praia do Canto era: Centro, Forte São João, Avenida Vitória. Depois cruzava a César Hilal, a Neves Armond, pegava a Leitão da Silva, passava em frente ao Hospital São Sebastião, entrava na Ferreira Coelho, pegava a César Hilal, a Desembargador Santos Neves, a José Teixeira e daí seguia, Morro do Cruzeiro à direita, para alcançar a Aleixo Neto e chegar ao ponto final, no Irmã Maria Horta.

O bonde também levava os trabalhadores das fábricas, armazéns, lojas. Transportava quem ia às missas e cultos, e quem queria apenas passear. Era indispensável como os ônibus de hoje. O primeiro a chegar a Vitória era puxado por burros. Depois veio o modelo a vapor. O elétrico durou mais tempo e está na memória de muitos capixabas, como Luiz Buaiz, que lamenta: “Vitória mudou, acabou o bondinho, taí o trânsito que ninguém resolve”.





CAPÍTULO II

UM MÉDICO ADMIRÁVEL

Hoje, qual médico poderia ombrear com Luiz Buaiz? Um breve balanço de sua atuação aponta uma série invejável de realizações. Ele construiu sua trajetória buscando o bem e a perfeição, traduzindo uma admirável forma de viver que tem sido a sua marca ao longo da vida, como atestam o seu dia-a-dia como médico e a sua passagem nos diversos cargos administrativos que ocupou.

Luiz Buaiz cursou Medicina no Rio de Janeiro e retornou a Vitória em 1947. Pouco depois já estava atendendo em seu consultório, na Avenida Presidente Florentino Avidos, no mesmo prédio onde seu irmão Benjamin também atendia seus pacientes, e atuando na Santa Casa de Misericórdia. Um ano depois, aprovado em primeiro lugar em concurso, estaria no Centro de Saúde, da mesma maneira: com dedicação, generosidade e alegria, e fazendo um trabalho preventivo da mais alta importância. Hoje, aos 91 anos, Luiz Buaiz continua a trabalhar, dividindo os dias da semana entre dois consultórios.

Da época em que foi montado o seu consultório, Dr. Luiz traz guardado um exemplo inesquecível dado pelo Sr. Alexandre: “Meu pai me deu lições importantes. Material hospitalar, é caro. Ele me perguntou o que precisava para montar meu consultório, e eu disse: um equipamento de radioterapia superficial. Seria o primeiro do Espírito Santo e custava 130 contos de réis. Eu ganhava um conto de réis por mês, do Estado. Meu pai então separou 30 contos de réis para a entrada, e abriu uma conta corrente na firma e debitou os 30 contos de réis no meu nome. E me disse que todo mês eu depositasse o quanto eu conseguisse economizar. Terminado de pagar o aparelho, eu tinha 57 contos de réis na conta. Esse dinheiro, então, ele disse que era meu. Ele me ensinou, assim, a economizar.”

Em Vitória, Luiz Buaiz tem deixado a sua marca em vários lugares. Ele dirigiu o Instituto de Assistência e Previdência dos Comerciantes (IAPC), foi médico do Ipase, do IAPI, do Iapetc. Coordenou a unificação dos vários institutos de previdência no Espírito Santo, quando o Governo Federal criou o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Foi um dos fundadores do Conselho Regional de Medicina no



O CRM de número 55 confirma: Luiz Buaz foi um dos primeiros médicos de Vitória.



Na foto oficial da formatura, a expressão serena do grande médico humanista que estava nascendo.

estado (CRM-ES) em 1958, e esteve à frente deste, como presidente, por 15 anos.

Ao lado de Arabelo do Rosário, conseguiu concretizar o sonho de criar o Instituto Braille. Na Santa Casa de Misericórdia, foi provedor durante 14 anos. Além disso, esteve à frente da Secretaria de Estado da Saúde.

Uma preocupação que sempre demonstrou ter foi a de garantir que seus colegas tivessem um lugar para exercer a profissão. Cuidou para que isso fosse realidade por onde passou e ainda hoje continua a interferir para conseguir nomeações. O médico Délio Delmaestro fala dessa característica de “dar força para os novos profissionais”, recordando que na clínica que chegou a ter em parceria com Buaiç e com o também dermatologista Douglas Puppim, todo médico recém-formado tinha lugar. Era só alguém concluir a faculdade que Luiz Buaiç perguntava aos colegas coproprietários se o novo profissional poderia atuar ali. Ninguém dizia não. Ninguém se importava se o Dr. Luiz fosse o responsável pela indicação, mas para que isso acontecesse, as horas trabalhadas, e também as remunerações dos demais, eram diminuídas.

Na Provedoria da Santa Casa

A gestão de Luiz Buaiç na Santa Casa de Misericórdia foi apenas uma de muitas realizações bem-sucedidas. Ele conseguiu envolver todos os médicos e funcionários e colocar em prática um sistema de trabalho dinâmico, atendendo ricos e pobres com igualdade. Médicos que com ele atuaram naquela época pontuam como foi aquele período de três gestões consecutivas.

Noé Silva, clínico geral, diz que acompanhou de perto todos os trabalhos desenvolvidos por Luiz Buaiç. “Lá ele demonstrou toda sua capacidade administrativa. Pegou o lugar em uma situação difícil, de penúria, e em poucos anos recuperou totalmente a Santa Casa, inclusive reabriu algumas enfermarias que estavam fechadas e deu condições de trabalho para todos. Foi maravilhoso”.

Noé conta ainda que, depois dessa experiência, trabalharia com Luiz Buaiç no Hospital das Clínicas e na Secretaria de Estado de Saúde. “Ele sempre teve um gênio brincalhão, mas ao mesmo tempo era sério. Era um chefe ímpar, tenho saudades. Uma das decisões mais



Acima, a Santa Casa, bem antes de Luiz Buaiç assumir como Provedor. Ao lado, ele ouve José Moisés.



Flagrante da solenidade de posse de Dr. Luiz na Provedoria da Santa Casa de Misericórdia.

acertadas que ele tomou foi assumir a Santa Casa por amor ao lugar, e depois recuperá-la totalmente”.

Para o nefrologista Michel Assbú, quando Luiz Buaiç assumiu a Provedoria, a Santa Casa “era quase um depósito de doentes, que ele modernizou e equipou”.

Shariff Moisés, que em 1984 foi chamado por Dr. Luiz para assumir o Serviço de Cirurgia Cardíaca na Santa Casa, não pensa diferente. Ele conta que, quando deixou o cargo, a Santa Casa já estava operando dois doentes por dia, e tudo como decorrência da gestão de Buaiç.

A Santa Casa de Vitória – a segunda do Brasil – começou funcionando em frente ao Palácio Anchieta, no lugar que foi, durante décadas, o Palácio Legislativo. Quando Luiz Buaiç assumiu a Provedoria, pela primeira vez ela já estava, havia muito, no prédio na Vila Rubim. E o que os seus colegas de profissão ressaltam é que, com ele lá, todos os pacientes eram bem atendidos e todos os médicos encontravam abrigo. O lugar transformou-se em referência.

Luiz Buaiç fala assim: “O grande centro médico era a Santa Casa. A Santa Casa sempre teve vocação pra ser hospital de ensino. Porque começava tudo ali. Serviço de tuberculose foi lá. De câncer, de radioterapia também. Tudo começava em torno da Santa Casa. Lá não havia limite para atender, ninguém deixava de ser atendido”.

E continua: “Eu me lembro de Carlos Teixeira chefiando a Enfermaria de Urologia. Até as pessoas que tinham recursos iam pra lá. Então, ele coletava algum recurso pra conseguir sangue e poder operar os doentes carentes. Tudo isso o médico fazia sem interesse pessoal nenhum. Não tem um médico daquela geração que acabou rico pela Medicina. E hoje o sujeito está de carro importado em seis meses. Então o que houve? Substituíram o homem pela máquina, então mudou a Medicina”.

São muitos os exemplos de bons profissionais do passado, diz ele, acrescentando: “Eu me lembro de Arthur de Carvalho Meirelles, na Santa Casa, atendendo 40, 50 pessoas toda manhã. A troca de filantropia. Então era amor, era caridade. Tudo isso desapareceu”.

Preparação para ser médico

O próprio Luiz Buaiç faz um balanço do que acontecia em Vitória,

desde que começou a estudar até os dias atuais. Ele recorda: “Naquele tempo você acabava o ginásio, não tinha opções. Não tinha escola de Medicina aqui, então, íamos estudar no Rio”.

Diariamente na casa de Luiz Buaiz, o ex-deputado estadual Arabelo do Rosário, senão o maior, certamente um dos maiores amigos do médico, conta como era o ainda estudante de Medicina. “Ele era muito estudioso. O seu pai, Alexandre Buaiz, era bastante rigoroso e cobrava dele e dos irmãos. Sempre via o Luiz estudando demais. Já nessa época ele era muito preocupado com os outros, e comprava problemas, que podia resolver, das pessoas próximas”, recorda.

O aluno dedicado surgiu em criança. Antes de fazer Medicina ele estudou, durante seis anos, como interno no Colégio São José, depois de passar, em Vitória, pelas escolas de Dona Esterzinha Oliveira e de Dona Odete Paiva, de preencher muito Caderno de Calygraphia, e de fazer Admissão ao Gymnasio.

Sair de Vitória para um centro maior foi indispensável e o destino foi a capital do país. A viagem para o Rio foi uma aventura. Foi a sua primeira viagem de trem. Saiu de Vitória no trem comum – em Campos é que se passava para o carro-leito – e viajou 22 horas até chegar à Capital Federal. O irmão mais velho, José, já estava no Rio quando Luiz Buaiz foi para lá, para estudar como interno no Colégio São José, dos Irmãos Maristas. Depois, em 1933, seria a vez de o irmão mais novo, Américo, ir também.

No São José havia três turmas: a dos menores, a dos médios e a dos maiores. Os dormitórios e refeitórios eram separados de acordo com essas turmas. Havia, à disposição dos alunos, sala de aula, sala para estudos, piscina. “Além da piscina”, lembra ele, “tinha açude e um campo de padrão elevado para jogar futebol. O São José mantinha um time de vôlei e outro de basquete. O aluno, quando ia para o internato, levava um enxoval, comprado na loja Quatro Nações, na Rua Buenos Aires, esquina com Rio Branco, no Centro. Os uniformes eram fabricados ali”.

A rotina do internato era: acordar, tomar banho de água fria, ir à missa, tomar café, assistir às aulas, ir para a Sala de Estudos, fazer a refeição, depois lazer: normalmente jogar pingue-pongue.

Luiz, como os seus colegas, buscava tirar boas notas, e não tinha dificuldade para seguir a disciplina do colégio. Para incentivar, havia

um concurso exclusivo de cada matéria: os melhores recebiam medalha de ouro e de prata. “As repreensões aconteciam, mas, normalmente os alunos eram muito disciplinados. Para cada matéria havia um irmão que dava aula.” Entre eles o professor de que Luiz mais gostava era o Irmão Francisco, mas ele não se esquece do Irmão Honório, do primeiro ano ginásial, “que era gordo e que batia no quadro.”

Fora das aulas, um dos irmãos maristas – que cultivavam a devoção a Nossa Senhora de Lourdes – era orientador na Sala de Estudos. Orientador, inclusive, de religião.

A memória volta no tempo e traz a rotina e os amigos. Sem parar para pensar, os colegas de que ele se lembra são Rubens Costa (Sapinho), Zé Luiz Soares de Barros e Geraldo Barros, cujos pais trabalhavam na Vitória-Minas. Lembra-se muito, também, dos amigos Preguinho e Anselmo, que eram irmãos e acabaram vindo morar em Vila Velha.

As saídas de final de semana eram ansiosamente esperadas. No domingo, o passeio era um direito para todos os internos. Além disso, o aluno que chegasse ao Quadro de Honra era premiado com a saída durante a semana, no dia que quisesse. Nas folgas o programa era ir ao cinema. E cinema era para ver dramas e *far west*, nas sessões empolgantes com Tom Mix e Buck Jones. Já estudante de Medicina, Luiz entrava no Cine Metro e, depois de duas horas, no intervalo, ia ao Odeon. Menino ainda, passeava na Cascatinha, no Sumaré, na Vista Chinesa, no Pão de Açúcar. Foram seis anos inteiros no internato.

Nos passeios ele também fazia visitas. Quase sempre à família Oliveira Soares, que morava próximo à Praça Saens Peña, nas imediações do São José, na Mariz y Barros. Na Avenida Paulo de Frontin morava a família Murad, que também gostava de visitar.

Do internato foi para o Colégio Universitário, onde se fazia o Pré-Médico. Foi preciso buscar um lugar para morar e assim chegou a Botafogo, Rua Real Grandeza, número 173, onde já morava o amigo Aníbal de Ataíde Lima, que era como um irmão. Enquanto Luiz estudava Medicina, ele fazia Direito. Formado, chegaria a desembargador. Aníbal foi seu amigo de 1938, quando se conheceram, até ele morrer. Décadas depois, quando Luiz Buaiz candidatou-se a deputado federal, o amigo arrumaria, em sua cidade, São José do Calçado, 700 votos.

O famoso Colégio Universitário, que ficava na Praia Vermelha, foi o caminho para Luiz Buaz chegar à Medicina. Era um curso de alta seriedade e exigência: “Ali você estudava dois anos para fazer o vestibular. Então eu fiz isso tudo e comecei a cursar Medicina em 1941. Naquele tempo você estudava mesmo. Anatomia era cursada em dois anos. Anatomia Descritiva, Anatomia Topográfica, Semiologia... Você aprendia a tocar o doente, auscultar, palpar pra fazer um diagnóstico provável. Essa parafernália toda de exames que está aí não existia. Não tinha nada disso. O médico tinha de ser, antes de mais nada, um clínico. Você tinha duas linhas: clínica e cirúrgica. Quando você optava por fazer Clínica, fazia Clínica Médica e uma das especialidades clínicas. Você se dedicava, estudava muito... Quantas vezes eu vejo um diagnóstico de que a gente até ri, porque a pessoa não tem noção do todo. Porque hoje o cara é especialista em cotovelo. Daqui a pouco um vai ser especialista no olho direito, o outro no olho esquerdo”.

Luiz Buaz lembra professores que eram verdadeiras sumidades, como Joaquim Motta, de quem foi aluno. Porque estudava com tanta dedicação, e realmente aprendia, o médico era respeitado: “No interior o médico mandava mais que o padre, o delegado e a professora. O farmacêutico também era respeitado. Eu me lembro de Rufino Manoel de Azevedo, de Ibraçu, que era Pau Gigante naquele tempo... Manoel Coutinho, o farmacêutico de Colatina, Roberto Silveiras lá no norte, de São Mateus... Nós éramos respeitados. Eu, menino de 24 anos, médico, quando me formei, saí da missa, na Catedral do Rio, e fui passar um telegrama e me deram a vez. Porque se identificava o médico pelo anel. Identificavam-se as profissões pelo anel”.

Luiz Buaz foi fazer Medicina no propósito de ser obstetra. Seu sonho de criança era ser parteiro. Era um sonho e uma convicção, mas o quadro apresentado em Vitória, uma cidade portuária, e a carência de profissionais, lhe apontariam um outro caminho, do qual não pôde fugir. Quando estava no quarto ano, mais ou menos, seu irmão mais velho, Benjamin – que já atuava em Medicina – lhe disse que o médico José Augusto Soares, o único da capital especializado em Venereologia, havia voltado para São Paulo. Sugeriu-lhe, então, que ficasse nessa área porque poderia atuar em Vitória. Quando houve o concurso para ocupar a vaga, Luiz fez a prova e tirou o primeiro lugar.



No Centro de Saúde

As coisas aconteceram assim: primeiro Luiz Buaz voltou à sua cidade. Depois, chegando, teve uma primeira oportunidade. Ele conta: “Eu comecei na Santa Casa, em 1947. Depois, em 1948, é que fui para o Centro de Saúde, onde fiz Venereologia”.

“Os grandes males da época eram sífilis, doenças venéreas, tuberculose (quem tivesse se confinava até morrer) e lepra. Hoje você abre uma gaveta e pega uns comprimidos e manda o cara pra tomar em casa. Você fazia arsênico na veia. Cansei de fazer arsênico na veia... Eu morava lá na Santa Clara. Em frente tinha a casa que foi de um governador, Nestor Gomes. Ali era um centro de tratamento rápido. O sujeito que tinha sífilis ia pra lá pra tomar arsênico na veia todo dia. E não curava”.

Para Luiz Buaz, desumanizaram a Medicina: “Eu sou do tempo em que se confiava no médico. A relação médico-paciente desapareceu. Há coisa de uns três ou quatro anos, uma senhora já idosa, Dona Ilca, que tinha tido indicação pra ser internada, chamou o filho e disse: ‘Só interno se o Dr. Luiz Buaz disser que preciso internar.’ E realmente eu fui vê-la, na Rua Barão de Monjardim. Pouco tempo depois ela mor-

O Centro de Saúde, esquina de Cleto Nunes com General Osório, foi dirigido por Luiz Buaz.



Acima: palacete de Nestor Gomes, no alto da Sta Clara. À esquerda, parte do que restou: retrato do descaso.



O Sanatório Getúlio Vargas foi referência. Hoje ele é o Hospital Cassiano Antônio de Moraes.

reu, mas percebia-se a confiança que a pessoa tinha no médico e no farmacêutico. O médico de família saía visitando todo mundo a troco de nada, ninguém ficou rico. O próprio Dório Silva, que foi o ídolo das gerações de médicos que eu vivi, não enriqueceu. Os médicos, eles eram vocacionados. O médico tinha orgulho de saber que era médico. Havia humildade entre nós. Quando o caso era complicado, todo mundo se reunia pra discutir, pra chegar a uma conclusão”.

A pressa substituiu a cuidadosa e devotada atenção a cada paciente, lembra ainda Dr. Luiz: “Eu me lembro muito. Você examinava o doente, abria uma chave de diagnóstico diferencial. Pode ser isso, isso e aquilo. O exames de laboratório eram pouquíssimos. Era um raio X simples, exame de urina, glicose, ureia... Hoje o sujeito está com uma dor de cabeça, vai fazer uma tomografia, uma ressonância, muito médico não sabe nem interpretar aquilo. E a coisa foi se especializando, até com justas razões, mas o cara tem que ser formado médico pra entender de tudo pra depois se especializar no que ele queria, que era o que a gente fazia. Dório fazia ortopedia, cirurgia, ginecologia, obstetrícia, clínica. Fazia tudo e nunca deixou de atender ninguém. Ninguém voltava”.



Cinco anos depois de formado, Luiz Buaiç já atendia, em Vitória, como médico do IAPC.

Unificando os institutos

A possibilidade de oferecer aposentadoria e assistência médica a associados levou sindicatos e outras organizações a criarem institutos com esse fim e possibilitou também o surgimento de fundos de pensão. Em determinado momento o Governo federal decide unificar todos esses institutos. Alguns, em Vitória, haviam sido geridos por Luiz Buaiç. No momento da unificação não haveria ninguém mais indicado que ele para fazer a transição. E foi o que aconteceu.

O próprio Luiz Buaiç conta como isso se deu: “A Previdência Social começou na minha mão. Eu inaugurei o prédio do IAPC, que está lá, em setembro de 1951. Olha, é a cópia do que é a Unimed Fácil. Direitinho. A pessoa tinha carteirinha de comerciante, ia lá e era atendida. Precisava operar, ia pro hospital...” Ele prossegue contando uma história edificante, desconhecida: “E lá nasceram grandes nomes da Medicina. Constantino Vicentini, Cassiano Antônio de Moraes, que deu nome ao Hospital Universitário e ninguém sabe nem quem foi. Todo mundo fala Hospital das Clínicas, mas é Hospital Cassiano Antônio de Moraes. Jair Andrade, que era um dedicado e competente cirurgião, que descobriu um câncer de rim num dia 31 de dezembro e seis meses depois estava morto... Ninguém sabe quem foi quem”.

Dedicado e levando sua atuação ao limite, Luiz Buaiç fazia questão de que institutos, hospitais e casas de saúde oferecessem um atendimento humanitário. Ainda que não houvesse equipamentos de última geração, tudo era compensado pela competência e pelo envolvimento absoluto com o trabalho. Um aspecto do atendimento médico que inspira cuidados é a atuação do corpo de enfermagem, hoje pouco preparado, apesar da existência de escolas. Ele destaca: “Eu sou do tempo em que as irmãs de caridade é que faziam a anestesia geral, com aquelas máscaras de ombredane com clorofórmio, e não acontecia nada”.

O estado atual da Medicina, dos médicos, é algo que toca e faz sofrer alguém que se esforçou e se dedicou tanto, e que ainda hoje, abnegadamente, é capaz de sair de casa à hora em que for preciso para atender um doente. Para Luiz Buaiç, as coisas não poderiam ter chegado a esse ponto. Ele pensa: “A evolução é que levou a isso. Começaram a aparecer antibióticos, resistência a eles, com isso a coisa foi mudando até chegar ao aparecimento de microrganismos, de



bactérias que ninguém sabe o que é e começam a ser pesquisados. A grande esperança da Medicina, no meu entender, hoje, é a avaliação do efeito da célula-tronco. É possível que se chegue a algum resultado. Mas ninguém pode competir com Deus. Onde Deus bota ponto final não adianta botar interrogação”.

Hospitais e preventórios

Luiz Buaiç recorda momentos raros e preciosos na história do atendimento médico em Vitória. Momentos em que se fazia Medicina com amor, devotada e responsabilmente. Ele lembra que esse era o procedimento comum e apresenta um exemplo: “Na Ilha do Dr. Américo, quando houve uma epidemia de cólera, prepararam um hospital, mas felizmente não houve nada. Você tomava uma lanchinha ou um barco, ia e voltava e carregava os doentes, os médicos e o pessoal que trabalhava lá”.

E destaca os grandes profissionais idealistas e humanitários, que foram indispensáveis ao Espírito Santo. Gente que faz falta hoje. Luiz Buaiç dá o crédito de muitas realizações, entre as quais a construção de casas de saúde. Lembra: “Deve-se a Jayme Santos Neves a constru-

Dório Silva, à esquerda, e Jayme Santos Neves: amigos admirados por Luiz Buaiç.

ção do Hospital Getúlio Vargas, que era o Sanatório Getúlio Vargas, onde internavam os tuberculosos, e ali se fez muita coisa. Passaram por lá muitos médicos brilhantes: Jayme, Ovídio Paoliello, Jurandir Flossal, Wilson Simões Ferreira... Essa é a turma que passou por lá”.

Princípios elevados estão fazendo falta. E a nobreza de caráter é destacada por Luiz Buaiç quando diz: “Jayme Santos Neves, embora irmão do governador, nunca desfrutou de coisa alguma. Ele, que era titular do Departamento de Tisiologia, conseguiu, no Departamento Nacional de Saúde, a construção do Hospital Getúlio Vargas, da mesma forma que foi feito o Pedro Fontes, que era para os leprosos... Então, havia essas referências. E ninguém sabe o seguinte: ali no Pedro Fontes tem um Preventório, o Alzira Bley. Porque você internava o doente no leprosário e os filhos iam para o Preventório. Os tuberculosos, em Vila Velha, tinham o Preventório Gustavo Capanema, que hoje parece que é uma escola ou uma coisa dessas, e naquela época os filhos dos tuberculosos iam pra lá. Tudo isso...”

Naquele tempo, o que era novo começava aqui, assegura Luiz Buaiç, que acrescenta: “Coube a um capixaba, que viveu no Rio de Janeiro, Gerson Teixeira, o início da cirurgia torácica no Brasil. Então veja você. Era isso que existia. Olha, hoje, quando eu vejo que você abre uma gaveta, pega um remédio e dá e manda o sujeito ir embora... Houve muita evolução, mas infelizmente não foi acompanhada pelo carinho. Pra mim, a mais dignificante profissão é a de médico. É a que mais nos aproxima de Deus. Porque ele, o médico, é que dá a saúde e nos prorroga a vida quando Deus permite. E o médico tinha que ser uma pessoa diferente. Com um sentimento de filantropia e de amor que caracterizava as gerações que eu vivi”.

E indaga: “Quantos eram assim? Você sabe? Bezerra de Farias, um pediatra dedicadíssimo, que morreu na miséria lá no Rio Grande do Norte. Ele era nordestino. Uma semana antes eu recebi dele um bilhete pedindo para eu mandar uns documentos que ele ia tentar se aposentar. E não deu tempo nem disso.

E Cassiano Antônio Moraes, que morreu novo, novo, novo, de câncer de pulmão? Fazia pena ver. Dedicadíssimo. Isso não é lembrado, poucos sabem...”

Então, não há um respeito por aqueles que fizeram alguma coisa em favor de terceiros”.

Luiz Buaiç, um médico à moda antiga

Reunindo todos esses elevados valores e trabalhando incessantemente, Luiz Buaiç é um médico à moda antiga: ele vai à casa do paciente, ele não fecha a porta do consultório, ele está sempre à disposição, não importa a hora. E, indiscutivelmente, leva a sério o juramento de Hipócrates.

Atuando dessa maneira, se destaca, não apenas porque o que deveria ser comum ao longo dos anos foi escasseando, mas porque ele é superlativo em suas ações. Ele próprio faz uma avaliação do quadro atual da Medicina: “Hoje não existem mais médicos. Só profissionais da saúde.” E vai adiante ao dizer: “Os médicos antes não enriqueciam. Jolindo Martins, Raul de Oliveira Neves e muitos outros.”

Um episódio narrado pelo sobrinho Américo Buaiç Filho dá a exata dimensão de quem sempre foi o tio e da atuação de Luiz Buaiç: certa vez a Receita Federal o convocou para que esclarecesse o motivo por que, sendo um dos médicos com o consultório mais freqüentado, em Vitória, não declarava seus rendimentos. Ele defendeu-se dizendo: “Porque não tenho arrecadação!” E não tinha mesmo. Luiz Buaiç poucas vezes cobra pelas suas consultas. Hoje ele diminuiu muito o ritmo, mas semanalmente está em seu consultório, onde trabalha sem cobrar, e atua ainda numa rede particular de assistência médica.

O médico e amigo Dilo Binda, que já foi prefeito de Colatina, deputado estadual e desde 2009 compõe a Diretoria da Santa Casa de sua cidade, fala assim de Luiz Buaiç: “É uma figura admirável, sempre buscou ajudar a todos, principalmente os pobres. Ele era humilde e como prova é só ver que ele foi o homem que mandou no estado, e não pegou cargo nenhum. Não quis saber de Tribunal de Contas e essas coisas. Admiro muito ele. Eu o conheci ainda na época da escola. O Dr. Luiz foi meu professor no segundo grau. Ele era bem jovem na época, e brincalhão, era amigo de todos, como sempre. Não reprovava ninguém, mas era respeitado por todos. Sou muito grato a ele. Foi o Dr. Luiz que me colocou no CRM, sempre obedeci a ele, a minha admiração só cresceu nesses anos todos. Não sei o número que represento na vida dele, mas ele para mim é o número um. Sempre”.

Trabalhar incansavelmente, sem pensar em dinheiro, apenas em exercer a sua missão, fez de Luiz Buaiç o médico de confiança que todos buscam e uma pessoa muito querida aonde quer que vá. Todos

desejam tê-lo ao lado, reconhecem a sua admirável capacidade. Pacientes e colegas de trabalho têm uma dívida de gratidão com Luiz Buaiç, que recorda: “Teve um momento na minha vida que eu tinha muito poder. Eu fazia amigos. Então, quando eu queria alguma coisa havia retribuição”.

O seu jeito alegre, que faz esquecer todos os problemas, e o seu exemplo de trabalho sério e constante contribuíram, sem dúvida, para a constatação que ele próprio faz: “Eu me fiz respeitado e respeitei todo mundo. Aonde eu chego, graças a Deus sou tratado com carinho. Quantas vezes me dão a preferência e eu pergunto o porquê, se é porque sou idoso, e respondem: ‘O senhor é um patrimônio da cidade’. E eu digo: Só não quero ser tombado”.

72





CAPÍTULO III

MÉDICOS E AMIGOS

Durante décadas o médico Luiz Buaiz ocupou um lugar privilegiado, de onde conseguiu dar bom andamento ao setor de saúde na Grande Vitória e no Espírito Santo. Ele sempre reuniu condições incomuns para isso, a começar pela vontade permanente de ajudar e de solucionar problemas. Pela capacidade inata de analisar globalmente uma situação, por ser altamente carismático e ainda dono de um caráter forjado com os mais altos valores éticos e morais, ele naturalmente era encaminhado a postos-chave. Além disso, a sua alta capacitação fez dele um médico-referência nas áreas de venereologia e dermatologia.

Na comunidade médica Luiz Buaiz é admirado e querido. Por longo tempo ele foi responsável por empregar e indicar todo jovem recém-formado em Medicina que chegava à capital e aqueles que estudavam aqui. Dessa gente toda ele é amigo. Alguns são mais próximos, de muitos ele foi padrinho de casamento, com outros tantos compartilha uma amizade transmitida hereditariamente e reforçada com o passar dos anos. Ícone, mestre, ele também é o amigo irreverente que tem sempre um arsenal de piadas impubescíveis e meia dúzia de palavras pesadas que distribui sem a menor cerimônia, sem que isso cause estranheza ou mal-estar: ditas por ele, curiosamente soam casuais, comuns, corriqueiras. Muitas vezes mal são percebidas. Esses médicos amigos fazem questão de dizer quem é e o que significa Luiz Buaiz para a Medicina, em Vitória.

Médico, amigo e admirador

Um dos primeiros médicos a trabalhar junto com o Dr. Luiz Buaiz, inclusive em seu consultório, Douglas Puppim é amigo de longa data. Sobre o companheiro de trabalho ele diz: “Luiz Buaiz é uma figura ímpar. É realmente difícil encontrar, no Brasil e no mundo, pois conheço boa parte dele, uma pessoa com a capacidade intelectual e com a força física dele. Ele tem uma vontade de ajudar muito grande, é o prazer dele”, elogia.

O também dermatologista Douglas Puppim destaca que Luiz Buaiz



foi o pioneiro da dermatologia no Espírito Santo. “Claro que ele não fez isso sozinho, mas a maioria daqueles que começaram no mesmo ano que ele tinha uma atuação específica. Uns só lidavam com lepra, outros com doenças venéreas, e por aí vai. Mas Luiz Buai, não. Ele tinha consultório, dedicou boa parte da vida às doenças de pele, mas ao mesmo tempo atuou nas previdências sociais da época e foi provedor da Santa Casa”, recorda.

Sobre esse período de muito trabalho, Puppim lembra que Luiz Buai começava a jornada às 6 horas da manhã, e normalmente só encerrava às 20 horas. “E no final ainda sobrava tempo para ele passar por todos os hospitais de Vitória e verificar se algum colega precisava de auxílio”. Era um tempo de muitas dificuldades, todas vencidas com o entusiasmo comum aos jovens.

As dificuldades existiam antes mesmo de se começar a trabalhar, lembra Puppim. Na universidade, ainda no Rio de Janeiro, “faltava todo tipo de recurso que você pode imaginar, mas mesmo assim o ensino era de qualidade porque nesse tempo tínhamos que estudar muito. Luiz e eu estudamos no mesmo lugar, mas em tempos diferentes”.

Quando voltou ao Espírito Santo, Luiz Buai fez com que muitos

O professor Anuar Auad, Douglas Puppim e Dr. Luiz Buai em Congresso Nacional de Medicina.



de seus colegas de faculdade também viessem para cá. “Teve a coragem de me trazer, inclusive. Ele abriu uma clínica e lá nós trabalhávamos de 7 horas da manhã às 7 da noite, sem parar. Além disso, cada um que chegava do Rio de Janeiro nós colocávamos lá. No fim do mês não sobrava nada para ele e muito menos para mim. Chegamos a ficar dois meses sem receber para pagar os novos colegas, que precisavam mais”.

Entre os amigos que foram ajudados por Luiz Buai na clínica Puppim cita: “Dr. Délio Delmaestro, Dr. Denys Otonni, Dr. Francisco Tardin, Dra. Leila, entre outros. Não faltou lugar para ninguém. E isso em um prédio que era do Dr. Luiz Buai. Algumas vezes era preciso pagar o aluguel de quatro ou cinco salas e não sobrava nada para nós no final do mês”, recorda.

Para Douglas Puppim, o ilustre companheiro Luiz Buai é um médico brilhante, além de um político honesto. “Acredito que toda a nossa classe deva a Luiz Buai por tudo que ele nos ensinou”, elogia.

Como forma de confirmar os elogios que presta ao colega, Puppim conta a forma como a atuação de Luiz Buai mudou a Santa Casa. “Quando ele foi provedor lá, tudo era muito difícil. Muitas vezes

Os padrinhos, Luiz e Lourdes Buai, nas extremidades da foto: casamento de Lúcia Helena e Douglas Puppim.

era preciso atender 70 pessoas por dia. Assim como ele, o Dr. Pretti, o Dr. Pedro Gualande, entre outros que prestaram serviço na época. Se uma área do hospital tinha um problema mais grave, tínhamos de largar tudo e correr para lá. Era assim que funcionava”, recorda.

Uma característica forte de Dr. Luiz Buaz é a forma como ele trata os amigos e conhecidos, ressalta Puppín. “Ele ajudava até as pessoas que falavam mal dele. Certa vez, nos institutos de previdência, um jovem pediatra, de quem é melhor não revelar o nome, entrou na sala de Luiz Buaz – que presidia o órgão – e fez ásperas reclamações sobre as condições de trabalho do lugar. Eu estava lá na hora. Eu e outros médicos. Ele disse que faltavam aparelhos de pressão para as crianças, termômetros, balanças, estetoscópio e mais uma série de materiais, e que sem isso não seria possível trabalhar. E disse tudo isso de forma muito dura. Luiz Buaz, nesse momento, estava ouvindo tudo de cabeça baixa. Assim que ele acabou de falar, o Luiz levantou, pediu que ele repetisse todos os equipamentos e perguntou: ‘Mais alguma coisa?’ O médico respondeu que não.”

Assim que ele terminou a reclamação, conta Douglas Puppín, Luiz Buaz chamou um ajudante e deu ordem para limpar tudo, comprar o que ele tinha pedido e colocar, no mesmo dia, no consultório em que o pediatra atendia. “No dia seguinte, quando o médico abriu a sala, ele se surpreendeu porque tudo estava lá. Pronto para usar”, lembra Puppín.

Nisso, Luiz Buaz mandou chamar à sua sala o pediatra. Perguntou se estava tudo como ele havia pedido. Puppín lembra que presenciou a conversa. O médico respondeu que sim. Foi a vez de Luiz Buaz exigir. “Ele disse que iria conferir, em cada ficha do médico, se todos os itens estavam corretos. Se todas as crianças tinham sido pesadas, medidas, se a pressão estava devidamente anotada. Todos os procedimentos teriam que ser seguidos. O médico saiu e Luiz Buaz disse: não dou três semanas para ele desistir. E não demorou mesmo isso. Logo o médico iria aparecer na sala do chefe para pedir desculpas e dizer que não dava para usar todos os instrumentos pedidos, atender a todos os protocolos, com a demanda que havia no hospital. Pouco tempo depois deixaria o estado”, revela Puppín. No pedido de desculpas do médico, Luiz Buaz disse a ele que não havia motivo para isso, que a reclamação era um direito.

Douglas Puppín conta que a ajuda de Luiz Buaz foi preponderante para o sucesso da sua gestão quando foi secretário de Saúde do estado. “Não tive dificuldade graças a ele. Com essa parceria consegui fazer o Hospital Dório Silva, o hospital de São Mateus, 148 centros de saúde e mais uma série de estruturas, tudo com a tutela dele”, reconhece.

“Lembro-me ainda do Dr. Luiz Buaz quando ele tinha o primeiro carro, parecia uma moto, de tão pequeno. Ele sempre foi simples assim. Posso classificá-lo como um cara puro, amoroso, de muita dedicação e respeito com os amigos e com os profissionais com que lida. É o homem que faz tudo para ajudar sempre. Nasceu para fazer Medicina. Tenho raiva de ele nunca ter ganho na loteria. Tenho certeza de que iria dividir com os pobres, se ganhasse. Todo o Espírito Santo deve ao Dr. Luiz Buaz.

Jovialidade

A amizade entre o médico Luiz Buaz e Sérgio Aboudib foi uma herança. Ou melhor, um presente dado ao atual vice-presidente do Tribunal de Contas do Espírito Santo por seu pai, o também médico Antônio Ferreira Pinto. “O conheci na figura de médico. Mas uma figura diferente do que se vê hoje. Mais humanista e mais preocupada com o paciente, não essa relação fria que se vê atualmente”, conta.

O conselheiro Sérgio Aboudib faz questão de ajudar o Dr. Luiz em uma deficiência crônica. “Ele fez um bem danado para muita gente, como médico. Porém ele se esquece das pessoas que ajudou. De tempos em tempos temos que lembrá-lo. Um desses episódios aconteceu com outro amigo do médico, Hélio Dórea. Certa vez um sobrinho seu precisou de assistência no Rio de Janeiro e Dr. Luiz foi prontamente prestativo”, recorda.

Pouco tempo após ajudar o sobrinho do amigo, Dr. Luiz Buaz, então candidato a deputado federal, foi pedir votos para Hélio Dórea, que respondeu: “Será que o senhor já se esqueceu do que fez por mim?” E Dórea não só votou em Buaz como fez intensa campanha para seu sucesso nas urnas.

Apesar de o Dr. Luiz desempenhar atividades sérias como gestão de hospitais, medicina e política, Sérgio Aboudib faz questão de destacar outro lado do amigo: “Ele está sempre sorrindo. De bom humor e

contando piadas que, sinceramente, são impublicáveis. Não dá nem para falar. Inclusive fiz uma cirurgia bariátrica, mas antes disso, sempre que me encontrava ele tinha uma piada pronta que não posso repetir”, diz aos risos.

Além do bom humor característico, o conselheiro destaca a disposição e jovialidade do Dr. Luiz Buaiz. “Não parece que este homem tem a idade que tem”. Filho e irmão de médicos, Sérgio Aboudib diz que a sua convivência com Luiz Buaiz foi muito pautada pelas atividades políticas que ambos exerceram. “Em certa época, chegamos a estar no mesmo partido, depois tomamos rumos distintos. Mas a amizade sempre esteve acima de qualquer fato político”, destaca.

Na vida política do médico Luiz Buaiz não faltam passagens dignas de nota. Porém, na memória de Sérgio Aboudib, a campanha para a Prefeitura de Vitória na década de 1990 se destacou. Ele conta que, na ocasião, Luiz Buaiz se lançou candidato para substituir o primo Vitor Buaiz, em uma disputa com o ex-governador Paulo Hartung (PMDB) e com o atual prefeito João Coser (PT).

Aboudib recorda que a disputa foi acirradíssima e decidida nos detalhes. “Na época o Coser e o Hartung ainda eram muito jovens e Luiz Buaiz bastante experiente. Muitos não acreditavam que ele teria fôlego, devido à avançada idade. Mas a derrota foi vendida de forma dura”, diz.

Sobre essa disputa específica, Aboudib lembra um episódio que colocou em saia justa um vereador da época. “Nenel Miranda era da chapa de Paulo Hartung, e tinha muitos votos na Praia do Canto. Reduto de Luiz Buaiz. Então era comum ver adesivos que diziam ‘Luiz e Nenel’. Isso fez o vereador ser acusado de trair a legenda. Em sua defesa ele saiu-se com esta: ‘Se eu pedir votos para Hartung na Praia do Canto não só não terei êxito, como vou perder os meus’. Assim ele conseguiu se explicar”, lembra o conselheiro.

Com essa passagem, Sérgio Aboudib resume o Dr. Luiz Buaiz. “Ele é assim. Muito querido por todos e prestativo. Admirado por seu trabalho, caráter e sinceridade. Além da boa vontade permanente de ajudar aos outros sempre com um sorriso no rosto. Agradeço muito pela amizade e espero que ele permaneça entre nós por muito tempo, para seguir transmitindo bons valores”, encerra o conselheiro.

Grandeza

Pai maravilhoso, amigo desinteressado, excelente médico, uma pessoa simples. Assim o médico Arnaldo Ferreira, ginecologista e obstetra, define Luiz Buaiz. Dr. Arnaldo fala com admiração de um sentimento que alimenta desde que conheceu o generoso amigo. Também generoso, Arnaldo Ferreira não se importa de que esse seja um sentimento comum a tantas pessoas que conviveram e convivem com Luiz Buaiz. A sua história é longa, e já alcança quatro gerações. Começa com seu avô e se estende ao seu filho. Por enquanto:

“Meu avô, Josué Prado, foi amigo do Sr. Alexandre, pai do Luiz Buaiz. A vida inteira Luiz foi médico, amigo, filho. Quando meu avô Josué Prado adoeceu, ele foi de uma dedicação... Foi um amigo e um filho. Até carregá-lo no colo, ele carregou.

Luiz sempre foi uma pessoa simples. Se veste simplesmente, gostava de reunir os amigos em casa. Eu era sempre convidado. Ele tinha uma quantidade muito grande de amigos, mas poucos frequentavam a sua casa.

Luiz também foi um pai maravilhoso, sempre atento aos filhos, sempre companheiro. Ele continua assim, muito ligado aos filhos e à família, aos amigos.”

O médico ressalta: “O que ele fez por mim foi de uma grandeza geral. Com uma semana de formado, de volta a Vitória, eu já estava trabalhando. Depois ele foi nosso padrinho de casamento. Temos uma vida de bom relacionamento.”

Dóris, esposa do médico, intervém, para lembrar um momento que começou com grande entusiasmo e empolgação, mas que não resultou como esperado e como seria justo. Ela fala da eleição em que Luiz Buaiz disputou a Prefeitura de Vitória: “Fomos amigos uma vida. Na campanha, chovia tremendamente e eu lá fazendo boca de urna. Ele tinha que ser eleito. Diante do trabalho dele, seria um coroamento”.

Arnaldo Ferreira retoma o seu depoimento falando das qualidades profissionais do amigo:

“Ele é um excelente profissional, um dermatologista e tanto. Um dermatologista olha, e sabe o que é ou não sabe. E o Luiz sempre sabe. Ele tem uma experiência extraordinária como dermatologista. Ele é um médico humanitário. Acho difícil aparecer outro como Luiz. Hoje os exames permitem maior facilidade de diagnosticar, mas um

médico como ele, completo, dedicado, não há mais. Ele carregava o paciente. E carregava literalmente, como aconteceu com Josué Prado.

Entre médicos e associados, nunca vi alguém procurar Luiz que ele não desse um encaminhamento. Na Santa Casa ele fez uma direção excelente. Ele tinha muitos amigos médicos, mas havia um de quem ele era como irmão, o Dr. Jorge Abikair. Ele era muito ligado a Jorge. Eram amigos de fé. Jorge sempre substituiu Luiz Buaz na direção da Santa Casa. Quando os filhos de Jorge chegaram dos estudos, ele falou: ‘Arnaldo, chegou aí o Jorginho, chegou o Antônio...’

A gente se visitava. Fazíamos um jantar e um almoço, chamávamos os amigos. Hoje não se visitam, não há mais tempo.”

O que o médico Arnaldo Ferreira diz não compreender é o motivo de hoje não haver mais tempo, se antes também se trabalhava muito – “Eu também trabalhei assim. Passei muitos anos, dia 31, na sala de parto ou cirurgia” – e não faltavam ocasiões para o encontro dos amigos. Arnaldo Ferreira Filho, também médico, divide com os pais o afeto pelo Dr. Luiz, e destaca a irreverência do amigo a quem admira.

Uma pessoa brilhante

A amizade entre o cirurgião Noé Silva e o Dr. Luiz Buaz começou em 1959, época em que Noé chegou a Vitória oriundo do Rio de Janeiro. “Nas décadas de 1950, 1960 e 1970, de certa forma o Dr. Luiz Buaz comandava os institutos de previdência do Espírito Santo. Então era muito comum procurar por ele”, lembra.

Dr. Noé destaca ainda que dois fatores que marcaram muito, no Dr. Luiz Buaz. “O primeiro era a atenção que ele dava a todos os pacientes. Luiz fazia questão de que todos fossem muito bem atendidos. Em segundo lugar, ele que ocupou, em muitas oportunidades, um cargo de chefia, sempre nos tratou com extremo respeito e também forneceu toda a atenção que era necessária.”

Trabalhando diretamente com o Dr. Luiz Buaz por aproximadamente 40 anos, Noé Silva lembra-se de todo o esforço que ele fazia para auxiliar os colegas e resolver todos os problemas à sua volta, mesmo que não tivessem nenhum vínculo com ele. “O dia-a-dia com Luiz Buaz era muito fácil. Ele é talvez uma das pessoas que conheço que é mais inclinada a fazer o bem. Raramente diz não, é uma pessoa brilhante”, elogia o médico.

Da época em que Luiz Buaz era provedor da Santa Casa, Noé Silva lembra: acompanhou de perto todos os trabalhos desenvolvidos. “Lá ele demonstrou toda a sua capacidade administrativa, já que pegou o lugar em uma situação difícil, de penúria, e em poucos anos recuperou totalmente a Santa Casa, inclusive reabriu algumas enfermarias que estavam fechadas, e deu condições de trabalho para todos. Foi maravilhoso”, descreve.

Noé Silva conta ainda que trabalhou com Luiz Buaz no Hospital das Clínicas e na Secretaria de Estado de Saúde do Espírito Santo. “Ele sempre teve um gênio brincalhão, mas ao mesmo tempo era sério. Era um chefe ímpar, tenho saudades. Uma das decisões mais acertadas que ele tomou foi assumir a Santa Casa por amor ao lugar, e depois recuperá-la totalmente”, conta.

Sobre a atuação política de Luiz Buaz, Noé relata que sempre foi um eleitor do amigo, mas pondera que Brasília não deve ter feito bem a ele. “Ele foi deputado federal por apenas um mandato, não deve ter gostado muito do clima de lá. Ele sempre foi muito sério, por isso deve ter se decepcionado com algo”, especula.

No lugar do padre

Além de chefe e companheiro de profissão, Luiz Buaz era amigo de Noé Silva, e essa amizade fez com que, no segundo casamento de seu filho Carlos, Luiz tivesse papel de destaque na cerimônia. “Tudo estava pronto, mais de 400 pessoas convidadas. O noivo e a noiva já estavam no cerimonial, em Santa Lúcia, e nada do padre. Trinta minutos de atraso e fui conversar com o Dr. Luiz Buaz. Perguntei: ‘Luiz, você não casa o meu filho, não?’ E ele prontamente me atendeu, dizendo: ‘Caso sim’, lembra.”

A cerimônia celebrada por Luiz Buaz foi emocionante: “Ele colocou muita gente para chorar. Foi realmente bem bonito. Isso, mais uma vez, mostrou como o Luiz está sempre pronto para ajudar, independente da situação”, diz. Quanto ao padre, não apareceu até hoje.

Inteligência privilegiada e liderança carismática

O nefrologista Michel Assbú, amigo e admirador de Luiz Buaz, se coloca na imensa lista daqueles que, de alguma forma, se consideram devedores do médico Luiz Buaz.

A amizade, revela Michel Assbú, começou antes mesmo que viessem a se conhecer. Teve início com o seu tio, que também era Luiz:

“A nossa amizade é uma amizade familiar. Começa com a história de dois amigos: Luiz Zouain e Luiz Buaiz. Nossa amizade começou em 1958.

Meu tio Luiz morreu muito novo, aos 46 anos, e eu tenho certeza de que Luiz Buaiz sentiu muito a morte dele, porque eram amigos verdadeiros. O que eu fiz foi perpetuar essa amizade do meu tio, meu padrinho, com o maior orgulho. Ele é meu padrinho de casamento. Quando minha filha nasceu foi um dos primeiros a nos visitar.

Ele foi meu professor de História Natural no Colégio Estadual. Eu, com 17 anos, e ele passou a demonstrar aquela fidalguia que é sua característica. Em 1969, o Decreto-Lei 200 proibia a contratação de funcionários. Ele entrou na Previdência em 1970 e, apesar do decreto, conseguiu uma possibilidade, sem ferir a lei, de me nomear. Nos anos 70, todos que faziam Medicina recorriam a ele. Isso permaneceu até que, durante a Revolução, perdesse o emprego. Mas não foi suficiente. Logo ele estaria de novo ajudando a todos.

A amizade e a generosidade motivaram o almoço de confraternização, no Cimarron, quando ele perdeu seu emprego. Ele estava indo para o ostracismo, e todos os amigos fizeram questão de comparecer ao encontro em sua homenagem. A Polícia Federal havia colocado microfones embaixo da mesa, coisa comum na época, mas nós sabíamos disso. Então só falamos banalidades. Foi um encontro memorável, de amigos solidários.

Não posso esquecer que na época da revolução ele ia ao 38º BI visitar, dar apoio, a todos os médicos presos. Sem a preocupação do risco que corria. O 38º Batalhão de Infantaria ficava em Vila Velha e era para lá que levavam os presos políticos.

Em 1972 ele pediu para eu ver um paciente com endocardite bacteriana subaguda. Quando quiseram me pagar eu disse que o Dr. Luiz Buaiz já havia pago.

Ele nunca deixou de atender a ninguém, ou de resolver um problema. Ajudou, por exemplo, um grupo de médicos que saiu para o Rio e para o Instituto de Cardiologia de São Paulo e fundamos o similar aqui.

Outro fato que lembro é a sua atuação na Santa Casa. Não havia a

logística necessária, os médicos não tinham experiência para abrir e ele viabilizou aquilo. Foi provedor da Santa Casa quando ela era quase um depósito de doente. Ele modernizou e equipou a Santa Casa.

Lembro ainda que, quando da criação do Procardio, já havia uma equipe cardíaca de emergência no Santa Rita e houve lá uma desavença. Ele é que apaziguou.

O Dr. Luiz Buaiz tem um coração tão grande, e faz tanto pelos amigos que uma vez houve um problema administrativo numa casa de saúde em Vitória, com irregularidades gravíssimas, e ele teria que ficar à frente, para resolver o problema, mas passou adiante o encargo. Ele transferiu a incumbência para um assessor que não tinha envolvimento afetivo com os donos, porque sabia que seria procurado e que iria passar a mão na cabeça dos culpados.”

Liderança inata e vitalidade

Incansável, inquieto, atencioso, atento, humanitário, honesto. Esses são apenas alguns dos adjetivos que o amigo Michel Assbú escolhe para definir Luiz Buaiz, dono de uma vitalidade invejável, apesar dos 91 anos. E capaz de perdoar como poucos. Ele diz:

“As pessoas não são perfeitas. Mas ele nunca usou os cargos que ocupava para perseguir ninguém. Os inimigos ele atendia como se nada tivesse acontecido. E sempre disse que tem que atender primeiro os inimigos. Os amigos podem esperar. No ambulatório de clínica médica, atendia com o valor humanístico. Quando voltou por cima, ignorou e mandou os que o perseguiram escolher o cargo que queriam.

Em sua família, todos recorrem ao tio Luiz. É indiscutível a liderança que ele tem com todos, a liderança familiar que exerce.

Ele é sempre presente. Está sempre disponível quando é procurado. Lembro uma vez em que liguei pra ele, disse que queria tratar um assunto, ele me perguntou onde eu estava, eu disse que atrás do Clube da Polícia Militar e ele respondeu: ‘Então me encontra no posto de gasolina na esquina’. Em menos de cinco minutos nós estávamos lá, conversando.

É grande a amizade que ele sempre demonstra ter pela minha família. Em 64, a primeira neta dos meus pais, em Colatina, teve um problema com um quadro grave de invaginação intestinal, quase meia-noite do dia 30 para o dia 31 e de pronto estava tudo organizado

pelo Dr. Luiz, aqui em Vitória, para recebê-la e fazer a cirurgia. E ela sobreviveu.

O coração dele é muito grande. Ele sempre diz: 'Eu vim aqui para servir, não para ser servido.' Mas ele nunca foi subserviente, nunca foi de conchavo, sempre defendeu o seu ponto de vista. Eu descrevo o Dr. Luiz Buaiç assim: em primeiro lugar, ele tem uma inteligência privilegiada. Não esquece fatos, nomes, pessoas, datas. Em segundo lugar, ele é bondoso. Em terceiro lugar, ele tem uma visão administrativa de Medicina, como poucas pessoas têm. Em quarto lugar, ele é uma liderança inata e uma liderança carismática. Ele é muito mais próximo das pessoas comuns que de políticos.

No governo de Élcio Álvares era a pessoa com maior prestígio. Tinha uma amizade de anos com Mariazinha Lucas, Chefe da Casa Civil, mas não quis nada.

Luiz não é rico. Ele vive sem dificuldades financeiras, mas não é rico. Ele vive uma vida extremamente simples. A nossa amizade é grande, por ele e por toda a sua família. Eu tive a honra de cuidar de José, de Benjamim e do Dr. Luiz."

Subindo nas pesquisas

O cardiologista Shariff Moisés, formado em 1965 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, fala do amigo Luiz Buaiç como um dos responsáveis pela sua fixação na capital. E como uma pessoa com visão clara dos problemas da área médica:

"Em janeiro de 1966 eu ia para os Estados Unidos e antes vim a Vitória, me despedir dos meus pais. Conheci o Sanatório Getúlio Vargas e decidi ficar porque não tinha cirurgião de tórax na capital.

Vim com o Dr. Marcelo Camargo, nós havíamos estudado Medicina na mesma turma, e começamos logo a trabalhar. Até então eu não conhecia Luiz Buaiç.

Em setembro de 65 eu atendi um acidente de anestesia e naquela ocasião só quem fazia traqueostomia era cirurgião de tórax. Fiz e fiquei cuidando, dia e noite. A mulher em coma. Dois meses depois ela saiu do coma. O marido, Tati, queria pagar, mas não tinha dinheiro. O Instituto dele era o IAPC, dirigido por Luiz Buaiç. Ele disse: 'Eu vou falar com o Dr. Luiz Buaiç.' E o Dr. Luiz me ligou e me disse: 'Você precisa receber esses dois meses de trabalho...' Como eu insis-

tisse que deixasse pra lá, ele decidiu dizendo assim: 'Vou te prometer uma coisa. Em abril de 67 vai haver a unificação dos institutos IAPC, IAPI, Iapfest. Eu vou ser o superintendente e você vai ser o primeiro contratado'.

Quem me contratou foi o Dr. Ivan Wanderley, a mando do Dr. Luiz. Mas eu fiz uma exigência, queria o emprego também para o meu amigo Marcelo Camargo. Em abril ele me ligou e disse: 'Vem, que você vai assinar o primeiro contrato.' E eu insisti: 'Só vou com o Marcelo Camargo.' O Dr. Luiz me disse: 'Olha... vê bem o que você pensa...'

E aí ele nos contratou. Fomos os primeiros contratados da unificação dos institutos.

Eu atendia no IAPC todos os dias. Atendia ainda no Pronto-Socorro da Santa Casa. Lá, dava um plantão em que operava. E operava no Sanatório Getúlio Vargas, que em 67 mesmo já começava a ser preparado para ser Hospital Universitário.

Em 67 ainda começamos o trabalho para formar a Emescam, porque não conseguíamos entrar na Federal, lá só os velhos davam aula. O primeiro vestibular da Emescam quem deu fomos eu e Marcelo Camargo.



A Emescam, na Reta da Penha, conseguiu reconhecimento no MEC com ajuda de Luiz Buaiç.



O edifício sede do INPS, no Centro: aqui Luiz Buaziz deixou a marca de muitas realizações.

Nesse momento eu iria compreender as ponderações do Dr. Luiz, em relação às exigências que fiz. Tive um atrito com Marcelo Camargo, porque nós não sabíamos operar coração e havíamos combinado que iríamos, os dois, fazer um curso de cirurgia cardíaca em São Paulo. Um de nós iria, faria o curso e quando voltasse iria o outro. Ele disse que não iria mais, que iria aprender nos livros como operar coração. E eu não concordei. Aí rompemos.

Então fui para São Paulo em 1969, em janeiro. Mas existia um entrave... Eu era funcionário federal. Foi quando Mariazinha Lucas e Luiz Buaziz disseram: 'Vá'. Sem romper o vínculo! Eles me possibilitaram fazer o curso.

Aí a amizade com Luiz se estreitava cada vez mais. Nos finais de semana eu almoçava na casa dele. Como eu me destaquei em São Paulo, o Dr. Adib Jatene queria que eu ficasse. E que eu passasse quatro anos no Alabama, me especializando em cirurgia cardíaca pediátrica.

Mas o sonho meu era fazer um Centro Cardiológico aqui no Espírito Santo, que a Vale, a CST e o Governo ajudassem. Hoje nós teríamos o maior centro cardiológico do país. Naquela época o dinheiro não faltava, porque vinha da Previdência Social e hoje vem do

Ministério da Saúde. O setor recebe 20 bilhões de dólares. Divulga-se que gastamos 8,8% do Orçamento da União, mas gastamos 5%. Os Estados Unidos, que estão com o setor de Saúde em crise, gastam 20% do Orçamento da União.

Eu voltei da especialização em cirurgia, em janeiro de 70, para realizar cirurgia cardíaca. No dia 16 de janeiro de 1970 foi realizada a primeira cirurgia cardíaca, com circulação extracorpórea, dentro dos princípios científicos, no Espírito Santo. E quem era o superintendente do INPS? Marcelo Camargo, ocupando o lugar de Luiz Buaziz. Eu disse ao Luiz: 'deixa!'

Em 1971, 3 de janeiro, Luiz Buaziz foi meu padrinho de casamento, em Cachoeiro. E criou-se uma amizade muito grande.

Luiz Buaziz voltou a ser presidente do INPS, com Mariazinha Lucas como Chefe de Gabinete. Aí fundamos o Instituto de Cardiologia do Espírito Santo. Em 1973 ele me chamou e me disse: Você vai ter que assumir a Emescam, como professor de Cardiologia, porque os que estão lá não têm a titulação necessária. Lá fiquei de 1973 a 1975, junto com Laélcio Lucas e a Emescam foi reconhecida com os títulos que eu tinha, de Cardiologia.

Nossa amizade continuou até que em 1984 ele me chamou para assumir o Serviço de Cirurgia Cardíaca na Santa Casa. Foi montado o serviço até 1994, mais ou menos. Quando saí de lá, estava operando dois doentes por dia. Ele é uma pessoa que resolvia os problemas da Santa Casa, dos pobres. Tratava o pobre e o rico com o mesmo gasto, com o mesmo custo, com os mesmos materiais.

Nessa fase almoçava com ele diariamente, ali na casa dele, em cima, na Santa Clara. E mesmo tendo saído de lá, a nossa amizade permaneceu. Ele era tranquilo, a porta do seu gabinete estava sempre aberta, a qualquer hora. Em qualquer lugar: INPS, Santa Casa... Onde assumisse a chefia a porta não fechava.

Na sua campanha para prefeito, ele me procurou. E fui com ele lá para o Morro da Fonte Grande, onde eu nasci. Subimos a Fonte Grande, ele sendo apresentado a todos e aclamado. A popularidade dele pulou de 2% para 28%.

Luiz é médico até hoje. Atende no consultório e na Unimed.

Em 1999 eu estive doente. Luiz Buaziz me disse: 'Shariff, você não me procura!' E eu respondi: 'Luiz, eu vou te procurar no dia em que

eu precisar, não puder mais trabalhar.’ Já se passaram 12 anos e eu estou aqui.”

Sorriso permanente

Délio Delmaestro, chefe do setor de Dermatologia do Hospital das Clínicas, não esquece como conseguiu a primeira colocação depois de formado. E como alcançou altos postos administrativos, ainda jovem: foi tudo graças ao Dr. Luiz Buaziz.

Após se formar, no Rio de Janeiro, Délio Delmaestro voltou a Vitória. Assim que chegou, foi orientado a procurar o Dr. Luiz, para que este o ajudasse a conseguir colocação em um dos vários institutos de previdência social que existiam na época.

Com força política nesse período da história, era comum que Luiz Buaziz fosse procurado para ajudar médicos iniciantes a conseguir emprego. Com o Dr. Délio não foi diferente. E ele não se cansa de dizer que é grato pela ajuda que recebeu. “Certamente o Dr. Luiz Buaziz deu um impulso na minha vida. Por meio dele consegui cargos da maior importância, mesmo com pouca idade”, reconhece.

Entre os cargos que conseguiu, Delmaestro destaca: “Diretor do Hospital Infantil, diretor do Centro de Saúde e outros cargos. Tudo com o ‘dedo’ do Dr. Luiz Buaziz”, lembra. Essa é uma das características principais do ilustre médico, para o colega. Délio faz questão de destacar que ele ajudava a todos que estavam a sua volta, e não só os companheiros de profissão. “Ele não tinha barreiras, ajudava sempre com um sorriso”, recorda.

Essa vontade de dar força para os novos profissionais teve influência direta no trabalho do Dr. Luiz Buaziz. Délio Delmaestro recorda uma clínica que possuía em parceria com Buaziz e com o também dermatologista Douglas Puppín. E aqui ele endossa o que Puppín já havia dito: ali, todo médico recém-formado tinha lugar. Por causa disso, as horas trabalhadas e a remuneração de todos eram diminuídas. Mas ninguém se importava, porque o Dr. Luiz era o responsável pela indicação.

A convivência profissional de Délio Delmaestro com Luiz Buaziz fez surgir uma grande amizade. Com admiração pelo empenho moral e ético do dermatologista mais antigo, Delmaestro diz que nunca viu maldade em Buaziz. Dos seus quatro filhos, Dr. Délio considerou que



tinha a obrigação de fazer de Luiz Buaziz padrinho de Délio de Carvalho, o homem da turma. Assim, os colegas de profissão hoje são compadres.

A amizade fez com que Delmaestro comprasse pequenas brigas pelo amigo. Ele conta que certa vez, ao avistar três colegas de medicina no saudoso Britz Bar, que ficava no centro de Vitória – nas imediações da antiga Prefeitura – resolveu se aproximar para cumprimentá-los. Ao chegar mais perto percebeu que o grupo falava mal de Luiz Buaziz. Por não gostar da atitude dos companheiros, resolveu se retirar sem falar nada.

Meses depois, para surpresa de Delmaestro, um dos três foi até o consultório dele e perguntou: “Délio, cadê o nosso pai?”, em uma referência a Luiz Buaziz. Indignado, o médico foi até o amigo e relatou a situação. “Está te chamando de pai hoje, mas tempos atrás falava mal de você no Britz”, disparou. Para não restar dúvidas, ainda se propôs relatar na frente do colega falastrão tudo que havia dito para Buaziz.

E mais uma vez Délio se surpreendeu. Desta vez com a reação de Dr. Luiz, que disse, conciliador: “Meu filho, deixe ele entrar. Vou atender sim e se possível também resolver o problema dele. Não se

Luiz Buaziz com Manoel Moreira, José Moisés e José Luiz Martins. À direita, o Hospital Infantil.

preocupe com esse tipo de atitude, a vida é assim mesmo”. E de fato, resolveu o problema.

Classificado como amigo dos amigos por Dr. Délio, Luiz Buaiç, com sua influência política, atraía muitos interesses. Isso, no governo Élcio Álvares (1975-79), possibilitou que ele oferecesse a Délio Delmaestro o cargo de Secretário de Saúde do Espírito Santo. “Recusei a proposta. Por ser indicado por Luiz Buaiç, fiquei com medo de falhar e tive que declinar. Não me considerava apto para a política, e não queria decepcionar uma pessoa pela qual tenho muita admiração e carinho”, recorda Delmaestro.

Junto com Luiz Buaiç, Delmaestro organizou a Sociedade Capixaba de Dermatologia, da qual o amigo foi o primeiro presidente. Quando o primeiro congresso nacional da categoria foi realizado em terras capixabas, em 1973, nada seria desenvolvido da forma como foi sem a ajuda de Luiz Buaiç. Até no discurso de Delmaestro ele teve participação.

Aberto, honesto, leal, companheiro e amigo. Assim Délio Delmaestro define Luiz Buaiç. De convivência profissional foram mais de dez anos. Entre as inúmeras histórias que surgiram no período, Délio não esquece uma: quando seu consultório pegou fogo, no Centro da Praia, Luiz Buaiç não relutou em deixar que ele atendesse em sua sala.

Um apaziguador

Ajudar na resolução de questões críticas é outra característica de Luiz Buaiç. Segundo Dr. Délio, donos de hospitais em dificuldades na administração procuravam Dr. Luiz em busca de ajuda. Diante da ameaça de descredenciamento de hospital por irregularidades, fato que levaria ao fechamento, Buaiç intervinha e tirava os colegas da irregularidade. “Isso sempre com o alerta de que o erro não fosse mais cometido. Ele sempre acreditou nas pessoas”, diz Delmaestro.

Para resumir todo o período que passou ao lado de Luiz Buaiç, Delmaestro diz que o colega viveu muito mais para os outros do que para ele mesmo. “A Dermatologia capixaba, e a maioria dos médicos que hoje atuam, foram ajudados por Luiz Buaiç. Não fugi a essa regra, daria meu sangue pela vida dele”, encerra.

O caráter conciliador de Luiz Buaiç também se estendia à vida pessoal. Filho de Apolinário Delmaestro, vereador por três ou quatro

mandatos, Dr. Délio diz que o pai tinha gênio difícil, e que cabia ao Dr. Luiz aparar as arestas. Problemas de saúde e financeiros também eram prontamente resolvidos por ele. A confiança era mútua, lembra.

Delmaestro fala da vida pessoal, quando recorda uma história que revela o espírito alegre que os unia e por isso merece registro: um paciente enviou para o Dr. Douglas, companheiro de Buaiç e Delmaestro na clínica, um belo frango. Em conluio com Manoel, o atendente, Dr. Délio ligou para a esposa de Puppim e disse que o frango estava morto. “Assim não quero”, disse a mulher. Era o que Delmaestro esperava para levar o frango para sua casa. Ao contar a história para Luiz Buaiç, a reação foi a única possível. Largas gargalhadas.

O fato ilustra, segundo Dr. Délio, outras características do amigo: saber ser criança na hora certa, adulto quando tem de ser e coordenador quando é preciso.

Ícone da Medicina

Qualidades e mais qualidades, acumula Luiz Buaiç. Numa lista de adjetivos positivos, grande parte se enquadra no seu perfil. Mas a definição que o conceituado médico Saulo Ribeiro do Val, ginecologista e obstetra, apresenta para Luiz Buaiç é precisa: “Ele é um ícone da Medicina, em Vitória”.

Dr. Saulo explica o motivo: “Porque a comandou por muitos anos. Quando vim para Vitória, em 1960, ele era presidente do Conselho Regional de Medicina (CRM), e chefe do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes, o IAPC. Foi através dele que eu conheci minha primeira oportunidade de trabalhar no Iapfesp, o Instituto de Assistência e Previdência dos Ferroviários e Servidores Públicos”.

E acrescenta: “Tenho acompanhado ele esses anos todos. Ele sempre está do lado do médico, sempre foi muito pródigo, ao ajudar a população toda. Até hoje ele dá consulta. Além disso, é uma pessoa altamente sociável e muito querida da comunidade de Vitória. Ele tem essa característica de estar presente em todos os eventos da sociedade. Você vai a um enterro, um casamento, uma festa, ele sempre está lá”.

Voltando ao passado, quando estudava no Americano, no Parque Moscoso, Dr. Saulo fala da simplicidade e displicência de Luiz Buaiç consigo próprio: “No meu tempo de colégio, com 15, 16 anos, a casa

dos Buaiç chamava a atenção. Em 48 ele morava na Rua Loren Reno, passava num carro pequeno. Ele é um homem alto, e, chegando naquele carro, chamava a atenção”.

Atuação política intensa

O presidente do Conselho Regional de Medicina, Aloísio Faria, é mais um exemplo de amigo de longa data. Ele fala disso, da personalidade do amigo e de sua atuação na política:

“A minha amizade com o Dr. Luiz é uma amizade hereditária, porque os nossos pais já eram amigos. Num momento em que precisei dele, ele se lembrou dessa amizade e me atendeu de uma forma que só ele sabe atender. O Dr. Luiz Buaiç vive para fazer o bem. É uma pessoa extremamente carismática, amigo dos amigos. Sabe cultivar uma amizade extremamente sincera. Ele é um exemplo como ser humano e como médico que atua dando muito de si aos seus pacientes.

Foi o primeiro presidente do CRM. Ele também teve uma atuação política intensa. E sempre voltada a fazer o bem. O médico em si já tem uma exposição política muito grande e o lado humanístico de Luiz Buaiç inevitavelmente o levou à política.

Sou suspeito para falar do Dr. Luiz Buaiç porque eu gosto muito dele. Tenho por ele uma gratidão muito grande. Não tenho mesmo palavras para defini-lo. O nosso dicionário é muito pequeno para definir o que é Luiz Buaiç.

Ele teve uma participação importantíssima na criação da Emescam, uma faculdade que surgiu de uma necessidade de mercado, idealizada pelo Dr. Aloysio. A Universidade Federal do Espírito Santo formava um número reduzido de médicos. Havia uma grande demanda reprimida que a Emescam veio atender.”

Um grande professor

Hoje renomados médicos no cenário capixaba, Francisco Tardin e Luiz Buaiç se conheceram ainda na faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro. Já formado, Tardin enfrentou um problema grave em família. O sogro, Orly Dessaune, pai da sua primeira esposa Maria Helena, foi acometido de um câncer no estômago que em pouco tempo entrou em metástase e se espalhou pelo fígado e outros órgãos.

Sabendo desse problema, o Dr. Luiz procurou Tardin e disse: “Você

tem uma sogra de filha única. E com o que você ganha aqui no Rio de Janeiro não é possível pagar nem um apartamento. Larga tudo e vem para Vitória que eu te ajudo”, prometeu.

Sobre a vinda para o Espírito Santo, Francisco Tardin não hesita em creditar ao amigo a atuação em terras capixabas. “Estou aqui hoje, e o responsável é ele. Estava bem no Rio e até quis voltar para lá depois. Tinha mais de um emprego e aqui tive de atuar fora da área. Depois de pegar umas férias e voltar ao Rio de Janeiro, observei que tudo estava muito mudado. Nesse momento vi que meu lugar era aqui”, lembra.

A boa recepção e a indicação para trabalhar na Emescam são apenas alguns dos motivos que levam o Dr. Francisco Tardin a agradecer a Luiz Buaiç. “Ele ajudou todo mundo aqui. Como era de muita importância política, ele ajudava mesmo. Alguns não reconhecem, mas comigo é até que a morte nos separe”, declara Tardin.

Além de fazer indicações profissionais, e até deixar Tardin atuar em seu próprio consultório, o Dr. Luiz fez mais ainda. Assim que o Dr. Francisco Tardin se casou, Buaiç emprestou-lhe o carro para ir passar a lua de mel com a esposa. Até o motorista Dr. Luiz fez questão de ceder ao amigo, para facilitar a viagem.

Com 74 anos, Francisco Tardin faz questão de recordar a boa vontade do veterano Luiz Buaiç, 90, com os mais novos. “Depois ainda descobri que ele era um grande professor de Biologia, muito querido pelos alunos. Ele é uma pessoa admirável mesmo”, elogia.

Sobre a atuação política de Luiz Buaiç, Francisco Tardin diz que votou no amigo nas oportunidades que teve. Mas lamenta o fato de a classe médica não ter abraçado a causa como deveria. “É uma pena”, resume.

Diplomata de posições firmes

Rogério Andião e sua esposa, Suely Arantes Andião, têm o Dr. Luiz Buaiç como padrinho de casamento. Ele é médico ortopedista e ela, oftalmologista. Sobre o Dr. Luiz Buaiç ele recorda um fato, também lembrado por César Hilal:

“O Dr. Luiz era presidente regional do Instituto de Aposentadoria e Pensão do Industriário (IAPI) e a direção era no Rio. Ele sempre ia pela manhã e voltava no final da tarde, às vezes passava mais de um

dia lá. Dessa vez ele pernitoou no Rio e ia voltar para Vitória cedo, num Convair da Cruzeiro do Sul. Mas chegou atrasado, colocaram um padre em seu lugar, e ele perdeu o voo. Voltou para o hotel, pediu uma ligação para Vitória. Nesse tempo o interurbano era feito através de telefonista e demorava horas. A telefonista avisou: quatro horas para completar a ligação. Ele foi ao cinema, na Senador Dantas. Nesse meio-tempo o avião, chegando a Vitória, quando fazia a curva para pousar, caiu na altura do que hoje é o Bairro de Fátima. Morreram todos.

Foi um desespero e em relação ao Dr. Luiz Buaiz, um abalo muito grande, porque ele era uma pessoa muito conhecida e muito influente. A família, consternada, estava no seu velório simbólico, quando saiu a ligação. Quem atendeu foi seu empregado Levi, um ajudante de ordens que passava dia e noite com ele. Quando Dr. Luiz Buaiz disse que era ele, Levi, indignado, pensando ser um trote, retrucou: ‘O que é isso? Respeita a dor da gente!’

Desfeita a confusão, de novo em Vitória, o Dr. Luiz Buaiz nunca mais quis viajar de avião. Voltou a fazê-lo apenas quando foi eleito deputado federal.”

Ainda sobre o amigo Luiz Buaiz, Rogério Andião diz:

“Existem pessoas que dizem que o Dr. Luiz Buaiz é culpado de uma porção de coisa errada, mas o fato é que a Medicina, aqui no Espírito Santo, se divide em antes e depois do Dr. Luiz Buaiz.

Ele foi muito importante, por exemplo, na época em que a Emescam abriu. Ele foi o patrono da primeira turma. Eu fui da primeira turma.

A Emescam tinha autorização para funcionar, mas não estava reconhecida, ainda. Ele foi uma das pessoas a alavancar isso e puxou o CRM para nos apoiar. Devemos muito a ele. E depois de regularizado o nosso CRM, a Emescam foi regularizada.

Como amigo, nunca ouvi o Dr. Luiz dizer um não.

O Governo do Estado, o CRM e a Associação Médica ouviam muito o Dr. Luiz. O Governo não nomeava um Secretário de Saúde sem ouvir o Dr. Luiz Buaiz.

Tem uma coisa interessante, sobre a maneira de agir do Dr. Luiz Buaiz: quando um amigo o procurava dizendo ‘Tou precisando de um negócio’, ele respondia: ‘Espera um pouco. Você é meu amigo, pode

esperar.’ Se a pessoa retrucava: ‘Mas Dr. Luiz, você atendeu, arrumou pra ele’, ele respondia: ‘Mas ele não é meu amigo. Esse não pode esperar.’ Ele é um diplomata. Dono de posições firmes, que às vezes incomodavam, mas um diplomata.

E ele sempre soube reconhecer a capacidade, sabe respeitar o valor dos desafetos. Quando eu me formei, eu tinha sido aluno de um médico que não era exatamente um amigo do Dr. Luiz. Eu pensava em sair daqui para fazer uma especialização fora, e me aconselhei com ele, que me disse: ‘Você tem perto um dos melhores cirurgiões do Brasil. Você vai tê-lo pegando na sua mão para operar. Vai te acompanhar, te ensinar. Fica aqui!’

Quando ele é seu amigo, é seu amigo. Ele é incapaz de esquecer os amigos. Eu não estava no Brasil quando minha mãe morreu e ele foi à missa de sétimo dia. Ele tem uma memória fantástica. Lembra-se do nome de todas as pessoas, lembra-se dos compromissos.

E ele é um dos médicos mais antigos de Vitória. O CRM do estado tem uma inscrição. Depois passou a ser numerado. O número do CRM do Dr. Luiz não foi por ordem de inscrição. Ele escolheu o número dele: 55. Podia ser um dos primeiros. Aliás, o número 1 é do Dr.



O prédio à direita, antes de ser o Palácio Legislativo havia sido primeira sede da Santa Casa.

Otorino Avancini. Mas entre os contemporâneos do Dr. Luiz estão Arthur Ornellas; Luiz Castelar; Alzir Bernardino Alves; Franklin Alves de Carvalho; Manuel Gomes Meira; José Moisés; Afonso Bianco; Laélcio Lucas; Jolindo Martins.

Dr. Luiz Buaiz vive pela Medicina. A Medicina para ele é um sacerdócio. Quando ele cursou Medicina você fazia porque gostava. Para atender. Quanto iria ganhar era uma consequência.

Eu trabalhei com ele na Santa Casa, de 1975 a 1995. E posso dizer que, como médico da Santa Casa, ele aprendeu a trabalhar, mas não a ganhar dinheiro. E o atendimento melhorou muito com ele lá. Hoje, quem vai para a Santa Casa é do INSS ou indigente. Não deveria ser assim, a Santa Casa de Misericórdia de Vitória é a segunda do Brasil, a primeira é a de Salvador. O primeiro lugar onde funcionou foi o prédio da cidade alta, próximo ao palácio Anchieta, onde por muitos anos foi a Assembleia e está abandonado.

O Dr. Luiz Buaiz sempre foi muito inquieto. Quando ele atendia diariamente, ele atendia depressa, às vezes muitas pessoas ao mesmo tempo, mas de graça, e era sempre preciso nos diagnósticos.

A comparação que posso fazer entre os médicos que se formaram mais recentemente, e os mais velhos, é a comparação entre os velhos jogadores, que sabiam jogar, amavam jogar e o time a que pertenciam, e os jogadores de hoje, que são apenas atletas que jogam, não têm amor ao time, trocam de escudo com frequência.”

Integridade e vanguarda

Antônio Chambô também trabalhou com Luiz Buaiz quando este foi Provedor da Santa Casa, mas o conheceu ainda estudante. Como ele próprio contabiliza, “há mais ou menos 32 anos”. Para Dr. Chambô, Luiz Buaiz – com quem tem um ótimo relacionamento – sempre foi um médico que se pautou pela integridade. Ele faz uma avaliação: “Na idade em que o Dr. Luiz está, ele é um modelo para nós. Pelas suas ações, integridade e disposição para o trabalho que apresenta até hoje. Posso falar que o Dr. Luiz Buaiz, como chefe, é muito ponderado e toma decisões sempre com base em muita reflexão. Era um bom chefe, assim como é um bom médico. Temos uma amizade sincera e baseada na convivência no trabalho.”

A mente brilhante é uma das marcas sempre destacadas quando se

fala de Luiz Buaiz. O gastroenterologista Oswaldo Pavan é uma das pessoas que pensam assim. Ele fala desse aspecto, ao se lembrar da convivência, ao longo dos anos, com Luiz Buaiz:

“Conheci Dr. Luiz Buaiz em 1984, voltando da residência no Rio de Janeiro. E pela amizade dele com a minha família fui convidado para trabalhar na Santa Casa. Ele tinha sido, pouco tempo antes, nomeado o provedor do hospital. Com toda a mente brilhante de vanguarda que possui, o Dr. Luiz acabou provocando lá uma revolução de melhorias. Ele foi o primeiro a importar um aparelho de videoendoscopia para o lugar.

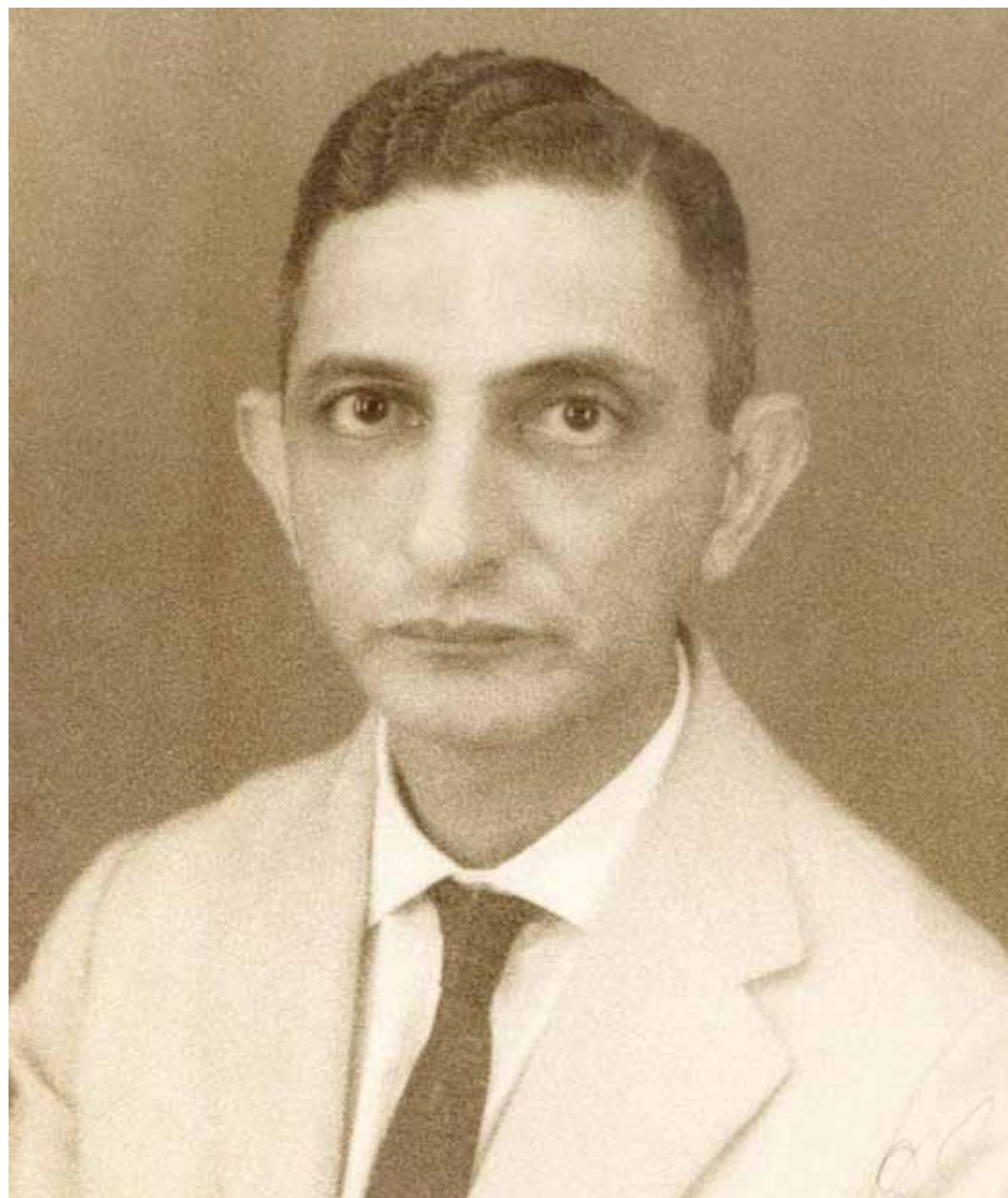
Ele fez com que a Santa Casa passasse a ter uma administração marcante, levantou vários setores como enfermarias e centros cirúrgicos. Foi muito bom mesmo. Sempre com o compromisso de trazer novas tecnologias. Várias peças de endoscopia vieram ao Estado com o apoio dele.

O que era muito marcante no seu gabinete era a presença de todo tipo de gente. Desde pessoas comuns até deputados, senadores e governadores. Tudo graças a esse coração que ele tem. Ele ajudava a todos, sem fazer seleção. A porta ficava sempre aberta. Foi o Dr. Luiz, inclusive, que contratou vários médicos em começo de carreira.

Ficou guardada na minha memória a extrema facilidade dele para gravar situações, contratos e negociações. Isso, mesmo dois anos depois da realização. Uma vez ele estava com um processo de compra de um aparelho de endoscopia, e havia feito o acordo de pagar em cruzeiro ou cruzados, não lembro bem. Quando chegou a data de fechar o negócio, uns seis meses depois, o representante queria cobrar em dólar porque o preço da moeda subiu muito. Ele citou detalhes que até nós não lembrávamos. Quando fomos ver o contrato, realmente o acordo tinha sido feito dessa forma. Fatos como esse engrandecem o Dr. Luiz Buaiz. Sempre com o espírito despojado e irreverente. Sempre passando uma sabedoria muito grande. E, principalmente, a vontade de ajudar o próximo.

Considero o Dr. Luiz um ícone na história do Espírito Santo e tive o prazer de conviver com ele durante muitos anos...”

20





CAPÍTULO IV

A POLÍTICA RESERVA BOAS E MÁIS SURPRESAS

A política, para Luiz Buaiz, trouxe mais decepções que alegrias. As disputas nas urnas e o mandato de deputado federal mostraram-se decepcionantes para ele, uma pessoa idealista, com princípios sólidos e muitos planos visando o bem comum. Luiz Buaiz ganhou uma eleição e perdeu outra. A experiência mereceu dele uma análise em que se posiciona com extrema lucidez sobre a maneira como a política é conduzida. Ressaltou os reencontros com velhos amigos e as novas e boas amizades, mas concluiu que jamais repetiria a experiência porque, para ele, fazer política é prestar serviço.

Sobre a sua passagem por Brasília, Luiz Buaiz tem repetido: “Os deputados desfrutam de uma condição de vida inigualável. Na Câmara a produção de um deputado é muito insignificante. O Governo só coloca para votar o que quer. Quando o Governo domina o Congresso do jeito que domina, não tem como não se arrender da vida política. Foi uma experiência boa, fiz amizades, mas apresentei projetos que nunca foram ao plenário porque o Governo só vota o que quer votar”.

Luiz Buaiz nunca se furtou a criticar com vigor os desvios que constata: “Sou do tempo em que fazer política era prestar serviço. Vivi a ditadura de Getúlio Vargas, vi como as coisas foram se modificando. Hoje ninguém ganha eleição para deputado sem gastar R\$ 2 milhões. E as consequências disso a gente está vendo aí. Não tenho mais desejo de ficar na vida política”.

Se não bastasse a sua formação sólida, os altos princípios éticos, o fato de haver atravessado um século deixa-o em posição privilegiada para apresentar uma análise feita com base naquilo que vem observando ao longo dos anos. Essas observações, não se cansa de repeti-las, como fez para o jornal eletrônico *Folha Vitória*, que pertence ao Grupo Buaiz: “Antes você era eleito por mérito. Fazia amigos. Hoje não tem mais amigos, o que se tem é inquilino do poder. Se você tem o poder econômico e político, você é cercado por muita gente. Quando perde, todo mundo se afasta, você vale zero. A sucessão de quatro em quatro anos piorou muito a política. Antes política era



para servir, atualmente é para a pessoa se servir. Isso é fruto da sociedade que temos hoje. Não existe mais família, a mulher entrou no mercado de trabalho... Na minha época o homem era o provedor, a mulher cuidava dos filhos. A violência que está na rua é fruto dessa nova estrutura familiar. Tive a felicidade de ter uma família sólida. É por essas razões todas que o mundo foi se modificando e chegamos a um ponto insuportável.”

Quando Luiz Buaiç se candidatou pela primeira vez, já havia percorrido uma incomparável trajetória, como médico. Conhecidíssimo e respeitado, havia muito não tinha sequer como calcular a quantidade de pessoas que havia atendido (jamais parou para pensar nisso). Quando começou a mostrar suas propostas para a Prefeitura de Vitória, visitando bairros e fazendo comícios, ficou surpreso. Era muito grande a resposta positiva. No entanto, alguns amigos próximos, como Gutman Uchôa de Mendonça, temiam que o envolvimento político o levasse a esquecer-se de si próprio, ele que já dedicava, como faz até hoje, a maior parte do seu tempo aos outros: familiares, amigos, conhecidos e aqueles que o procuram no consultório. Gutman comenta: “Na campanha ele entrou levado por amigos, pelo PTB, para arranjar votos. Eu fui contra”.

Mariazinha Lucas, que durante décadas acompanhou Luiz Buaiç nos muitos institutos de previdência em que atuou, pensa diferente. Em momento algum questionou a decisão do amigo. Trabalhou para ele. Sofreu com a derrota de Luiz Buaiç na eleição municipal de 1996. Posicionou-se contra a própria família para apoiar o amigo: “Eu fiquei aborrecida e minha família rachou. Porque Luiz Paulo, meu filho, meus sobrinhos, Laércio, foram para outro lado, e eu não.

Adesivo da campanha à Prefeitura de Vitória. Luiz Buaiç perdeu por poucos votos.

Ele perdeu por muito pouco. Eu fiz força para que Luiz Buaiç se elege-se, mas eu acho que o temperamento dele, o caráter dele, a bondade dele... Não dava pra ele ficar. Ele ajudava e nem lembrava mais de quem ajudava! A vida dele é ajudar os outros. É uma coisa muito difícil encontrar outra pessoa assim. Eu acho que ele nunca recebeu o reconhecimento que merece, como médico e como político.”

A maioria dos amigos foi favorável à candidatura. Todos, gostando ou não da ideia, estiveram ao seu lado. Adesivos, panfletos e santinhos povoaram, durante meses, o pensamento de Luiz Buaiç. O refrão do jingle da sua campanha foi uma febre: *Luiz Buaiç é prefeito/ Luiz é capaz/ Luiz é Vitória! e Vitória é Buaiç/ Eu amo Vitória demais!*

Um dos panfletos circulou em julho de 92, dois meses antes da eleição, e conclamava a cidade a se agregar ao grupo que se autointitulou “Amigos do Luiz Buaiç”. Dos quatro parágrafos, dois sintetizam bem o pensamento que os norteava. O primeiro dizia: “Prezado eleitor, acabamos de formar um grupo que está preocupado com o futuro de Vitória e, conseqüentemente, com a indicação de um nome que possa assegurar, pelo seu passado e pela completa identidade com o povo e com os problemas da capital, uma administração municipal segura, correta e eficiente”. O que o segundo parágrafo acrescentava era definitivo: “A escolha não nos pareceu muito difícil. Após avaliar, serenamente, o comportamento de muitos de nossos homens públicos, chegamos à conclusão de que o perfil do futuro prefeito tem que ter a cara, a personalidade, a capacidade, a honradez e a sensibilidade humana de Luiz Buaiç.”

Não foi suficiente. Foi uma grande frustração para os amigos e para os familiares. A eleição perdida é lembrada ainda hoje. Pelo que conta Dóris, esposa do médico Arnaldo Ferreira, é possível avaliar como foi grande o envolvimento na campanha de Luiz Buaiç: “Somos amigos de uma vida inteira. Na campanha, chovia tremendamente e eu lá fazendo boca de urna. Ele tinha que ser eleito. Diante do trabalho dele, seria um coroamento”.

O médico Noé Silva, que sempre foi um eleitor convicto do amigo, também lembra que trabalhou bastante nas duas campanhas, a primeira para prefeito, a segunda para deputado federal. Na segunda Luiz Buaiç saiu vitorioso, mas Noé pondera que Brasília não deve ter feito bem a ele: “Ele foi deputado federal por apenas um mandato,



Luciano Rezende,
Hartung, Américo,
Arabelo, Dr. Luiz,
Huguinho Borges
e Alexandre Neto.
Ao lado, na Itália.



Dr. Luiz, Marinho
Delmaestro, Jair
Garcia, Antenor
Tavares e
Setembrino:
uma homenagem.

não deve ter gostado muito do clima de lá. Ele sempre foi muito sério, por isso deve ter se decepcionado com algo”.

A atuação política de Luiz Buaiz também é lembrada pelo padre José Ayrola, capelão da Igreja do Carmo, outro eleitor fiel: “Ele sempre teve o meu apoio. Mas acredito que essa não era a vocação natural dele. Apesar de toda influência que conseguiu. Acredito que essa empreitada tenha surgido na vida de Dr. Luiz Buaiz pelo desejo de servir. Somente. Inclusive ele poderia ter se projetado mais pelo grande conceito que tinha no estado. Agora a vocação mesmo de Luiz Buaiz é a Medicina.”

A vitória na eleição para deputado federal é lembrada com um gosto especial por sua irmã Lourdes. Ela, que não se conformou com a derrota do irmão quando concorreu à Prefeitura da capital, conta que se sentiu de alma lavada: “Os chefes de família determinaram e todo mundo votou em massa. Foi uma coisa linda!”

Grande parte, se não a maioria, da classe médica apoiou Luiz Buaiz em suas investidas como político. Shariff Moisés foi um dos muitos entusiastas das candidaturas. Trabalhou firme como cabo eleitoral. Fez o que podia: na campanha para prefeito, acompanhou incondicionalmente o amigo e sentiu-se gratificado quando, verificando os índices da pesquisa eleitoral, constatou que logo após a visita ao Morro da Fonte Grande, onde havia nascido, a popularidade de Luiz Buaiz saltou de 2% para 28%. O desapontamento viria depois, mas estava consciente de sua contribuição.

A eleição e o prestígio político de Luiz Buaiz vêm à tona também em conversa com o médico Michel Assbú, que enfatiza, sempre que pode, que o amigo, dono de inigualável prestígio no governo Élcio Álvares, não pedia para si, mas para os outros. Assbú também considera de uma coragem sem precedentes a sua solidariedade aos colegas de classe presos na época da revolução.

Entre os políticos, três nomes com importante participação no cenário do Espírito Santo falam de Luiz Buaiz, como amigo, médico dedicado, benfeitor: Élcio Álvares, José Ignácio Ferreira e Nilton Baiano. Os dois primeiros chegaram a governar o estado. E Nilton Baiano foi deputado estadual e federal. Os três são bem próximos de Luiz Buaiz, e por isso falam, com propriedade, dele e de seu espírito humanitário.



Meu tipo inesquecível

Ex-ministro da Indústria e Comércio e do Turismo, ex-ministro da Defesa, ex-governador do estado, ex-senador, ex-deputado federal, deputado estadual, Élcio Álvares faz questão de deixar clara a admiração pelo médico e amigo: “Falar de Luiz Buaiz é falar de solidariedade humana. Eu o conheço há muito tempo. Eu tive privilégio porque desde os primeiros momentos Luiz se transformou num dos meus grandes amigos.”

“A minha amizade com ele começou quando eu tinha 15-16 anos. Eu frequentava a casa comercial do pai dele. Conheci José, Américo, Benjamin e Luiz com esse jeito dele, envolvente. E Luiz sempre foi um referencial. Luiz foi padrinho meu e de Irene. Quando eu me casei e a situação financeira era muito difícil, ele arranhou um lugar para Irene dar à luz. Arranjou um médico, Dr. Luiz Castelar; e hospital, a Santa Casa. Ele fez isso de maneira desinteressada. Ele iria ser padrinho de um dos nossos filhos. Nasceram gêmeos. Foi um parto muito delicado, Irene teve eclâmpsia e um dos gêmeos não sobreviveu. O outro recebeu o nome Alexandre em homenagem ao pai dele, para perpetuar a imagem de gratidão e reconhecimento porque o Luiz ia batizá-lo,

Em foto histórica, na Associação dos Funcionários, Buaiz entre nomes de peso da política e da Medicina.

mas estava fora numa estação de águas, então ele recebeu o nome Alexandre. A partir dali a minha vida com ele foi muito fraterna. Eu participava da intimidade familiar de Luiz e ele da minha”.

O depoimento de Élcio mostra o amigo sempre presente e generoso que é Dr. Luiz: “Depois a vida nos juntou mais ainda. Eu fui senador e Luiz Buaiz foi deputado federal. O nosso gabinete era o gabinete dele, o gabinete da liderança. Ali, naqueles anos, nós vivemos uma amizade verdadeira, sincera, uma amizade que foi se intensificando”.

Para Élcio, Luiz Buaiz tem 90 anos de dedicação ao próximo: “Luiz é um médico diferente. Luiz nunca foi um médico no sentido da riqueza, Luiz foi médico no sentido da compreensão cristã daqueles que, enfermos, foram à sua procura. Hoje, ainda é Luiz Buaiz quem orienta a mim e aos meus quando há necessidade de atendimento”.

O amigo Élcio Álvares avalia: “O médico Luiz Buaiz, com 90 anos de idade, é um jovem, é um menino. Aos 90 anos ele está lúcido, com uma vitalidade impressionante. E continua atendendo os doentes com uma paciência extraordinária. E quando a gente vai à Unimed e o vê ali, no seu trabalho, a gente compreende que a vida, vivendo os propósitos que ele vive, é uma vida que cada vez mais se prolonga. Portanto, deixo gravado não só a palavra de reconhecimento, mas acima de tudo ao amigo que em nenhum momento falta, deixa de estar presente, a palavra de gratidão e não tenho dúvida nenhuma que é a gratidão de todos que receberam de Luiz Buaiz o gesto cristão de atendimento médico”.

E Élcio continua lembrando... “Quando estive no Governo do estado ele era um dos meus conselheiros. Ele é um médico diferente de todos, não objetiva o lucro financeiro, objetiva servir. É um amigo que se eu pudesse definir, diria que é um santo. Luiz tem respeito pelo ser humano. Quando eu fui senador, ele foi deputado federal. O meu gabinete era o gabinete dele. As pessoas lá tinham um carinho muito grande com ele e ele era como se fosse o dono do gabinete. E era.

Luiz nunca me faltou. Quando eu tenho um problema de saúde Luiz é a referência. Quando eu passei a ter Michel Assbú como meu médico clínico e o Dr. Nogueira como cardiologista, eu falei com ele, eu o consultei. E ele continua me orientando com o mesmo carinho, o mesmo amor.

A atuação profissional de Luiz Buaiz é um poema de vida. Quando

eu lia a revista Seleções, havia uma coluna intitulada *Meu tipo inesquecível*. Se eu tivesse que escrever algo sobre Luiz Buaiz eu escreveria algo como *Meu tipo inesquecível*. Eu não prescindindo do conselho dele. Às vezes reclamo, a gente devia falar mais. Às vezes ele se afasta discretamente. Quando eu fui eleito governador ele fez isso, para não parecer que queria alguma coisa. Essa modéstia, discernimento, visão de respeito à pessoa, poucos têm.

A minha amizade é uma amizade por uma pessoa que nunca deixou de ser digna de respeito. Luiz seria o irmão que eu pediria a Deus que me desse. Ele tem um sentimento religioso maravilhoso. A fé de Luiz é diferente de tudo. É um sentimento.

Todas as qualidades que o ser humano pode ter ele tem. É médico e tem a Medicina como um apostolado. Ele é a personificação do médico de família. Além do conhecimento médico, não tem ninguém que pratique a Medicina como ele. Luiz é um credor permanente da gratidão das pessoas. Luiz é uma figura ímpar, de que devemos privar orgulhosamente. Ele devia ser visto sempre como um exemplo para os jovens que estão vindo.

Ele é um dos médicos mais humanitários que conheci. De uma solidariedade imensa. Os médicos com quem convivo demonstram o respeito que têm por ele: ele honra o Juramento de Hipócrates. Eu acho que devemos cuidar de gravar essas vidas que são vidas luminosas.

Quando eu era jornalista político eu me aproximei de José, deputado, que estava em posição melhor que todos eles da família Buaiz. Ligado ao PTB ele começou sua amizade com Marizinha Velloso Lucas, por quem temos uma estima sincera. O maior amigo dela hoje é o Dr. Luiz Buaiz, irmão de José Buaiz. Ele é um amigo não só em presença, ele se desloca e vai aonde a pessoa estiver. Se morre uma pessoa, ele vai e leva a solidariedade humana, uma coisa que hoje não há mais. Hoje, para nós, ele é indispensável. Eu fico pensando o que vamos fazer se perdermos o Dr. Luiz Buaiz. A sua máxima é: ‘Acima de tudo os desígnios de Deus’.

Não tenho na vida mais nenhuma ilusão. Ele sempre agiu desinteressadamente, sempre dando mais do que recebe. Ele assumiu uma liderança entre os outros médicos. Quando se aproximou da política ele era amigo de Adalberto Simão Nader. E foi o único que ficou ao seu lado até o fim”.

Reverenciado e cultuado

O ex-vereador, ex-deputado, ex-senador, ex-governador e advogado José Ignácio Ferreira também fala do amigo, o médico Luiz Buaiz, com incontida admiração. “Eu o conheço desde estudante, no Estadual. Era olhado por mim como um ícone. O Dr. Luiz Buaiz foi paraninfo da minha turma, no Colégio Estadual, e já ali vi o quanto ele era querido. O Dr. Luiz Buaiz sempre foi uma pessoa de quem eu digo: todo mundo que tem a sensibilidade e os valores dele quer imitá-lo e não consegue.

Em determinado dia, em 2004, dez e meia da noite e senti um ímpeto de vômito e tive a intuição de que ia ter um enfarte. Desci, chamei meu motorista que me levou para o Cias, na Unimed. Era um domingo à noite, e minha mulher ligou para o Dr. Luiz. Quando eu cheguei, ele já estava lá me esperando. Ele me pegou e me levou para cima e eu fiz exames de esteira, enzimas etc. E o pessoal me disse que eu estava bem e que poderia ir para casa. O Dr. Luiz não deixou. Ele acrescentou: ‘Viu o que aconteceu ontem com o Renato Pacheco? Ele fez os três exames, passou e foi para casa. E morreu.’ Então eu fiquei, cortaram a artéria femural, inseriram um catéter e detectaram 80% de obstrução, o que se viu numa tela. O Dr. Denis Moulin fez uma cirurgia e colocou três *stents*. Eu devo a minha vida ao Dr. Luiz.”

Antes disso Luiz Buaiz, graças à sua capacidade gerencial e alto conhecimento da Medicina, esteve presente no Governo do estado, a convite de José Ignácio, que diz: “Como governador eu nomeei o Dr. Luiz Buaiz presidente da Seguradora do estado, que registrou lucro, o que demonstra que ele foi eficiente. Eu acredito que não haja, no Espírito Santo, uma só família que não esteja, direta ou indiretamente, em débito com o Dr. Luiz Buaiz. Ele praticamente comandou a Saúde no Espírito Santo e pôde fazer muito bem a muita gente. Eu também percebo uma reverência e um culto muito íntimo a ele, pela classe médica”.

José Ignácio narra um dos melhores momentos da campanha a prefeito de Vitória, em 1992, tendo Luiz Buaiz como protagonista: “A campanha para prefeito (de 1992) de Vitória mostrou a importância e o quanto ele é querido. Ele era candidato a prefeito, pelo PFL, disputando o cargo com outros dois candidatos, Paulo Hartung do PMDB e João Coser do PT. O prefeito era Vítor Buaiz. Começada a

luta eleitoral o Dr. Luiz Buaiz disparou na frente. Em segundo estava Hartung e em terceiro Coser. O setor de *marketing* do Coser percebeu que ele subia. Era o ano do *impeachment* e havia toda uma pressão e associação do nome do Dr. Luiz Buaiz ao de Collor.

O que a assessoria de *marketing* do candidato do PT fez: filmou, na Avenida Dante Micheline, na Mata da Praia, o apartamento triplex de Américo Buaiz – a quem, afinal, o Espírito Santo deve muito também; um homem ligado à História Econômica do estado, fundou a Findes, um pioneiro da industrialização do Espírito Santo – dizendo que era dos Buaiz, associando o símbolo do alto poder aquisitivo ao Dr. Luiz Buaiz. Mas o Dr. Luiz Buaiz era morador da Santa Clara. Foi um tiro no pé.

No dia seguinte o *marketing* do Dr. Luiz Buaiz foi filmá-lo subindo a pé a Santa Clara e cumprimentando o povo, que dizia: ‘há 45 anos ele mora aqui’. E ele, só subindo nas pesquisas. E mesmo o candidato a vice do PT disse, na TV, no horário eleitoral: ‘O Dr. Luiz Buaiz é um homem inatacável, um cidadão de bem, humanitário, uma alma a serviço da pobreza, dos mais sacrificados, benquistos, um homem de bem’.

Panfleto da campanha para prefeito e a casa modesta em que Dr. Luiz morava, na Santa Clara.



Nas pesquisas o resultado mostrou Luiz Buaiç com 32% dos votos, Hartung com 23% e Coser com 16%.

Em seguida Vítor Buaiç reúne a imprensa e pede à população o voto útil: que votassem em um dos dois candidatos, contra Collor. Lula vem a Vitória para a campanha, faz uma passeata e Paulo Hartung ganha a eleição que ficou para a história como uma das maiores injustiças da política capixaba. A eleição foi logo depois do *impeachment*. Estava tudo contra ele, e ele não resistiu. O Espírito Santo não podia ter permitido isso com o Dr. Luiz. Não sei como ele conseguiu suportar essa amargura. Mas ele continua sendo um homem querido e continua prestando serviços.

A sua campanha para deputado, na TV, foi assim: ‘Quatro patinhos na lagoa: 2222.’ Foi eleito para deputado federal. Um pouco de justiça que foi feita, porque ele merecia muito mais. A eleição para prefeito ele não ganhou por razões alheias a ele.

Ele é um homem qualitativo. O homem quantitativo está ligado à multidão. Mas o Dr. Luiz Buaiç ressalta. Ele sai da massa pela sua qualificação, respaldo moral, valores altos, éticos, cívicos e teológicos. Deixa, por onde passa, uma demonstração desses valores. É essa figura a quem todos dedicamos uma íntima homenagem.

Ele anda com passos curtos e rápidos. Está sempre indo fazer alguma coisa. Ele não perde tempo. É dinâmico e prestador de serviços. Ele está sempre disponível para servir.”

José Ignácio lembra a sólida formação cristã do médico Luiz Buaiç, um devoto de São Benedito que vai à missa todos os domingos e, chova ou faça sol, inicia a sua jornada com uma visita à igreja.

Para José Ignácio, tudo que fizer ainda será insuficiente para demonstrar sua amizade e reconhecimento a Dr. Luiz. No que fala percebe-se uma grande reverência ao amigo, “em reconhecimento à nobreza de sua alma”, um homem a quem José Ignácio vê como “de uma integridade a toda prova, de muito valor.” Sintetizando, José Ignácio diz: “Ele lecionava para as pessoas. Eu creio que todo mundo gostaria de ser como ele.”

Uma admiração profunda

A história que liga o deputado Nilton Baiano – Nilton Gomes Oliveira, atualmente no Partido Progressista (PP) – a Luiz Buaiç começou

em 1969, ano em que os dois médicos se conheceram. Recém-chegado da Bahia, o hoje parlamentar ficou sabendo do prestígio do ilustre médico no Espírito Santo e foi procurá-lo. Logo no primeiro contato a impressão que ficou foi a melhor possível, e a amizade construída entre os dois dura até os dias atuais.

Nilton Baiano conta: “Eu tive o privilégio de conhecer Dr. Luiz Buaiç 42 anos atrás, quando eu cheguei da Bahia, numa situação complicada. E ao procurá-lo ele foi a primeira pessoa, nesse estado, a me abraçar. Eu tenho orgulho de ser amigo de Dr. Luiz Buaiç. Sou seu amigo incondicionalmente. Dr. Luiz é uma dessas figuras, desse estado, para quem todos têm que baixar a cabeça porque é um homem íntegro, tem uma vida limpa. Não só na sua vida particular como na sua vida política. Então, o Dr. Luiz é um orgulho para os seus amigos e para o Espírito Santo”.

Lembrar o amigo provoca o entusiasmo de Nilton Baiano: “Falar de Dr. Luiz Buaiç é falar do trabalho, da amizade, da solidariedade, falar da saúde, falar do amigo. Enfim, falar de Dr. Luiz é falar da vida”.

Os anos de convivência permitiram ao deputado Nilton Baiano perceber as qualidades do colega de profissão, na Medicina e também na política, já que os dois foram deputados federais na mesma época. “O caráter, o respeito pelos mais humildes, a seriedade, a honestidade, o compromisso com as pessoas e principalmente: o Dr. Luiz é uma pessoa que não aprendeu a dizer não para quem o procura”, conta.

O deputado Nilton Baiano destaca, como muitos outros, que nem os 90 anos de idade conseguem tirar de Luiz Buaiç o prazer de trabalhar. “Além de seguir na Medicina, ele não falta a uma reunião do partido a que pertence. O tempo que passamos juntos em Brasília só ajudou a reforçar ainda mais a nossa amizade. Fomos parceiros em projetos e trabalhos”, recorda. Nilton Baiano destaca que o colega sempre carrega um sorriso no rosto e parece que não teve problemas na vida. “Além disso, ele é muito presente. E sempre muito pontual. Tenho impressão que ele nasceu na Inglaterra”, brinca.

Uma história da carreira de Luiz Buaiç ficou marcada na memória de Nilton Baiano. É do tempo do sindicato dos médicos. “Foi aproximadamente em 1976 ou 1977, na primeira eleição do sindicato. Procuramos Luiz Buaiç, para que apoiasse a nossa chapa. Mas outros

candidatos também tinham buscado a ajuda dele. E o mais fantástico disso tudo foi a resposta que ele deu: entre o veneno e o purgante, fico com o segundo. Em uma referência à minha chapa e à do ex-governador Vitor Buaiz”, lembra aos risos.

Mesmo apontando características e lembrando histórias, Nilton Baiano considera difícil descrever o médico Luiz Buaiz, diante da sua importância para o Espírito Santo e principalmente para a classe médica. “Pelo trabalho nas entidades, como provedor da Santa Casa, e como médico. Mesmo com a idade avançada, ele ainda exerce a profissão. É uma pessoa extraordinária, pela qual tenho admiração profunda”, elogia o deputado. Ele sintetiza assim a trajetória do amigo: “Por onde passou o Dr. Luiz Buaiz não deixou flor morta. E sim um jardim bonito e florido”.

Acima do bem e do mal

O advogado Gualtemar Soares é mais uma das muitas pessoas que demonstram por Luiz Buaiz inegável admiração. Ele fala do amigo num ímpeto: “O Dr. Luiz Buaiz representa a criatura humana mais fabulosa que alguém já conheceu na vida. Não existe no mundo ninguém igual a ele. Acredito que esteja acima do bem e do mal. Ele não gosta de enrolar, ele decide, ele resolve, ele atende a todos. Procura resolver os problemas dos mais humildes sem nem saber quem é a pessoa. E realmente resolve. Ele não mede esforços para estar ao lado de quem tem necessidade. A vida dele foi uma dedicação constante às pessoas que o rodeiam e precisam dele”.

Num breve balanço, Gualtemar relembra: “Conheci o Dr. Luiz Buaiz junto com Elcio Álvares, na época da política, há cerca de 30 anos. Era um período em que nos dedicávamos muito à política. De lá para cá, fomos nos aproximando até criar essa grande amizade. Fui vice na campanha de prefeito dele, e uma frase que marcou muito foi quando nós perdemos para Paulo Hartung. Ele disse: ‘Temos que acreditar nos desígnios de Deus’. Uso ela até hoje, em minha vida”.

Envolvidos com a política

Com vigor especial o médico Luiz Buaiz voltou-se, em 1996, para a campanha do filho, Alexandre, que decidira candidatar-se a vereador. Foi novamente um período de entusiasmadas visitas e caminhadas, e

o resultado foi o sucesso. Alexandre reconhece a fundamental participação de Luiz Buaiz: “Meu pai foi muito importante, entre outras coisas, na minha carreira política. Ele conseguiu me eleger o vereador mais votado em Vitória, mesmo com a minha falta de carisma e empatia com a população. Eu gostava muito de andar de carro importado, com o vidro fechado, e isso não é muito bom para uma eleição”.

Alexandre continua a lembrar: “Na época, a apuração da eleição levava alguns dias para ser concluída. Mas tive tantos votos que já no segundo dia estava eleito. Mesmo com a suspeita de que muitos votos meus estavam desaparecendo. Foi importante e muito bem sucedida a transferência de votos – que eram de eleitores dele – que meu pai conseguiu fazer. Como exemplo, posso citar a minha segunda eleição, que já estava por minha conta, a atuação na Câmara estava sendo avaliada, e meu pai já não podia me ajudar.

Na primeira eleição fui o vereador mais votado de Vitória, mas eu não fui o mais votado. O filho de Luiz Buaiz foi o mais votado. O vínculo entre nós dois é muito grande.

Tivemos também, na campanha política, momentos interessantes. Em todo lugar que chegávamos, no dia da votação, quando ia agradecer e pedir voto, tinha muitos velhinhos que não precisavam votar e explicavam que estavam lá para atender ao pedido do Dr. Luiz na televisão. Eu tinha que ouvir a história de todos eles.

Fiquei magoado na eleição para prefeito, quando ele estava com a eleição quase ganha, e no final o Vitor Buaiz saiu da linha de frente e apoiou pelas costas o Paulo Hartung. Achei estranho porque meu pai cuidou muito da mãe dele e na época da ditadura segurou muito a barra dele nas oportunidades em que foi preso. Depois ele não respondeu. Até mesmo quando fui presidente da Câmara, ele nunca deixou a Prefeitura, um dia sequer, para que eu pudesse assumir. Mas aprendi com meu pai a esquecer, apesar dos ressentimentos.

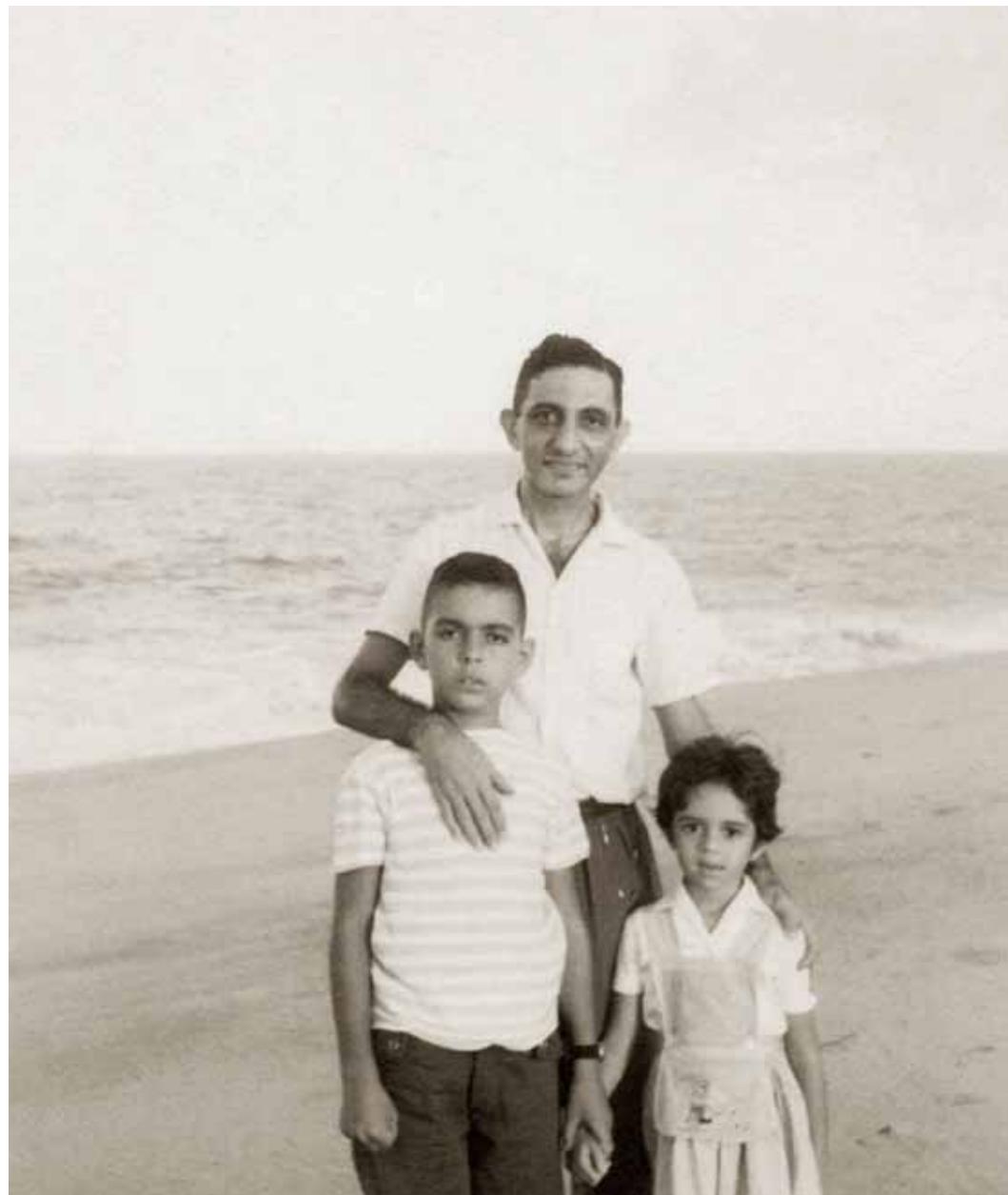
O mais grave disso tudo é que meu pai não conseguiu se eleger. Acho que a maneira como ele conduziu as coisas contribuiu para isso. As eleições dele sempre foram muito simples. Outro ponto determinante é a forma como a política é feita no Brasil. Existe um trabalho muito forte por trás, que envolve dinheiro e corrupção, para que as coisas não funcionem.”

Alexandre é um dos muitos moradores de Vitória que não se con-

formam com o fato de a capital não ter tido Luiz Buaiz como prefeito. Ele conclui: “As eleições dele sempre foram mesmo muito simples. Com o relacionamento que ele tinha, ele podia ter sido o deputado federal mais votado. Mas quase ficou de fora. A diferença é que nessa época existiam amizades verdadeiras. Meu pai teve inclusive a oportunidade de ser dono de hospital, podia ter criado um, mas não quis”.

A avaliação de Alexandre coincide em parte com a de outros políticos. Mas há quem faça uma análise diferente. Beth Osório, que se elegeu vereadora em 1983 e em 1988, atribui a derrota de Luiz Buaiz – a quem muito admira – a uma mudança no perfil do eleitorado. Para ela, Hartung conseguiu sair vencedor apenas porque em 1992 era grande o número de eleitores muito jovens. Uma visão que pode ser compartilhada só em parte, já que muitos desses jovens votaram em Dr. Luiz.

Conhecendo a sua integridade, a sua trajetória e a sua capacidade de trabalho, os seus eleitores são unânimes quando dizem que Dr. Luiz perdeu a eleição, mas quem perdeu mesmo foi o morador de Vitória.





CAPÍTULO V

UM HOMEM INSUBSTITUÍVEL

Ouvir familiares e amigos próximos de Luiz Buaz é ter a impressão de que existe uma saudável disputa para ver quem tem maior apreço por ele. Todos são superlativos ao falarem do amor que sentem. Os depoimentos revelam bondade, dedicação e desprendimento que não encontram parâmetro. A alegria de Luiz Buaz é ajudar a todos e fazer amigos.

Sempre presente e extremamente generoso, a sua maneira de cuidar é incomparável e única. Do pacotinho de cédulas novas de R\$ 1,00 que ele trocava no banco para dar de presente de aniversário aos sobrinhos, quando crianças, às horas de desvelo e atenção no hospital, para acompanhar um irmão, um sobrinho, o pai ou a mãe de um amigo, cada gesto seu é singular.

Luiz Buaz é sempre compelido a fazer algo pelo próximo e isso vem desde cedo e com naturalidade. Ainda adolescente, ele mantinha um ritual de visitas semanais à irmã Lourdes, que estava no internato. Estudante de Medicina, ao viajar para Vitória não esquecia Lair, a outra irmã, e, amorosamente, levava-lhe pacotinhos de biscoito, que entregava na escala da viagem de trem, em Mimoso. Era um tempo difícil: “Eu lembro que durante a guerra havia uma carência de trigo e eu levava biscoitos para minha irmã.” Pelo irmão Américo fez o que poucos irmãos fariam.”

É infindável a lista de médicos recém-formados para os quais conseguiu emprego. É impossível contar as internações que ele já providenciou e continua a providenciar. Além disso, está sempre presente nas cerimônias e solenidades, acompanha todos os nascimentos em família, não deixa de ir aos casamentos, formaturas, missas, velórios.

Irmão presente e dedicado

“Luiz é um anjo que tem na terra”. Assim é que Lourdes, a irmã mais nova, traduz o irmão. E essa é uma opinião comum, como ela mesma constata: “Todo mundo diz isso pra mim. Todo dia eu encontro uma pessoa que pergunta: ‘A senhora é irmã de Dr. Luiz? Ele é uma pessoa maravilhosa.’ Benjamim dizia que Luiz era o anjo da



guarda da família toda. Ele é muito bom. Para nós, ele é demais! Eu me lembro muito de quando, pequena, com 9 anos, estava interna no colégio onde estudei durante nove anos. Meu colégio ficava no Alto da Boa Vista, ele morava na Tijuca, também em um internato. E todo domingo ia me fazer visita. Uma hora e tanto de bonde e ele ia me ver. E aquilo me deixou sempre feliz. Eu falo de Luiz com muito orgulho.”

Lourdes pondera: “Eu sempre tive muito afeto por meus irmãos todos. Todos foram sempre muito atenciosos comigo, mas Luiz, Luiz e Benjamim, que ficaram por último... Luiz tem sido demais. Eu tenho muita saudade de Américo, Lair, José, todos eles. Mas a gente está vivendo feliz, também.”

Amorosa como Luiz, mas muito mimada, por ser a mais nova dos irmãos, Lourdes lembra com carinho a paciência e as atenções da família: “Eu nunca queria nada com nada, não queria trabalhar no comércio com papai... Não trabalhei nem dois anos.” Já moça feita, vivia num mundo ideal, de cuidados, e foi preciso o pai chamá-la à realidade, como conta: “Um dia ele me chamou e me disse: ‘Olha, Lourdes, você tem que aprender a encher cheque.’ E eu disse: ‘Não quero. O senhor me dá dinheiro sempre.’ Aí ele me disse assim: ‘Seus

O cônsul Louis Debanné, José Buaiz, Lair, José Moisés, D. Maria, Luiz, Arlete, Américo e Tuffi.



irmãos vão fazer por você se eles quiserem, eles não são obrigados’. Não adiantou a advertência paterna. A família a cercou de cuidados e ela reconhece: “Todos eles sempre foram muito bons pra mim. Eu sempre fui muito amada na vida. Por isso eu dou sempre amor para todos.”

Quando Luiz fala dos irmãos, compreende-se melhor ainda porque ele é visto como o anjo da guarda da família:

“Meu irmão mais velho, José, era uma criatura fora de série, amoroso. Merecidamente, era o filho preferido de meu pai e de minha mãe, mas era um perdulário. Ele se meteu em política, se elegeu deputado, e gastava tudo. Sem dúvida, o filho predileto foi o que deu mais trabalho. José era uma pessoa boníssima. E se perdeu em função dos desafetos e dos insucessos da vida, mas ele era merecedor do nosso carinho. Ele era muito carinhoso com meu pai.

Lourdes, a mais nova, era realmente muito mimada. Maria de Lourdes era consagrada a Nossa Senhora de Lourdes. Eu consegui desmanchar dois casamentos dela porque eram dois vigaristas, e agora ela escolheu uma pessoa condizente com a vida dela. Mas a Lourdes foi realmente muito mimada.

O médico Benjamin, mais velho da família, Luiz e Lourdes, a mais nova dos irmãos.

Lair, aposentada por idade e tempo de serviço, era muito querida...

Américo foi o irmão mais ligado a mim. Era com quem eu tinha mais convivência. Nós tínhamos uma amizade que continuou até a morte dele. Fomos mais irmãos que os outros irmãos. Começou quando fomos para o internato, no Rio. Américo tinha só 10 anos. Quando dava as 6 da tarde, a hora da saudade, ele chorava muito com saudade de casa. Nós dávamos trabalho a mamãe e todos os dias apanhávamos. Nós brigávamos muito. E o meu pai, que era um homem muito inteligente, resolveu o problema assim: num dia ele levava o Américo para o escritório, no outro era eu que ia. Pois os negócios acabaram nas mãos de Américo. Isso porque meu pai era um homem que enxergava longe e viu que ele é que tinha disponibilidade de tempo e condições para tocar a coisa.

Depois, durante a Guerra, Américo foi convocado. Meu pai tinha pavor de ver Américo envolvido com a Guerra. Então eu estava conversando num lugar e um senhor do Exército falava: ‘Se estiver no Brasil, por 10 contos de réis eu tiro. Se estiver na Europa, por 20 contos eu tiro.’ E então eu falei com meu pai e assim Américo recebeu o Certificado de 3ª Categoria e se livrou.

Esse sentido de família, que meu pai deu, Américo não conseguiu dar com a morte de Arlete, sua mulher. Arlete era um diamante, a pérola da família. Morreu aos 37 anos e essa foi a marca que mais descontrolou Américo. Tudo era comigo, mas a decisão de Arlete operar eu só soube depois. Disseram que a operação era uma coisa tão simples que podia fazer no consultório, mas ela achava que anestesia geral era a maior invenção do mundo e quis fazer no hospital.

As lembranças que eu tenho dela são as melhores. Era carinhosa, atenciosa. Ela era uma pessoa muito querida por todos nós. Talvez por isso Deus a tenha levado.”

Ele sempre fez por Américo mais que qualquer um, mesmo um irmão muito amoroso, poderia fazer: quando Américo assumiu o controle das empresas da família, decidiu fazer um curso no Rio, mas não podia frequentar as aulas diariamente. Luiz resolveu o impasse: como eram parecidos, e as aulas eram dadas em horário que não conflitava com as suas, ele saía de sua faculdade, colocava um paletó de terno e óculos escuros e ia assistir às aulas no lugar do irmão. Américo só comparecia para fazer as provas. E se diplomou.

Um pai de coração muito forte

A família sempre esteve em primeiro lugar, para Luiz Buaiz, que dela fala como sua felicidade: “Eu tive dois filhos: Alexandre e Luciana, e tenho quatro netos, três moças e um rapaz. Nunca pensei em assistir o nascimento dos meus netos, ver minhas netas fazerem 15 anos.”

Com a família que formou, ele repetiria gestos que aprendeu em casa, com os pais. Os passeios, as viagens de carro para estações de água ou para o Rio de Janeiro, que fez com Alexandre e Luciana, ele fez com os pais: “Conheci Friburgo com toda a família, lá eu aprendi a andar de bicicleta. Nós ficávamos no Hotel Avenida.”

Também o cuidado com os estudos dos filhos ele aprendeu em casa: “Meu pai gostava de interpelar os netos. O Alexandre estudava no colégio aqui ao lado, de Dona Mariazinha, e só tirava 10. Boas notas eram premiadas. Com isso o interesse por dinheiro, que já existia, aumentou.”

O horário sagrado para as refeições foi outro exemplo: “Minha família tinha tudo no seu horário. Naquele tempo todos se reuniam na hora das refeições.”

Os cuidados paternos foram retribuídos: “Todos nós propiciávamos o melhor aos nossos pais.”

Hoje ele tem retribuição semelhante, apesar do trabalho extenuante que enfrentou para cuidar dos filhos, como conta o filho mais velho.

Alexandre acha muito difícil falar do pai, por quem tem grande admiração. Reconhece que deu muito trabalho e revela que mesmo nos momentos mais difíceis, o pai conseguia serenidade para enfrentar os problemas que lhe causava, sem deixar que interferissem nas suas atividades de médico.

“Hoje, com 61 anos de idade, só tenho a agradecer a Deus a vida como ele a conduziu, o exemplo de vida que ele deu. Tudo que eu tenho eu devo a ele. No começo era muito difícil ser neto de Alexandre Buaiz. Da minha adolescência pra frente, a responsabilidade também foi ser filho de Luiz Buaiz.”

Repetindo o pai, que o levava para o escritório, na firma de importações, Luiz Buaiz também levou muitas vezes o filho para o trabalho. Alexandre não esquece esses momentos: “Quando ainda era pequeno, costumava ir com meu pai para o hospital. No caminho ele falava



Elegantes, pai e filho em visita ao Parque. Alexandre estreeva sua gravatinha borboleta.



Na Praia, acompanhando os filhos Alexandre e Luciana: um pai orgulhoso e muito dedicado.



das pessoas que davam nomes a ruas e praças como se realmente tivessem uma relação próxima com elas. Nesse período conheci muitos médicos, como Dório Silva e Jair de Andrade. E vejo que muitos dos médicos que estão atuando agora tiveram o primeiro emprego conseguido pelo meu pai.”

Alexandre acentua a maneira como o pai coloca os filhos em primeiro lugar, em todas as situações: “Mesmo com a separação do meu pai da minha mãe, Gláucia Oliveira, ele sempre fez questão de estar muito presente na vida dos filhos. Apesar de ter uma vida profissional muito agitada, sempre fez nossas vontades e atendeu a todos os nossos pedidos. No momento da separação eu tinha 9 anos e a Luciana tinha apenas 3. Nesse período, a irmã da minha mãe, que era mãe da Vilma, nossa prima, se ofereceu para vir ao Espírito Santo e cuidar da gente. Meu pai sempre fez questão de manter a estrutura da família. Inclusive, manteve toda a casa como minha mãe tinha deixado. Minha tia e minha prima ajudaram muito a nos criar. Todos moraram na nossa casa. Somos muito gratos por elas terem aberto mão de muita coisa na vida para nos criar.”

Alexandre destaca a grande proximidade com o pai e fala do quan-

Luiz Buaiz, pai feliz e orgulhoso, Alexandre, uma amiga e Douglas Puppim num baile à fantasia.

to a sua paciência era exigida para atender as vontades dos filhos. Ele próprio não dava tréguas, mesmo durante as viagens a trabalho: “Lembro um episódio em que estávamos no Rio de Janeiro. Ele sempre pedia a uma das suas secretárias para sair comigo enquanto estava em reunião. Então nós fazíamos compras, íamos a uma loja de brinquedos e essa coisa toda. Dessa vez estava com dona Ruth e cismei que queria uma prancha com remo, semelhante a um caiaque. Para trazer a novidade a Vitória ele teve até de colocar um suporte no carro. E quando chegamos a Araruama cismei de usar e tivemos de parar para que eu fosse até uma lagoa experimentar o novo brinquedo.”

O pai também era solicitado, como médico, para socorrer o filho inquieto. Alexandre lembra quando, estudante do Colégio Americano, passou na casa da avó para almoçar, como fazia sempre, e demonstrou, digamos assim, que tinha a boca maior que a barriga. Para agradar, a avó fez berinjela gratinada à moda árabe. Ele não se conteve e comeu a travessa toda. Passou muito mal e o pai, médico, foi chamado às pressas para socorrê-lo. Alexandre lembra: “Até hoje ele conta que eu como até passar mal. Isso é inato. Minha mãe quase morreu na gravidez. Ela engordou mais de 20 quilos. Eu nasci de parto normal, com mais de 5 quilos e meio”.

O filho reconhece: “Meu pai passou muito aperto comigo. Algumas vezes eu extrapolava. Um dia cheguei da faculdade com duas jiboias. No começo ele não falou nada. Mas, quando viajei, ele deu um jeito de sumir com elas. Ele era muito amoroso mesmo. Também bati muito com carros, fiz muita presepada e sempre tinha alguém que ligava avisando: ‘Dr. Luiz, seu filho está andando a mil por hora na Beira-Mar.’ E coisas do tipo. Isso às 2 horas da manhã. Como não tinha como se comunicar ele ficava no portão esperando, rezando e depois só dava uma bronca.”

O lado paternal de Luiz Buaiz foi mesmo muito exigido. O que ele não fez, por índole, o filho fez em dobro. Na lista da “sobrecarga” imposta ao pai estão as vezes em que foi de Vitória à Argentina para encontrar uma namorada. E também as tumultuadas estadias em Guarapari, de dezembro a março, quando o pai ficava em casa, “só recebendo as notícias das farras e da confusão.”

Mas o pai foi submetido a coisa pior: em 1977, saindo do Rio de

Janeiro para Vitória na lancha de Octacílio Coser, Alexandre estava sentado justamente em cima do motor quando houve uma explosão. Ele queimou-se todo. Foi uma sorte ter conseguido chegar até Cabo Frio, onde foi socorrido. A situação estava difícil, mas um dos muitos amigos do pai foi acionado: “Quando vi que não tinha mais jeito, lembrei-me do Renato Falcão, primo do ministro Armando Falcão, amigo dele que estava lá. Assim que me colocaram na maca vi a seriedade da situação.”

Dessa vez ele disse que ficou preocupado com o pai, e pediu ao médico para avisar do que tinha acontecido. O problema foi a forma como foi dada a notícia. O médico disse que a lancha tinha explodido, e pediu-lhe que fosse buscar o filho no aeroporto com uma ambulância: “Meu pai queria sair de madrugada mesmo para Cabo Frio. Peguei um voo no Rio de Janeiro, coloquei uma roupa para disfarçar, mas não teve jeito. Quando chegou ao hospital ele viu o estado das queimaduras e quase desmaiou. Isso prova que ele tem um coração muito forte.”

Seu pai lembra-se de tudo isso e da angústia que viveu. Chegando a Vitória, o filho foi direto para o Hospital Evangélico. Depois, em casa, Nenen, a empregada, precisava carregá-lo no colo para lá e para cá. “Ferrinho mandava a comida, lá do seu restaurante”, lembra Dr. Luiz. Ferrinho é o amigo que saiu de Jaqueira, no sul do estado, onde tinha um bem-sucedido restaurante para caminhoneiros, para montar aquele que seria, por muitos anos, o melhor restaurante de Vitória. Dr. Luiz Buaiz, de frequentador assíduo – quase sempre acompanhado do amigo Eugênio Queiróz, de *A Gazeta* – passou a amigo. E quando o filho se acidentou, Ferrinho foi um dos mais presentes.

Amigo de todos, até dos inimigos

Alexandre reconhece a paciência incomum do pai, com quem diz ter aprendido muito: “Meu pai tem uma capacidade de perdão muito grande. Lembro um sujeito de Vitória que não gostava nada do meu pai e deixava isso muito claro. Tempos depois meu pai veio a ajudar essa pessoa. Meu pai é assim. Ele é muito simples e não tem ambição, nunca teve. Sempre questioneei o motivo de ele não ter um carro melhor, andar com roupas melhores. Ele sempre optou pelo mais confortável.”

Outra coisa positiva é a relação dele com os empregados. Um dos mais próximos era o José Gomes, conhecido como Chessman, que recebeu esse nome devido à semelhanças que tinha com o Bandido da Luz Vermelha, Caryl Chessman. Depois de terminar o trabalho na construção do prédio que o Dr. Jorge Abikair – amigo do meu pai – estava fazendo na Rua Sete de Setembro, meu pai o contratou. Ele ficou muito grato e virou homem de confiança. Trabalhava como motorista. Fazia uma série de serviços.

Sempre que nós íamos para Guarapari, alguém emprestava a casa para o Chessman. Antes de morrer, a madrinha de Luciana deixou no testamento um dinheiro separado para ele comprar uma casa lá. Acabou comprando em Muquiçaba, e a casa dele virou um ponto de passagem de todos nós.

Outro empregado que tem história é o Pílinho. Ele e mais uma turma faziam a limpeza do IAPC, e depois combinavam de ir beber juntos. Ele começou a se achar o máximo porque tinha a chave do elevador. Um dia ele abriu o elevador e alguém o chamou no andar de cima. Ele estava no segundo andar e entrou. Nesse momento caiu nas molas e o cara que estava em cima desceu para buscá-lo. Pílinho só não morreu porque o zelador desligou a chave geral do prédio. Depois acabou sendo atropelado e morreu. Todos esses empregados almoçavam na nossa casa. Outro que também tem muitas histórias é o Levi, que gostava muito dele. E a voz do Levi era igual à do meu pai. Para piorar ele imitava meu pai e ainda se achava porque era secretário do Dr. Luiz Buaiz. Fazia pagamentos e tudo.”

Os empregados foram responsáveis por episódios que movimentavam a família e faziam o Dr. Luiz se desdobrar. Nada, no entanto, que se comparasse às dores de cabeça causadas pelo filho. Durante anos, enquanto durou a infância, adolescência e juventude de Alexandre, ele permaneceu o tempo inteiro em sobressalto. Se Dr. Luiz pensou em mandá-lo para um internato, como seu pai fizera, nunca concretizou a idéia. Enfrentou tudo com garbo, embora com a carteira sempre aberta para pagar os prejuízos.

Um dos muitos momentos em que teve que abrir a carteira para apaziguar os ânimos aconteceu quando morava na Santa Clara e teve a participação – bem intencionada, indireta, mas, de qualquer forma, participação – de uma velha amiga. Nesse período era comum todos

terem uma antena de rádio em casa. E sua amiga Aurora Gorda deu uma arara vermelha de presente para Alexandre. A ave vivia presa como um papagaio e fazia muito barulho. Um dia conseguiu roer a corrente e fugir. Quando a família acordou reinava o maior silêncio! Ninguém viu a arara. Mas foi só alguém sair à rua para o mistério ser desfeito: todos os vizinhos estavam lá, reclamando porque a arara tinha roído todas as antenas de rádio da rua. O pai zeloso e apaziguador teve de comprar um estoque para repor antenas em toda a rua e acabou levando a arara para a fábrica de pregos do Sr. Alexandre, em São Torquato.

O avião caiu, mas Luiz Buaiz sobreviveu

Trabalhar e fazer o bem são coisas que sempre deram sentido à vida de Luiz Buaiz. Viajando a trabalho, e com o objetivo de ajudar, ele se viu envolvido em um fato, lembrado por muitos amigos e pela família, que mostra uma das poucas vezes em que ele deu trabalho: o acidente de avião de que escapou e o susto que deu na cidade inteira.

Alexandre repete a história contada por Rogério Andião e José Ignácio Ferreira, mas numa versão com mais dados. Alguns, diferentes: “O médico a quem eu sou mais grato é Dr. Leonardo. Meu pai estava no Rio tentando arrumar emprego para ele, mas a reunião que teria para isso atrasou. Meu pai perdeu o avião, da Cruzeiro do Sul, que ia pegar. E esse avião caiu no mar e todos que estavam a bordo morreram. Inclusive o Fábio Ruschi e a Judith Castello Leão.

Como ele perdeu o voo, resolveu ir ao teatro. Além do meu pai, uma série de pessoas deixou de vir nesse horário para ver um jogo do Botafogo. Nesse período era muito difícil a comunicação. Para fazer uma ligação para o Rio, demorava horas. O interurbano era feito com a ajuda da telefonista. O nome dele constava na lista de passageiros, mas, no seu lugar, quem embarcou foi um padre, para quem ele manda rezar missa até hoje.

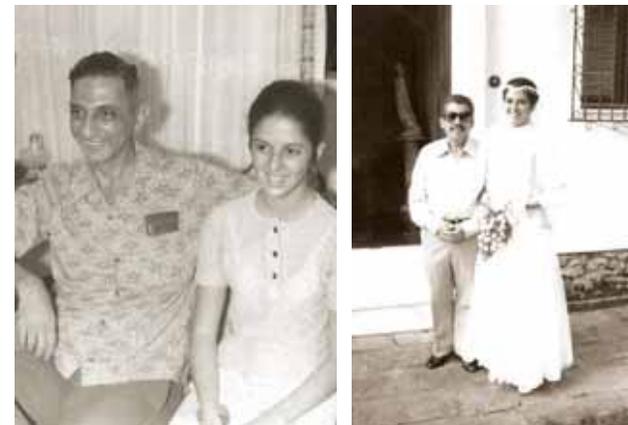
O nome dele estava na lista dos passageiros, e – descobrimos quando a ligação saiu – a conta no hotel tinha sido encerrada. Achamos que ele tinha embarcado. Em casa todos nós estávamos rezando o terço, acendendo velas, foi uma loucura. Nesse meio tempo meu tio José Buaiz estava no balcão da Cruzeiro brigando com os atendentes. O grande problema é que a lista de passageiros saía, mas não especi-

ficava os sobrenomes. Portanto, tinha uns quatro ou cinco de nome Luiz na lista. Quando ele chegou ao hotel e viu a pilha de recados, achou que aqui é que tinha morrido alguém.

Estávamos rezando e chorando quando ele ligou. Quem atendeu achou que era o Levi, que tinha a voz igual à dele. Foi um alívio. Então, graças a esse médico, Dr. Leonardo, que precisava de um emprego, meu pai está comigo até hoje.”

Uma família muito unida

Pai zeloso, amigo, muito presente, às vezes ciumento. Assim o Dr. Luiz Buaiz pode ser definido por sua filha Luciana. Ela lembra com carinho os dias da infância e da adolescência: “O contato do meu pai comigo e com meu irmão sempre foi de um jeito muito amigo, de conversar, brigando pouco. Sempre com muita paciência. Ele tinha muito carinho com a gente e dava atenção, apesar de todos os compromissos. Nossos pais se separaram, mas da separação não lembro muito, porque era bem pequena. Mas ele nunca nos deixou sem contato com nossa mãe. Sempre fez questão de manter a família junta. Íamos sempre a Guarapari almoçar, era o nosso programa. A casa ficava onde



Luciana, feliz ao lado do pai e no dia do casamento, numa foto com o motorista da família, Chessman.



hoje é o Bob's. Nem estrada tinha, na época. Lembro da dona Maria, que era muito boa cozinheira. Paravam muitos carros lá achando que era um restaurante.”

Os passeios não se resumiam a Guarapari, porque Dr. Luiz sempre gostou muito de carro, como conta a filha: “Íamos sempre para Caxambu, ficávamos lá uns dias e às vezes até levávamos os primos. No aniversário dele, ele gostava de ir para lá para fugir um pouco de Vitória. Ele adorava pegar o carro e dirigir.”

Luciana teve um pai zeloso e ciumento. O irmão não ficava atrás, e ela não esquece: “Ele sempre teve muitos ciúmes de mim. Ele e o Alexandre sempre ficavam me vigiando. Sempre sai com minhas amigas, mas ele ficava de olho. E como Alexandre era mais saído, ficava sempre rodeando e avisava: ‘Não chega perto porque é minha irmã.’ Era proteção mesmo.”

Apesar disso, não era um pai impositivo, diz, carinhosamente, a filha: “Ele sempre nos deixou livres para escolher uma profissão. Nunca forçou para que fôssemos médicos. E é assim aqui em casa, também. Minha filha chegou até a pensar em fazer, mas escolheu Direito.”

Luciana admira o modo de viver do pai, a sua disposição e a manei-

Praias e estação de águas são passeios que Luiz Buaziz sempre organizou com os filhos e netos.



ra tranquila como encara todas as situações: “Meu pai tem um pique que é incrível. Não dá trabalho nenhum e comemora poder cuidar dos netos. Ele não reclama de nada e não exige muito também.”

O jeito afetuoso, a disposição para ajudar e o grande conhecimento de Medicina fazem toda a família girar em torno de Dr. Luiz: “Até hoje todos recorrem a ele nas questões médicas. Minha prima Cláudia, que mora em Santa Catarina, grávida, fez questão que ele acompanhasse tudo. Ficamos alguns dias lá, esperando a criança nascer e nada. Ela errou a conta, meu pai tinha que vir embora e foi aquela confusão. Mas ele sempre está presente.”

E as lembranças continuam: “A uma funcionária do Tribunal de Contas que estava com problema na pele, por telefone mesmo o meu pai falou: ‘Passa Quadriderm creme.’ E deu certo.”

Ele cuida de todos, mas a filha agora está atenta à sua saúde: “Meu pai é saudável, mas fez alguns exames e descobriu um aneurisma. Fez a cirurgia e tudo correu bem. Ele é tão saudável que depois disso, o máximo de preocupação que deu foi uma forte virose que não se descobriu o que era. Ele comia pouco e chegou a ficar muito mal, mas se recuperou. Fez todos os exames, e foi só voltar a comer que sarou.”

A festa dos 90 anos, organizada pela irmã Lourdes, reuniu a família e amigos em agosto de 2011.

Um tio que cura tudo

Míriam Buaz, filha de Lair – a mais velha das irmãs de Luiz Buaz – não esquece os lanches, à tarde, na casa da avó, com a presença permanente do seu tio Luiz, fazendo graça para os sobrinhos antes de seguir para o trabalho: “Todo dia à tarde minha avó botava a mesa do lanche, e antes de ir para o consultório, ali do lado, ele passava lá. Ele sempre foi engraçado, imitava minha avó, que andava mancando...”

Míriam diz que tem respeito, consideração e carinho pelo tio: “Eu me sinto segura e amparada se ele está perto. A gente cresceu sabendo que Tio Luiz curava tudo. Ele era muito brincalhão, eu me lembro que uma vez eu tive uma bolha no dedo e ele enfaixou o pé todo, mas meu pediatra era Dr. Jorge Abikair, um grande amigo de Tio Luiz e uma pessoa muito querida por nós.”

Viúva muito cedo, aos 29 anos, Míriam viveu, naquele momento, um período que exigiu muitos cuidados, mas ela foi amparada pelo tio, como lembra: “Ele sempre esteve presente nesses momentos difíceis. Não apenas como médico. Nessa época eu dei muito trabalho a ele. Em um ano eu tive até caxumba. Nas horas em que eu mais precisei, ele estava lá e de forma carinhosa. Ele era o médico, o parente. Eu ficava bem só de ele estar perto. E sempre foi aquela pessoa em quem tive confiança, em quem acreditei. Nem os remédios receitados pelos pediatras eu dava aos meus filhos sem ele confirmar.”

Uma característica da família Buaz que a sobrinha afetuosa destaca é rir muito, rir sempre, de tudo e de todos. “Um Buaz ri inclusive de si mesmo. E Tio Luiz é assim. Além disso, ele tem um raciocínio muito rápido. Uma frase que eu me lembro que ele fala sempre, desde que eu era criança, é: ‘Isso é um picareta, não vale nada!’ Mas essa frase ele fala brincando, é o contrário do que ele quer dizer.”

Míriam fala também pela mãe: “Era uma pessoa que tinha o maior orgulho do irmão, por ele ser um médico sempre pronto a ajudar, independente de a pessoa poder pagar ou não. Minha mãe tinha muita afinidade com ele e o maior orgulho, porque além de ajudar ele é amigo, é amigo mesmo. Como médico ele devia ser um exemplo para os outros. No consultório, as pessoas muitas vezes chegavam e não podiam pagar. E ele, além de não cobrar a consulta, se não tinha amostra grátis, dava o dinheiro pra essa pessoa comprar o remédio.”

A maneira como o Dr. Luiz Buaz ajuda é muito peculiar, porque ele



não deixa a pessoa constrangida por depender dessa ajuda. Ele brinca, faz piada, faz o seu gesto, nele tão natural, parecer natural também àquele que precisa. Míriam dá um exemplo: “Meu tio sempre cuidou dos velhinhos do asilo, que enfrenta dificuldades para mantê-los. Quando as irmãs chegavam, ele brincava: ‘Vocês gastam o dinheiro dos velhinhos, depois vêm aqui pra eu examinar todo mundo de graça...’ Todos riam, ficavam felizes, havia uma proximidade maior, e apesar da seriedade de alguns casos, tudo parecia ter um peso menor. “Ele sempre ajudou. Ele é assim.”

Incomparável e insubstituível

O empresário Américo, à frente do Grupo Buaz desde 1992, é o sobrinho que melhor traduz quem é Luiz Buaz. Ele é direto e definitivo quando diz: “Tio Luiz desmente a máxima de que ninguém é insubstituível. Ele é insubstituível. Ele é incomparável. Como tio, como pai, como amigo, como médico, ele é insubstituível. É uma pessoa incomparável.”

As considerações que faz revelam admiração e carinho:

“Ele é um homem bom. Luiz Buaz é fruto de uma trajetória de

Quatro gerações:
Américo, o tio
Luiz, Marcus, e os
pequenos Felipe,
no colo, e Américo
Neto, à direita.

vida que se manifesta de várias formas e em diferentes realizações.

Os pais dele – meus avós – diziam que Luiz foi um filho exemplar, extremamente dedicado, desde cedo. Os irmãos dizem dele: ‘um irmão único, ímpar, sempre muito solidário.’ Ouvi isso do meu próprio pai. Como pai, ele é visto como alguém extremamente generoso.

Um episódio mostra a maneira como ele se dedica à Medicina. Como médico, uma vez ele foi autuado pela Receita porque era um dos que mais atendiam em consultório, e não declarava a renda. Como defesa ele disse: ‘Não declarei porque não tive renda.’ Porque ele atendia sem que nada cobrasse, traduzindo a sua bondade.

Como gestor, quando surgiu o INPS, resultado da convergência de todos esses órgãos, IAPI, IAPTEC, IAPC, ele conseguiu que fosse uma referência nacional de eficiência, e modelo para os outros estados. Ele passou pela Santa Casa, foi gestor e também ali se dedicou, com seu tempo, a uma causa filantrópica.

A eleição de prefeito ele perdeu, mas como deputado federal, o grande *feedback* é o de alguém bom e sério como poucos, como raros.

Todas as pessoas apontam como sua característica maior a bondade. Eu concordo em parte. A bondade, mas não a bondade, como definição única, pequena. A bondade dele deve ser vista de forma diferenciada, ele é abrangentemente bom.

O Luiz está num registro em que na hora em que ele faltar você não vai se lembrar de ninguém que ocupe o lugar que ele ocupou. Ele alcança uma dimensão muito diferenciada, como ser humano. É bondade, lógica, eficácia, capacidade grande de raciocínio. O prevalente para ele é sempre o que está no outro. Está fora dele. Isso traz para ele um enorme sentido de prazer.

Uma vida tão longa com os mesmos princípios e práticas. Ligam pra ele de madrugada e ele atende. Vi isso cerca de dois anos atrás, ele com 89 anos. E se fizerem isso hoje, com 91, ele irá atender.

Ele é único, muito diferenciado, muito mais que uma pessoa bondosa. É uma bondade inata que lhe dá prazer e aí está a fonte e referência de vida.

Ele é bem-humorado, e tem no humor uma defesa para momentos que não são alegres. Eu sempre registrei também isso.

Ele é uma pessoa que tem, em seu vocabulário, palavras chulas. E isso nele não tem essa conotação. Em outra pessoa incomodaria, se



chamasse pelos nomes que ele chama; se a pessoa xingasse como ele xinga. É tão genuíno, essa forma de tratar é uma forma tão amorosa, que isso virou uma marca, sem ser algo que o faça ser ouvido com uma conotação pejorativa.

O Luiz rompe com esses paradigmas de uma maneira que o coloca como alguém único e diferenciado. Luiz Buaziz está dentro de todo um contexto. Me impressiona muito, nele, é que sempre foi alguém muito despojado, simples. Sempre viveu em lugares que não traduzem a classe social a que pertence.

Ele morou muitos anos no alto da Ladeira Santa Clara, um lugar bucólico, com uma vista privilegiada, de onde se vê grande parte da Baía de Vitória, numa casa que tinha um andar, depois passou a ter dois, e depois três. Mas o seu quarto era de uma simplicidade franciscana: uma cama, uma mesinha, um litro de água.

Na forma de vestir ele também é muito simples. Elegante, mas quase sempre de mangas curtas. Fisicamente e mentalmente, ele é muito ativo. Sempre foi. E não me lembro de que ele praticasse qualquer esporte ou ginástica. E não me lembro também de qualquer modismo que tenha acompanhado, como *cooper*, por exemplo.

Luiz Buaziz, entre a irmã Lair e a mãe, Maria, na comemoração de um dos seus aniversários.

Ele, uma vez, disse a alguém que se mantinha bem porque tudo que poderia pedir para alguém fazer, e ele podia fazer, ele mesmo fazia: 'Faço as coisas com as minhas próprias pernas.' Isso como uma filosofia de vida. Ele sempre foi magro, mas nunca o vi fazer restrições alimentares, e nunca o vi comer muito. Nunca o vi, também, fumando ou bebendo.

E ele está sempre com uma disposição incomum para comparecer a batizados, enterros, casamentos. É sempre alguém onipresente. Tem sempre disponibilidade. Sempre que se relaciona com alguém tem um sentimento de vínculo, e é muito difícil para Luiz Buaiz classificar o grau desse vínculo. Em sua vida ele foi acumulando vínculos. Ele nunca foi de romper vínculos.

Também a lembrança não será suficiente. Ele não é alguém que se faça presente só numa palavra, a presença física dele sempre foi muito importante.

Ele não é recluso. Ele sempre se deslocou ao encontro das pessoas. Além da solidariedade emocional, mental, filosófica e física. Se você dá um aniversário e o convida, ele vai. Hoje ele me visita todas as semanas. Me pergunta sempre como estão as coisas, se estou precisando de alguma coisa. Ele vai à minha casa e algumas vezes me ajuda.

Hoje ele fala muito uma frase: 'Se correr, cansa, mas devagar se vai chegando lá.' Quando, eventualmente, ele se for, vai faltar algo que é físico também.

A relação de proteção dele com os irmãos durou a vida inteira. Quando meu pai foi operado, ele estava dentro da sala de cirurgia. Em família, ele é sempre requisitado para acompanhar desde casos mais graves aos mais simples, cirurgias pequenas, partos.

Tem um episódio que demonstra isso: ele tem uma sobrinha, Cláudia Beatriz, que morava em Tubarão, Santa Catarina, e disse que queria a sua presença na hora do parto. Quando deveria acontecer o nascimento, quando ele deveria estar lá, ele foi. Só que não chegava a hora. E ele passou 30 dias lá, esperando. Isso é uma atitude muito singular. Acho que nem mesmo um pai faria isso.

A relatividade é fundamental para fazer juízo de qualquer coisa. Se apelar para a relatividade, comparar, provavelmente você diria: 'estou diante de alguém que sempre será incomparável e único', mas você não terá parâmetro para fazê-lo em toda a sua extensão.

Ele é um homem incomparável, e o seu exemplo deveria ser seguido. Os bons exemplos deveriam ser mais seguidos, deveriam ser uma referência."

Uma referência de vida

Marcus, filho do empresário Américo Buaiz, é outro sobrinho (sobrinho-neto) que fala do tio com carinho, amizade e admiração. Ele expressa o pensamento da família inteira, quando diz: "Tio Luiz sempre foi uma referência nossa." Para ele, Dr. Luiz é mais ainda: "Meu avô sempre foi muito formal, fechado, enquanto Tio Luiz é sempre alegre, brincalhão. Só penso nele brincando, sorridente e generoso, cuidando de nossa família inteira."

O depoimento amoroso de Marcus revela um sentimento próprio, mas também expressa quem é Luiz Buaiz: "Ele trouxe para a minha vida como que um legado de aprendizado. O maior ativo que ele construiu – e constrói até hoje – é fazer o bem, tanto para pessoas de extrema importância social quanto para pessoas humildes. Ele está com um telefone ligado 24 horas, atendendo à família e a quem precisa de ajuda ou cuidados médicos.

Costumo dividir sempre com Tio Luiz as minhas conquistas e desejo que ele esteja sempre ao meu lado, nesses momentos. Ele foi uma das primeiras pessoas com quem falei, quando meu filho nasceu. Tenho muito carinho por ele. A última vez em que estive em Vitória, fui levar meu filho para que conhecesse. Tio Luiz é como um avô. Não tenho mais avô paterno nem avô materno, e Tio Luiz ocupa esse lugar."

O afeto com que o sobrinho-neto fala de Dr. Luiz é tocante. Como todos na família, ele o ama. E destaca algumas das características que tornam Dr. Luiz querido, indispensável e inesquecível: "Na vida que vivo, de muita correria profissional e de contato com muita gente, jamais conheci uma pessoa como Tio Luiz. Os momentos com ele marcam muito, em todos os sentidos. Quando faço uma coisa importante, profissional, divido com ele. A história da minha família eu conheço através dele. Ele me conta detalhes de coisas que aconteceram 50 anos atrás, coisas de que ele lembra dia, hora, momento. Histórias da minha avó, do meu avô, do meu bisavô. Quando a gente se encontra, é sem horário, sem tempo, porque sou muito curioso a respeito da história da família, e acho empolgante ouvir tudo o que ele conta."



Essa dupla, filha e sobrinha, sempre foi alvo do humor implacável de Dr. Luiz. Era a dupla 10: o um e o zero.

Agregando mais gente à família

Edma, secretária do Grupo Buaiz há décadas, é como se fosse da família. Trabalhando diariamente no escritório do Sr. Alexandre e, depois no de seu filho Américo, ela, com pouco tempo de casa, já merecia cuidados fraternos. O patriarca da família gostava de ajudar, tratar bem as pessoas. Edma lembra que o Sr. Alexandre, já mais velho, tinha o costume de ficar por momentos sentado numa cadeira na calçada do seu estabelecimento. Quando passava um pobre, ele se levantava num impulso, chamava-o e entregava-lhe algumas moedas.

Essa permanente vontade de ajudar o próximo transferiu-se para os filhos do casal, como se fosse uma informação genética. A bondade de Luiz Buaiz sempre foi patente e Edma não se esquece disso: “O Dr. Luiz é uma pessoa muito especial. Como médico é muito atencioso. A hora que ligo está sempre à disposição. Quando tem um funcionário com um parente doente ele consegue internar no Hospital das Clínicas...”

Edma tem muitas histórias para contar, que atestam a bondade de Luiz Buaiz: “Uma vez um motorista do Dr. Américo estava com a mãe doente, no corredor do Hospital Dório Silva. Eu liguei para o Dr. Luiz, ele ligou para lá, e quando o filho voltou lá ela já estava num quarto. O que preciso, procuro o Dr. Luiz Buaiz. Quando uma pessoa conhecida minha está doente, mando no consultório dele e ele atende, tudo de graça.

Ele sempre foi muito bom para todos do Grupo Buaiz, para os sobrinhos... Ele cuida de todos eles. Ele tem prazer em atender, é como o pai dele, uma pessoa muito boa, que se preocupava com os empregados. Uma pessoa muito próxima.

Quer saber? Quando minha mãe estava na UTI, e eu não podia entrar, ele me levou lá, eu consegui entrar para vê-la.

O Dr. Luiz sempre levou seu carro para consertar na oficina do meu tio, Arlindo Frigeri, que era mecânico. A oficina ficava no Bairro Consolação. Ele, os irmãos, o primo dele que tinha uma loja, Tufi Buaiz, todos levavam o carro para consertar lá.”

Amor de uma vida inteira

Angela Buaiz, Anginha, fala com ternura daquele que hoje é o patriarca da família: “Tio Luiz é exemplo de um ser humano incomum,



que exerce o que para mim significa ‘amor incondicional’. Ele tem lugar especial na minha vida desde muito cedo. Ainda pequena, ia muito à sua casa, na ladeira Santa Clara. Luciana e eu éramos amigas, além de primas. Num momento de fatalidade ocorrido em nossa família, fiz algumas viagens com eles, e pude conviver com um tio atento e amoroso. As lembranças são muitas, alegres e tristes, mas ele sempre por perto. Meu pai e ele sempre foram unidos; eram irmãos, cúmplices e amigos.

Tio Luiz é referência para a família e também para os amigos. Como poucos, atende prontamente aos inúmeros pedidos e chamados que recebe, é um símbolo da confiança para os que o cercam. Consegue estar presente não só em eventos sociais, políticos, enterros, batizados e casamentos, mas também onde entende que sua presença é importante. A chance de ele dizer sim às demandas que lhe fazem é infinitamente maior, mesmo mantendo sua opinião e defendendo o que acredita e valoriza.

Além disso, tem uma vitalidade e memória invejáveis, lembra de todas as histórias da família, dos amigos e da cidade. Acho que, por isso, sinto orgulho de como as pessoas também se lembram dele. É

Três pessoas amadas por Luiz Buaiç: o irmão Américo (de terno); a mãe; e a cunhada Arlete.

comum ouvir alguma história, quando se fala dele para alguém: ‘Sou muito agradecido(a) ao seu tio. Certa ocasião, ele me ajudou muito...’. Em geral, o que fez foi marcante e determinante.

Já ouvi, por exemplo, o relato de ele estar na igreja para um casamento, o noivo tenso por estar no altar, o padre não aparecer, ter sido convidado a realizar o casamento e, pasmem, ter consentido e abençoado os noivos. Sei também de muitas e muitas situações de ajuda em casos médicos, em que conseguiu tanto consultas quanto quartos em hospitais e remédios; um sem-fim de histórias e de lembranças vivas de muitas pessoas de nossa cidade.

Ainda adolescente, eu tinha uma moto e, virava e mexia, sofria pequenos acidentes. Certa vez, foi chamado à nossa casa para me ver, pois o problema era mais sério: eu tinha caído e queimado toda a minha perna. Veio imediatamente, olhou a queimadura e indicou o que fazer. Ao final, olhou pra mim com aquele jeito carinhoso dele e me disse: “Anginha, já falei, mas vocês não aprendem. Motocicleta é uma porcaria! Você já viu moto morrer de velha?”

Luiz Buaiç é um homem forte, generoso e um profissional competente, disposto e disponível, atento e agitado, espontâneo e de muito bom humor. Tenho grande admiração por ele e me sinto privilegiada por ele ser meu tio e fazer parte da minha vida.”

Um irmão por afinidade

Um dos maiores amigos que o Dr. Luiz Buaiç já teve, o ex-vereador, ex-secretário de Educação e ex-deputado estadual Arabelo do Rosário, fala de quando os dois se conheceram. Ele faz um balanço de vida que destaca fatos importantes também para a história da cidade:

“Os primeiros contatos com a família Buaiç ocorreram quando ainda era garoto, por volta de 1930. Nessa época Luiz Buaiç era um estudante de Medicina e eu era muito amigo dele e de toda a família”.

A amizade que os une é enfatizada por Arabelo: “Falar em Luiz Buaiç é uma honra e um prazer. São 91 anos de vida de bons serviços prestados a toda a comunidade capixaba. Luiz é um irmão. Eu tenho a honra de dizer que pertencemos à família e de compartilhar, pertencer a este mundo de pessoas que o admiram. Ele um nome, uma bandeira que reza pela mesma cartilha que todos nós. Luiz é prestativo e bondoso. Boníssimo. Luiz veio ao mundo para servir e é uma alma



Arabelo durante uma sessão da Câmara. A eleição para vereador ele credita a Luiz Buaziz.

boníssima, prestativa sob todos os aspectos. Um grande batalhador. Eu manifesto a honra e a consideração que tenho por Luiz Buaziz”.

E conta que acompanhou toda a trajetória do ilustre amigo médico, classificado por ele como humanitário, carinhoso e atencioso. “O Luiz estudava no Rio nessa época. Mas assim que ele se formou voltou para Vitória. Eu morava nas proximidades da Rua 23 de Maio, e a partir daí comecei a frequentar mais a casa de seu Alexandre Buaziz, o que nos aproximou”, lembra Arabelo.

Em todos esses anos de convivência, Arabelo do Rosário relata que não foi difícil constatar como Luiz Buaziz tinha verdadeira vocação para ser médico. “Ele gostava de servir. Vitória e todo o Espírito Santo devem muito ao Dr. Luiz Buaziz. Havia carência de médicos na época, ainda mais médicos como ele... A atuação de Luiz como médico da família se destacou muito. Não tinha horário, dia, mês, nada. Ele atendia quando era necessário”, declara.

A atuação de Luiz Buaziz como médico familiar é uma lembrança forte para Arabelo do Rosário por um motivo especial. Foi o amigo que cuidou da sua mãe, Auta do Rosário, quando ela adoeceu. “Contei com toda a ajuda e assistência dele como médico, e também como amigo, na solidariedade e conforto. Assim nossa amizade cresceu muito. Pedi a ele que fosse cuidar da minha mãe em casa, e isso durou mais de dez anos”, recorda.

Quando o estado de dona Auta piorou, Arabelo conta que, por intermédio do amigo, ela foi internada no hospital que atendia os servidores públicos. “Nessa época, a nossa amizade chegou a um ponto que passei a considerá-lo meu irmão. Até o carro para ir e voltar do hospital ele emprestou”, lembra.

Arabelo destaca o dom do médico Luiz Buaziz para prestar serviços à população. “Ele ainda faz isso. Com o mesmo ideal que tinha anos atrás. Ele é muito humanitário e prestativo. Ainda na época de outros médicos, como Dório Silva, que também atuavam da mesma forma que o Luiz, ele se destacava. O trabalho que desenvolveu à frente da Santa Casa e das previdências sociais foi muito importante”.

Pouco tempo após começar a cuidar da mãe de Arabelo do Rosário, Luiz Buaziz foi escolhido para ser professor do Colégio Estadual, onde mais uma vez atuaram juntos. Nesse período, Arabelo era servidor na escola e Luiz Buaziz, professor de Biologia. “Eu trabalhava lá como

inspetor, nesse período. E ele era muito respeitado pelos alunos. O trabalho dele tinha dedicação e amor”, destaca.

Se, a essa altura, era difícil imaginar maneiras de Luiz Buaz e Arabelo do Rosário fortalecerem ainda mais a amizade, o ex-deputado arrumou um jeito: “Pedi a ele que fosse padrinho da minha filha Lúcia do Rosário, e ele dançou a valsa com ela no aniversário de 15 anos”, lembra.

Instituto Braille

Como políticos, Arabelo do Rosário e Dr. Luiz Buaz atuaram em parceria. E essa ajuda mútua resultou, entre outros feitos, na fundação, em Vitória, do Instituto Luiz Braille, em julho de 1955. “Criamos o instituto, por iniciativa de Valter, um idealista, que era cego, e demos acolhida a uma série de pessoas que não podiam enxergar”, diz Arabelo.

A parceria entre Dr. Luiz Buaz e Arabelo ainda é forte e refletiu em todos os aspectos. Foi Luiz Buaz quem levou Arabelo para a política: “Em um dia 19 de agosto, quando comemoro aniversário, Luiz Buaz, em tom de brincadeira, disse que iria me lançar vereador. Aconteceu uma festa, no Colégio Estadual. Nesse dia fizeram uma grande reunião. A brincadeira do Luiz pegou e acabei sendo o mais votado de Vitória naquela eleição”, lembra.

Missão e religião

Considerado um membro da família Buaz, Arabelo do Rosário lembra que quando o Dr. Luiz Buaz se casou e depois se separou da primeira esposa, uma importante missão lhe foi confiada. “Eu era o acompanhante dos filhos dele, Alexandre e Luciana, nas viagens até o Rio de Janeiro. Fiz isso muitas vezes, pelo menos em dois períodos do ano. Era uma ordem da Justiça para que as crianças passassem um tempo com a mãe. Mas tudo feito com muito prazer e honra”, diz.

Arabelo do Rosário recorda o tempo em que Dr. Luiz Buaz foi provedor da Santa Casa, depois de formado. Ele classifica a administração do amigo como brilhante. Principalmente pelo interesse de servir que sempre lhe foi peculiar. O ex-deputado Arabelo destaca que Dr. Luiz, mesmo com todas essas atribuições, encontrava tempo para ajudar, e era considerado o pai de todos os médicos recém-formados.

Integrantes fiéis da Irmandade de São Benedito do Rosário, tanto Luiz Buaz como o amigo Arabelo não perdem, até hoje, nenhuma missa ou procissão em homenagem ao santo. “Não tenho mais condições físicas de acompanhar todo o trajeto da procissão. Mas vamos de carro, ficamos perto da Convertedora e o pessoal sempre faz uma reverência”, diz, animado, Arabelo do Rosário.

Mariazinha Lucas, uma irmã

Nada, nem mesmo as trovoadas da política, consegue abalar a amizade de Mariazinha Lucas e Luiz Buaz. É uma união forte, de que ela fala com serenidade: “Há 61 anos estamos juntos fraternalmente. Ele é um irmão que eu não tive. Eu não conheço quem seja um terço do que ele é. Agora a gente vive 200 anos. Eu espero que aconteça isso com ele. Luiz não pode morrer, tem que continuar assim. Hoje, com 91 anos, ele ainda tenta ajudar a resolver o problema de muita gente”.

A longa história começou em 1954, como ela recorda: “Eu fiz um concurso no IAPI e Luiz era médico lá. Fiquei amiga dele, trabalhando lá, até os institutos se unirem. Nesse momento teve a separação da assistência médica. Fui trabalhar na assistência médica, com ele, e



Mariazinha Lucas em momento de confraternização com Luiz Buaz, para ela o irmão que não teve.

daí não nos largamos mais. Ele é o irmão que não tive. Somos quatro irmãs e ele”.

Mariazinha diz que aprendeu muito com o amigo. É quase folclore, na cidade, o jeito brincalhão – e também o vocabulário irreverente – de Luiz Buaz. Até nisso ele a influenciou: “O meu palavreado, a escola foi ele. Eu era assessora dele e só o via trabalhar, porque eu não fazia nada. Quem trabalhava era ele. São quase 60 anos de amizade. Mesmo a política, que é uma coisa que destrói tudo... Nem ela conseguiu destruir nossa amizade”.

O sentimento fraternal que os une é demonstrado em várias e diferentes ocasiões. Uma delas data de quase 40 anos atrás, como relembra Mariazinha: “Eu tive fatos com ele fantásticos. Em 1973 eu estava na Europa e meu pai morreu. Ele teve um problema que levou à morte cerebral. Tuzoca (Arthur Carlos Gherardt Santos) era o governador, me ligava quase todo dia. Ele era governador e meu cunhado. Depois, no governo de Elcio é que eu fui ser Chefe da Casa Civil. Mandei-o procurar Luiz Buaz e colocar no telefone. Ele me disse para não vir, que ele estava com morte cerebral e concluiu: ‘Eu vou fazer o que você faria’. E ele ficou lá na UTI, ao lado da minha mãe. Eu tenho muitos amigos, mas nenhum que tenha feito isso ou coisa parecida”.

E ela faz um balanço da trajetória ao lado do amigo, em que repete o que todos dizem: “Ele foi chefe do Inamps, e arranjava cargos, nomeava médicos. Nomeou quase todos daquela época. Sempre foi da maior seriedade. Podia ser dono de todos os hospitais de Vitória ou pelo menos de alguns, e, no entanto, não foi. Trabalha até hoje. Total honradez, apesar do seu jeito.” E assegura: “Eu trabalhei sempre próximo a ele e posso dizer”.

Mariazinha conclui: “Então, além de uma amizade de irmã, eu tenho uma admiração enorme por ele. Para todos os amigos ele faz alguma coisa de bom. Para eles todos, sem dúvida. Todos devem alguma coisa a ele. Eu posso dizer porque fui testemunha disso. Eu acho que ele nunca recebeu o reconhecimento que merece como médico e como político”.

Momentos tempestuosos também marcaram a amizade de ambos. E esses estão relacionados à política, como ela recorda. Mariazinha entrou de corpo e alma na campanha, posicionou-se contra a família e não saiu de perto do amigo. Um furacão varreu a sua vida, porque

seu filho apoiou o candidato que saiu vitorioso. Ela comprou brigas, se indispôs com muitos, não poupou críticas aos outros candidatos. As qualidades de Luiz Buaz são tantas que para ela – que acompanha de perto a política de Vitória – não havia concorrente à altura do médico. Mariazinha atribui a derrota de Luiz Buaz não só à forte campanha dos adversários, mas também à excessiva bondade e cavalheirismo do amigo. Para ela e para os outros amigos, Luiz Buaz jamais esqueceria seus princípios em função da política.

O balanço que Mariazinha faz ressalta a diferença, a singularidade do amigo: “A vida dele é uma coisa diferente de qualquer outra. Até os defeitos e as qualidades dele são diferentes dos defeitos e qualidades dos outros. Mas o que ele mais gosta de fazer é se doar. É ajudar os outros. A vida dele se resume nisso. Ele é envolvente nas amizades. Você é sempre mais feliz quando dá do que quando recebe.

Ele tem grandes amigos de um modo geral, mas não recebeu aquilo que deu. Eu mesmo, o que ele fez por mim, nunca tive a oportunidade de retribuir. Eu não dei a ele o que ele me deu em matéria de amizade e dedicação. Mas eu acho que ele não se ressentiu disso. Ele tem um temperamento, uma maneira de ser tão diferente, que não se vê.

Ele veio do Rio como um grande dermatologista. Ele toda vida foi explorado. Por todo mundo. Fazer o bem é a vida dele e é o que o faz feliz. Tirando Wilma, ninguém foi generoso com ele como ele foi. Sempre foi muito católico, tem uma religiosidade muito grande. A generosidade dele está acima de qualquer coisa.”

A amizade construída dentro de repartições públicas foi além e se firmou entre as famílias. Mariazinha lembra que ia ao aniversário dos filhos do médico Luiz Buaz e que este, até hoje, manda presente de aniversário para seu marido, Laércio. Ela diz: “Nos aniversários da minha família, a primeira pessoa que chegava era ele”.

O médico Laércio Lucas, casado com Mariazinha, destaca que não é muito fácil falar de Luiz Buaz: “Ele sempre foi um sujeito muito presente na nossa vida, nunca deixou de estar presente nos momentos em que tivemos uma dificuldade, como quando íamos, eu e Mariazinha, de Roma a Florença e tivemos notícia do estado de saúde do pai dela. Ela queria vir e Luiz disse que era absolutamente inútil e que ela poderia ficar certa de que ele faria tudo o que ela, estando presente, poderia fazer”.

Determinado, impetuoso e emotivo

O advogado e empresário Antônio Abikair é um dos maiores admiradores do médico Luiz Buaiz. Em seu depoimento ele traça o perfil de um homem inteligente, determinado, generoso e caridoso:

“A admiração que eu tenho por Luiz Buaiz é uma admiração que nasceu da forte amizade que uniu dois médicos: Luiz Buaiz e Jorge Abikair.

Eu tinha cerca de 10 anos... Esta é a lembrança mais remota que tenho do Dr. Luiz Buaiz. Era uma visita de família. Nós morávamos no Edifício Abikair, na Rua 7, e estávamos indo à casa dele, na Ladeira Santa Clara. As nossas famílias se frequentavam, meu pai era médico e muito amigo dele. Sempre que o Dr. Luiz precisava se afastar do cargo, à frente da direção da Santa Casa, era o meu pai que o substituí.

Eu era contemporâneo de Luciana, filha dele. Depois me lembro de outras vezes, quando eu acompanhava meu pai em ambientes de trabalho, e eu o via, como a vários outros médicos. À medida que fui crescendo fui acompanhando a vida de Luiz Buaiz que, em verdade, se confundia, em vários momentos, com a vida do meu pai, principalmente na Santa Casa de Misericórdia.

Sempre conheci Luiz Buaiz, médico, como um profissional que colocava, prioritariamente, o atendimento ao ser humano, sem perquirir, sem procurar saber se tinha ou deixava de ter recurso, coisa que faz até hoje, clinicando no seu consultório no Parque Moscoso, para as pessoas carentes de Vitória.

Luiz, como tinha um envolvimento político, e por conta disso uma articulação muito grande, sempre foi um dos cabeças na criação de vários órgãos de atendimento federal no estado, como o IAPC, o IAPI, e dentro do seu espírito de protetor era o médico que mais empregou seus colegas, dentro do estado.

A grande característica de Luiz sempre foi o emocional. Um homem com rara inteligência, extremamente determinado, mas que sempre deixou prevalecer o emocional. Por conta disso, quando se tratava de amigos ou filhos de amigos ou parentes de amigos, essas pessoas não tinham defeito para ele. Ele tratava de protegê-los como se seus filhos fossem. Acho que, no fundo, as pessoas como o Dr. Luiz Buaiz amanehem e dormem imaginando sempre alguma coisa de bom para aqueles que as cercam. Esse coletivo passa a ter mais valor até que

suas necessidades e, quiçá, até que seus familiares mais próximos. A preocupação dele é sempre com o bem-estar dos amigos.

Luiz cultivava, como poucos, princípios extremamente fortes e diria até imprescindíveis ao ser humano, como a solidariedade ao próximo, amizade e lealdade, franqueza e espírito despido de quaisquer vaidades. É evidente que o Luiz político obtinha reconhecimento por parte daqueles que foram beneficiados por suas ações. Mas, a meu ver, tudo bem, porque a política que Luiz praticou, idealizou, em sua trajetória, é a política que todos deveriam praticar. Ou seja: trabalhar pelo bem-estar público. No auge de sua capacidade laboral, a coisa mais fácil era ser eleito quando apoiado por Luiz. E vários foram os exemplos de políticos eleitos através desse apoio.

Uma das coisas que mais marcaram a minha admiração por Luiz, além de ser amigo de uma vida do meu pai, foi ter sido testemunha de várias ajudas por ele feitas, como: arrumar quarto de hospital, arrumar colegas médicos para fazer cirurgia gratuitamente, conseguir, através da Santa Casa, IAPI ou outros órgãos da área médica, custear tratamento para A, B ou C. Além de viver, até hoje, interferindo junto aos seus amigos, com alguma colocação, pedindo emprego para filhos de vizinhos, costureira, pedreiro...

E ele é também uma pessoa determinada. Lembro de uma vez em que ele, impetuoso e emotivo, bateu na porta do prefeito de Guarapari, Roberto Calmon, para tomar satisfações.

O Dr. Luiz Buaiz é isso. Ele criou a Pro-Matre de Vitória, criou o Instituto Luiz Braille, fez muito por essa cidade e por esse estado, na área de Saúde, que é preciso destacar.”

Arlete Abikair, mãe do advogado Antônio José e esposa de um dos maiores e mais próximos amigos de Luiz Buaiz, o médico Jorge Abikair, enxerga em Luiz Buaiz as mesmas qualidades que caracterizavam o seu marido: bondade e inteligência. Ao definir um, ela define o outro: “Jorge era uma pessoa que gostava de paz e harmonia, jamais censurava alguém. Foi uma pessoa que só deixou recordações e exemplos bons, maravilhosos. Dr. Luiz tem todos esses predicados, além de fazer o bem a todos, até a quem não conhece. Ambos são pessoas que ficam no coração da gente a vida toda. São pessoas que elevam, a cada vez que se fala delas.”

Padre Zequinha, grande admirador

O adolescente Zequinha era coroinha da Catedral quando começou a frequentar a casa dos Buaziz, uma das muitas famílias católicas do Parque Moscoso. Hoje padre famoso, ele hesita um pouco antes de começar a revelar suas lembranças: “Falar do Dr. Luiz Buaziz é fácil, e difícil ao mesmo tempo”. Com a frase contraditória, o experiente padre Ayrola, ex-pároco da Catedral de Vitória e hoje capelão da Igreja do Carmo, começa o relato de suas experiências com o antigo amigo.

Assim ele explica a afirmação confusa: “É fácil porque em Vitória é difícil encontrar quem não conheça, ou pelo menos tenha ouvido falar em Dr. Luiz Buaziz. Agora, complicado mesmo é falar sobre o perfil deste homem”, revela.

A atuação de Luiz Buaziz como médico é motivo de admiração para o padre Ayrola. “Ele abraçou a Medicina como um verdadeiro sacerdócio. Assim como mostra o Evangelho, era um samaritano”. E acrescenta: “Ele sempre demonstrou ter uma sensibilidade única”.

Da época em que se conheceram, Luiz Buaziz já adulto, ficou, além do respeito e da amizade, o apelido. “Até hoje ele me chama, agora com o acréscimo da palavra padre, de Zequinha, como na infância”, recorda, acrescentando que o sorriso constante é a característica mais marcante do médico: “Vejo o Dr. Luiz Buaziz como o homem do sorriso. Isso significa identificá-lo como um homem feliz com ele mesmo, sereno e cumpridor dos deveres que lhe cabiam. Além de ser sensível aos irmãos mais carentes”.

A sensibilidade pode ser comprovada na forma como Dr. Luiz reage aos inúmeros pedidos de ajuda que recebia e ainda recebe. “Quem o procurava e não era prontamente atendido certamente em pouco tempo recebia um retorno ou uma resposta de Luiz Buaziz”, lembra.

Padre Ayrola diz que o Dr. Luiz Buaziz fez da oração de São Francisco norma de vida. “Ele procura, e sempre fez tudo pela paz. Fazendo pontes, e derrubando muros sorrindo”.

A convivência com a família Buaziz traz à memória de padre Ayrola uma lembrança nítida. “No velório de sua mãe, dona Maria Buaziz, lembro-me da fisionomia sofrida do Dr. Luiz, mas ao mesmo tempo serena. Conversei com ele, mas não era uma ocasião para muito diálogo”, recorda.

A atuação política do ilustre médico não foi deixada de lado pelo



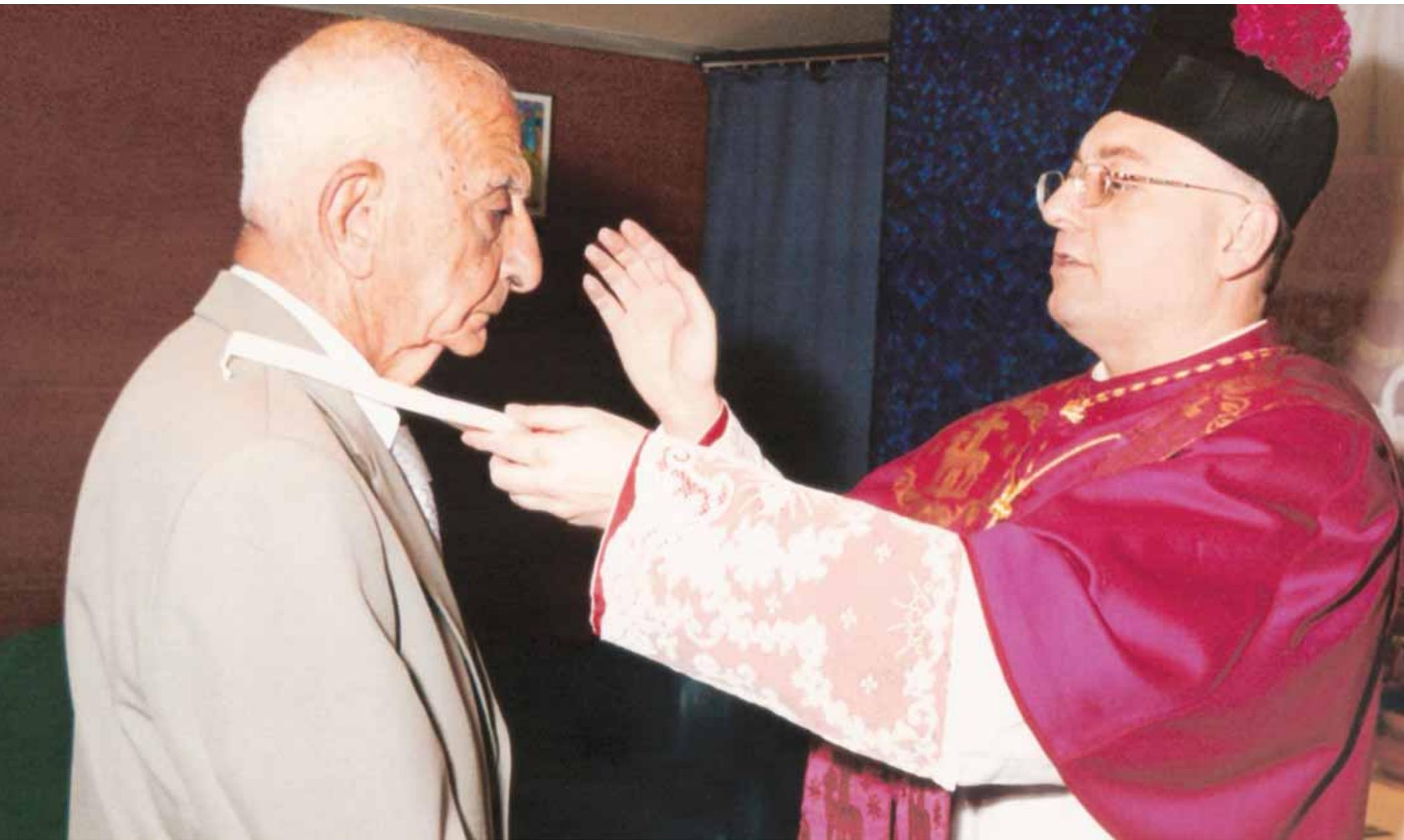
A casa da família Buaziz hoje pertence à Paróquia de Vitória e acolhe idosos.

padre, que se revela eleitor fiel do amigo: “Sempre teve o meu apoio. Mas acredito que essa não era a vocação natural dele, apesar de toda a influência que conseguiu. Acredito que essa empreitada surgiu na vida de Dr. Luiz Buaziz pelo desejo de servir. Somente. Inclusive ele poderia ter se projetado mais pelo grande conceito que tinha no estado. Agora a sua vocação mesmo era a Medicina.”

Pároco da Catedral de Vitória por 30 anos, padre Ayrola se impressionou com uma atitude do Dr. Luiz Buaziz. “Todas as manhãs, por esse período, ele passava diariamente na catedral, e fazia uma oração antes de trabalhar. Era o momento em que entregava o seu dia a Deus”, lembra.

Da vida religiosa de Luiz Buaziz, o padre destaca a grande devoção por São Benedito. “Como pároco da Catedral, celebri por muito tempo, na Igreja do Rosário, a missa em homenagem ao santo. Nunca perdi uma, e também Luiz Buaziz esteve sempre lá, ano após ano”.

Admirador da forte religiosidade do amigo, ele também professa seu agradecimento: “Serei eternamente grato a este homem. Entre outros motivos, porque ele foi o mediador, entre a família e a Arquidiocese, na venda da casa em que ele e os irmãos nasceram no Parque



Moscoso, onde hoje existe uma obra social voltada para os idosos”.

Coração do tamanho do mundo

O depoimento do jornalista Gutman Uchôa de Mendonça é emocionado e terno. É o depoimento de quem tem pelo médico Luiz Buaiç uma grande admiração e o sentimento de um verdadeiro irmão, mas também é o depoimento que repete qualidades que todos que cercam Luiz Buaiç não se cansam de repetir:

“Eu vim do Rio pra cá em 52 e logo ficamos amigos. Conheci Luiz, Américo e Benjamin juntos. Luiz Buaiç foi meu vizinho por 20 anos. Eu morava na Rua Loren Reno, número 100 e Luiz no número 102. Três anos depois ele se mudou dali. Luiz Buaiç é um irmão que eu tenho. Ele tem um coração maior que ele. Do tamanho do mundo. Luiz Buaiç, como médico, é parteiro, é clínico geral e é dermatologista.

Quando ele era Diretor Geral do IAPC, o Instituto dos Comerciantes, fui lá, no quarto andar, levar um empregado da minha fazenda com as duas mãos cheias de chagas. Ele olhou e disse: ‘Alergia a cimento.’ Eu me surpreendi, perguntei como ele dizia aquilo só de olhar e ele insistiu: ‘Alergia a cimento. Vá pra casa, passa óleo de cozinha. Unta as mãos e não lave. Depois tira o excesso com um pano. De manhã, depois do banho, torna a passar óleo. Em três dias está bom.’ Três dias depois estava bom.

Ele me chama de Maior e eu o chamo de Lula. Quando fui secretário do governador Christiano Dias Lopes, tinha dia que ficava até 6 da manhã no Gabinete, caindo de sono. Um dia o Christiano me disse: ‘Pede ao Luiz Buaiç uma receita de Pervitin.’ Pervitin é um remédio que deixa a pessoa acordada. Eu disse que achava que não ia conseguir, ele insistiu e eu fui lá e pedi. O Luiz me perguntou: ‘Pra quê você quer isso? Pra quem?’ Eu respondi: ‘Me dá essa receita. É pra mim, eu preciso ficar acordado algumas vezes, trabalhando...’ Ele insistiu: ‘A sua mulher sabe disso?’ Eu insisti: ‘Me dá essa receita, ora!’ Ele me deu. Eu e o Christiano tomávamos. Quando acabou, pedi outra. Mas ele falou pra minha mulher o que acontecia: ‘Olha, o Gutman e o Christiano estão tomando Pervitin.’ A minha mulher contou a Aliete, mulher do Christiano, e foi aquela confusão.

Luiz era um amante de Guarapari. Todo fim de semana estava lá, a casa cheia de gente. Ele chamava todo mundo. Dizia: ‘Vai lá, passa



lá em casa’. E íamos. Eu, Eduardino, Osny. E tinha sempre camarão frito, uísque, churrasco. O final de semana em Guarapari era sempre com gente na porta pra pedir receita.”

No relato de Gutman constata-se o amigo cuidadoso, presente, desinteressado. Gestos nobres e humanitários são uma característica inata em Luiz Buaiç. Gutman não esquece: “Há um fato, para mim, inesquecível. Minha mãe teve uma trombose cerebral e ficou muitos anos na cama. Ele, religiosamente, ia vê-la nos fins de semana, em Guarapari, onde ela morava, enquanto ela viveu. Numa véspera de ir lá visitá-la, ele estava conversando com Eduardino Silva que deu a notícia. Ele se surpreendeu e foi para lá. Chegou à minha frente, mandou tirar a medida para o caixão, marcou hora do enterro de minha mãe, resolveu tudo.

Quando eu fui pensar em fazer alguma coisa, o meu cunhado, o desembargador Luiz Ferrino, disse: ‘Luiz já tratou de tudo.’ Três, quatro dias depois, eu fui a Luiz e fomos conversar. Eu perguntei: ‘Quanto é que eu te devo?’ Ele disse: ‘É a única coisa que eu pude fazer por ela, porque, como médico, não pude fazer nada.’ Eu insisti, mas não adiantou.

Dias Lopes foi, para Luiz Buaiç, um governador sério e respeitável, só reconhecido tardiamente.

O Luiz, eu acho que ele sobrevive por causa do coração grande. Eu nunca vi o Luiz ficar zangado ou dizer não a uma pessoa. Ele conhece os meus filhos, chama a atenção deles. Olha, ele tem a maior intimidade comigo. Às vezes ele liga e me diz: ‘Olha, eu tou mandando uma pessoa aí pra fazer um curso no Sesc. Toma nota aí do nome.’ E a pessoa vem e eu a encaminho para o curso. Ou então: ‘Fulano de tal, manda tratar os dentes aí no Sesc.’ E ele é assim também. Nunca diz amanhã. Ele atende na hora. Às vezes ele me liga e diz: ‘Eu tou indo aí.’ E aparece. Eu adoro aquele camarada. Ele é mais do que irmão.”

Gutman conta que conheceu toda a família, Seu Alexandre, Dona Maria, os irmãos todos: Benjamin, o mais velho; Lair, a segunda; José, o terceiro, que se apaixonou pela política, um elegante *don juan*; Luiz; Américo e Lourdes, a mais nova dos seis. Ele recorda:

“Trabalhei com o Américo. Os filhos do Américo foram para a minha casa, em Guarapari, quando Dona Arlete morreu. Quando Américo teve uma embolia, a primeira pessoa para quem Luiz telefonou fui eu. Ele me ligou, comovido, para contar.”

O amigo jornalista dá vazão à admiração: “Ele é versátil, conversa sobre tudo. Ele é doente por Medicina, por atender pessoas e fazer caridade. E totalmente desprovido de vaidade. Luiz sempre cortou o cabelo baixinho e está, ordinariamente, de manga curta”.

Gutman continua bem próximo ao amigo e surpreende-se com a sua vitalidade permanente: “Ele é, ainda, uma pessoa que sempre trabalha muito.” Acostumado a enfrentar filas de pacientes em consultórios cheios, ele tem um ponto de honra: ninguém volta sem ser atendido, como Gutman e vários outros atestam. Para o médico Luiz Buaiç, aquele que vai ao consultório o faz porque está precisando. Isso, em determinada época, no auge de sua atividade como médico, se traduzia em uma carga muito grande de trabalho: “Ele atendia três, quatro pessoas ao mesmo tempo, em pé, às vezes nem colocava jaleco.”

Para não dizer que aprova tudo o que o amigo faz, Gutman lembra: “Na campanha ele entrou levado por amigos, pelo PTB, para arranjar votos. Eu fui contra.” Mas logo contrapõe aquilo de que ele não gosta com outro momento que revela mais qualidades: “Com a separação ele foi pai e mãe. Ele é um grande pai. Os filhos o adoram”.

E finaliza: “Quem não gosta de Luiz não presta. Eu duvido que te-

nha alguém como ele. Eu tenho muita dificuldade de falar dele porque eu me emociono.”

O discreto “velho e fraterno amigo”

Mais um que herdou do pai a amizade por Luiz Buaiç, e que dela se orgulha, é o desembargador Annibal de Athayde Lima. As surpreendentes histórias que ele ouviu e as que ele próprio viveu mostram o lado humano de Luiz Buaiç, prevalente na personalidade do amigo:

Conheço o Dr. Luiz Buaiç desde minha infância. Dr. Luiz e meu pai, Annibal de Athayde Lima, foram colegas, nos idos de 1936/1940, em uma ‘república’ de estudantes no Rio de Janeiro, então Capital Federal, pertencente a uma senhora chamada D. Dalleo Bumachar: Dr. Luiz estudava Medicina e papai estudava Direito. A amizade entre Dr. Luiz e papai, já falecido, nunca terminou – aquela amizade transferiu-se para mim, como se afeto pudesse ser objeto de herança.

Papai contava-me que, desde os tempos de estudante, Dr. Luiz já se apresentava como uma pessoa generosa. Havia um colega de ‘república’ que, mal começava o mês e já estava absolutamente sem dinheiro, porque tinha o hábito de jogar, quase todas as noites, no então famoso Cassino da Urca. O Cassino da Urca reunia, à época, a elite carioca e ali se apresentavam os melhores artistas brasileiros e os mais consagrados artistas internacionais. A ‘roleta’ era apenas parte da diversão daquele clube noturno. As apostas eram ‘pesadas’ e para os jogadores azarados havia sempre, de prontidão, agiotas elegantes e simpáticos, dispostos a comprar anéis e relógios. Pois bem: Dr. Luiz praticamente sustentava, generosamente, aquele colega até o final de cada mês, quando ele recebia sua mesada e pagava ao Dr. Luiz.

Dr. Luiz sempre foi muito solidário com seus amigos, sobretudo nos momentos de dificuldade. Tenho prova. Meu pai foi vítima de uma parada cardíaca e por cerca de noventa dias permaneceu internado, em estado grave, em uma UTI. Dr. Luiz, nessa época, era deputado federal e passava a semana quase inteira em Brasília. Quando chegava a Vitória, uma das primeiras coisas que fazia era ir visitar meu pai na UTI e nunca retornava a Brasília sem novamente ir visitá-lo. Papai saiu da UTI e sobreviveu, em casa, com seqüelas da parada cardíaca, durante cerca de quatro anos. Dr. Luiz, religiosamente, todo domingo, depois da missa a que assistia, ia visitar meu pai em casa.

Dr. Luiz era candidato a deputado federal. Meu pai, já aposentado como desembargador, costumava passar dias em sua fazenda, em São José do Calçado, no extremo sul do Espírito Santo. Certa vez, papai me telefonou, pedindo para levar Dr. Luiz a Calçado porque ele queria conseguir alguns votos para ele naquele município.

Pois bem. Numa manhã chuvosa de sexta-feira, Dr. Luiz e eu viajamos para Calçado. Fizemos uma primeira parada em Iconha, uma segunda parada na Safra e uma última parada em Apiacá, todas para tomarmos um ‘cafezinho’. Em todas as paradas que fizemos, Dr. Luiz se dirigia a um ‘orelhão’ mais próximo (naquela época ainda não havia telefone celular) e fazia, invariável e discretamente, três ligações telefônicas. Rigorosamente, três ligações telefônicas. Nem ele dizia para quem estaria ligando, nem eu tive a petulância de perguntar...

Dr. Luiz sempre se vangloriou de dormir com facilidade. Nada lhe tirava o sono. Em Calçado, papai logo alertou Dr. Luiz (pouco afeito às coisas do interior, porque sempre viveu em Vitória) de que as pessoas tinham o hábito de oferecer um ‘cafezinho’ a seus visitantes. A recusa representava uma grande ofensa, quando nada uma descortesia imperdoável. Dr. Luiz, buscando voto – dizia papai – não podia, naquela circunstância, recusar nenhum ‘cafezinho’. Só naquela sexta-feira em Calçado, Dr. Luiz, papai e eu tomamos mais de vinte. Chegamos em casa, em Calçado, depois de tantas visitas, perto das 11 horas da noite. Jantamos. Mudamos o pijama. E nada de sono. Afinal, depois de tanto ‘cafezinho’, não havia sono que aparecesse. Dr. Luiz acabou me perguntando, já de madrugada, se não poderíamos antecipar nosso retorno. Saímos de Calçado às 2 horas da madrugada e chegamos a Vitória com os primeiros raios de sol do sábado.

Ainda em Calçado, papai levou Dr. Luiz à casa do então vereador Antônio Teixeira do Amaral, à época uma liderança política naquela cidade. Lá chegando, papai logo o apresentou ao vereador. Dr. Luiz se apressou em dizer do seu prazer e da sua alegria em conhecer aquele a quem seu amigo Annibal atribuía uma grande liderança popular. O vereador Amaral, para espanto de todos, e principalmente do Dr. Luiz, disse que já o conhecia e esperara a vida toda para retribuir-lhe, de alguma forma, uma gentileza que dele havia recebido muitos anos atrás. E que havia chegado a oportunidade – iria abraçar a candidatura do Dr. Luiz como se fosse a sua própria candidatura a vereador.

Contou, com lágrimas nos olhos: muitos anos atrás – ele ainda um simples professor – havia ele levado seu pai para uma consulta com um determinado médico em Vitória. As previsões eram ruins. O diagnóstico inicial de seu pai não era bom. Ambos tomaram o ônibus para Vitória e passaram dois dias tentando agendar uma consulta com o tal médico. Como não conseguiram, resolveram voltar, desolados, na manhã do dia seguinte, para Calçado. O Vereador Amaral e seu pai estavam hospedados em um hotel modesto, localizado em frente ao prédio dos Correios, na Avenida Jerônimo Monteiro. À noite, conversando com o porteiro do hotel, lastimou seu retorno a Calçado sem conseguir a consulta médica na qual ele e seu pai depositavam tanta esperança. O tal porteiro, muito simpático e falante, sugeriu-lhe que procurasse Dr. Luiz, dizendo que ele era um médico muito humanitário e que certamente iria ajudá-lo. O vereador disse que não conhecia o Dr. Luiz, ao que seu interlocutor disse: ‘Não importa, ele atende todo mundo. Ele é muito humano. Ele vai resolver seu problema’. No desespero, resolveu aceitar o conselho do tal porteiro do hotel e decidiu permanecer por mais um dia em Vitória. No dia seguinte, logo pela manhã, o vereador Amaral e seu pai foram para o IAPC e lá disseram que queriam falar com ‘o Dr. Luiz Buaiz’. Menos de dez minutos depois que chegaram, Dr. Luiz atendeu o vereador Amaral que, quase desesperado, contou seu drama.

Dr. Luiz puxou a caneta e escreveu, na folha de um bloco, um bilhete para o tal médico. O bilhete, segundo o vereador Amaral, dizia mais ou menos assim: ‘Apresento-lhe meu velho e fraterno amigo Antônio Teixeira do Amaral, que vai a sua presença acompanhado de seu pai. Peça-lhe atender como se estivesse atendendo a mim. Obrigado, Luiz Buaiz’. No mesmo dia, o tal médico atendeu o vereador Amaral e seu pai, com muita cortesia e atenção, imaginando que fosse realmente ‘velho amigo’ do Dr. Luiz. O vereador Amaral disse que chegara a hora de manifestar sua gratidão ao Dr. Luiz. E ambos, emocionados, se abraçaram como se fossem realmente velhos amigos.”

Vizinhos de bairro

São poucos os vizinhos que conviveram com Dr. Luiz Buaiz ou com a sua família, no Parque Moscoso, e que ainda moram lá. A maioria mudou, mas as boas lembranças continuam na memória. Entre os que

saíram do bairro, levados pelo crescimento da cidade para a região norte – Praia do Canto, de Santa Helena, ilhas do Frade e do Boi – está Dona Ilda Cabas, chefe do Cerimonial do Governo do estado. Seu marido, Jayme Cabas, foi grande amigo do Dr. Luiz Buaz. Ela fala dessa amizade com muito carinho:

“Eu conheci o Dr. Luiz Buaz ainda jovem, ele com os filhos pequenos, eu também. Fomos vizinhos na Rua Loren Reno. Antes de conhecê-lo eu já o admirava pelo trabalho desenvolvido em favor dos menos favorecidos. Meu marido era grande amigo dele.

Dr. Luiz Buaz foi um homem que só deixou coisas boas pela vida. Um homem simples, sem vaidade, amigo dos amigos, um homem de coração enorme. Um cavalheiro na acepção da palavra. Todos nós que o conhecemos nos orgulhamos de dizer que tivemos essa convivência e para mim é uma alegria falar de Dr. Luiz Buaz, embora seja pouco, porque o que se disser ainda é pouco.”

Entre os novos moradores, mesmo quem não conviveu com a família Buaz, quando esta morava no Parque Moscoso, conhece Dr. Luiz, e não apenas porque ele mantém um consultório ali. Ele se torna conhecido pelos comentários, pelas indicações como médico conceituado.

Um exemplo é Odécio Littig, o coordenador da Casa de Apoio Luterana, em frente à edificação principal do antigo Colégio Americano. Ele mora há pouco tempo no bairro, e mesmo não tendo convivido com Dr. Luiz, o conhece e admira: “Ele é médico da minha neta. É bom médico, e boa pessoa. É assim que eu o considero e que todos falam dele: bom médico e boa pessoa.”

Antônio dos Santos, morador do Morro do Moscoso, interrompe a caminhada para falar do médico que é orgulho dos moradores do lugar. Ele fala do tempo – até poucos anos atrás – em que Luiz Buaz morava no alto da Ladeira Santa Clara: “Basta dizer que ele é um homem estudado. Tinha uma educação civilizada. É um homem simples. Ele era procurado e falava com todo mundo.”

Dona Emília, velha moradora da Rua Loren Reno, da mesma forma que o Dr. Luiz Buaz, se ressentiu das mudanças, do crescimento da cidade e da violência. Hoje ela passa a maior parte do tempo dentro de casa, protegida por duas grades que antecedem a porta. Já não sai muito para fazer compras e visitas, fala pouco, apreensiva e

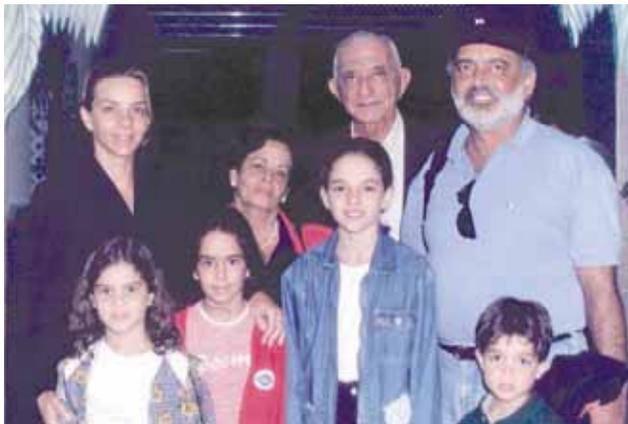


pausadamente, mas é com voz terna que se refere a Luiz Buaz: “Ele é uma pessoa muito boa, muito querida...”

Júlio Vieira da Cunha, um pouco mais jovem, enfrenta as mudanças aumentando a convivência com as pessoas: passa grande parte do tempo na praça, conversando com moradores e frequentadores do bairro. Júlio fala do médico Luiz Buaz como uma personalidade que, apesar da importância que tem, age como pessoa comum. E não esquece as muitas vezes que viu Luiz Buaz chegar e sair de casa. Ele se admirava com o jeito simples e o desprendimento do médico, “filho de família de muitas posses”, que, apesar da estatura alta, comprimia-se modestamente num carro pequeno. Júlio lembra: “Meu pai, Eurípedes Eduardo de Souza, conheceu muito ele. Admirava muito ele.”

Terezinha Marques Vieira é de Castelo, mas há décadas é moradora do bairro. Amiga de Lourdes, irmã de Luiz Buaz, ela vai conversando enquanto dirige a cadeira de rodas para tomar um pouco de sol da manhã de domingo. Terezinha se diz admiradora de Luiz Buaz, “como todo mundo”. Vê nele um médico bom, que reserva um dia da semana para atender de graça e que, quando cobra, é sempre pouco. Ela própria já teve a sua ajuda médica.

A Vila Oscarina vizinha da casa da família Buaz, permanece de pé, em frente ao Parque Moscoso.



Ex-funcionários

Marisa Silveira trabalhou com o médico Luiz Buaiz nas três vezes em que ele esteve à frente da Provedoria do hospital da Santa Casa de Misericórdia. Ela era secretária e braço direito. Precisava estar atenta, ter excelente memória e ser muito objetiva: o tempo sempre era menor que o desejado. Marisa lembra: “Dr. Luiz Buaiz sempre foi uma pessoa muito alegre, muito prestativa, uma vida muito agitada. Ajudou a muita gente, inclusive pessoas que não conhecia”.

Ela se recorda ainda do quanto ele sempre foi querido e do susto que pregou em todos, ainda que involuntariamente: “Lembro de uma vez que todos ficaram muito preocupados, quando houve o acidente de um avião, em que morreram todas as pessoas, inclusive o Dr. Fábio Ruschi. Dr. Luiz Buaiz ia viajar naquele avião e só não viajou porque teve que fazer alguma coisa, um favor para uma pessoa. Naquela época todos os mortos vieram aqui pra Santa Casa, a maioria queimados, aqui tinha um ambulatório muito grande”.

Marisa traz na memória com nitidez perfeita a atuação do Dr. Luiz Buaiz na Santa Casa. Ela enumera: “Foram três os mandatos do Dr. Luiz aqui na Santa Casa: o primeiro, de 4 de janeiro de 1984 a 4 de

Os netos, filhos de Luciana e de Alexandre, são as melhores companhias nas viagens do avô.

janeiro de 1989. O segundo, de 4 de janeiro de 1989 a 4 de janeiro de 1994. E o terceiro, de 4 de janeiro de 1994 a 4 de janeiro de 1999”.

Annette Frota Fundão, que trabalhava no setor de benefícios do IAPI, o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários, e foi chefiada por Luiz Buaiz, também tem boas recordações. Ela se diz feliz por poder falar dele, e ressalta: “A gente não tem nem qualificativos para falar do Dr. Luiz. Ele era o expoente na Previdência Social. Uma pessoa queridíssima. Aquele que batia à sua porta era sempre bem atendido. Era uma pessoa muito correta, muito humana, muito especial mesmo. Tenho lembranças lindas do Dr. Luiz. Ele deu muito de si próprio à Previdência.”

Muita gente trabalhou com o Dr. Luiz Buaiz. E quem viveu essa experiência não esquece o jeito dinâmico e amigo como ele conduzia a sua equipe. Maria Alves de Oliveira é um nome entre os funcionários que atuaram no Instituto de Aposentadoria e Pensão (IAPTec), nos anos 50. Ela não esquece a maneira como ele tratava a todos e o seu intenso ritmo de trabalho.

Maria não esquece também que ele a chamava Mariazinha. Ela destaca que todos trabalhavam muito e com todo o empenho, do mesmo jeito que o chefe: “Ele tratava todo mundo com simpatia e atenção. Estava sempre em muita atividade, resolvendo problemas. E atendia todo mundo que ia lá. Não fechava nunca a porta da sua sala”.

Acompanhante de Mariazinha, Maria da Penha de Souza conheceu o Dr. Luiz Buaiz como paciente: preocupada com as manchas que lhe surgiram em todo o corpo, procurou o médico. Ele a examinou e em minutos apresentou o diagnóstico e a receita. Ela percebeu melhoras exatamente no tempo que ele previu.

Penha não esquece também que todas as vezes em que passa pelo médico ele a reconhece e a cumprimenta. Recentemente o viu dirigindo. O trânsito estava lento, houve tempo para um breve cumprimento e para ela perguntar se já não estava na hora de ele parar. Ele respondeu com um sorriso. Hoje tem um *choffeur* que divide com ele o volante, mas parar mesmo ele não para: por enquanto, prestes a completar 91 anos, vai dirigindo escondido.

Iluminadamente vocacionado

O ex-secretário de Educação do Espírito Santo, Stélio Dias, amigo

de décadas, homenageou Luiz Buaiz no aniversário de 90 anos, na missa celebrada para o médico na Capela do Colégio do Carmo, com palavras que mostram uma vida inteira dedicada ao próximo. Próximo que, segundo Stélio e todos os amigos, Dr. Luiz não diferencia. Para ele todos são iguais. “Pode ser um familiar, um amigo, um desconhecido, um rico ou um miserável. Doutor Luiz identifica o amor em primeiro lugar. O próximo, como a razão de ser desse amor.”

Stélio mostra a proximidade entre o amigo Luiz e o pregador, padre Ayrola, que, como o médico, “dedica sua vida a uma causa. A uma missão. Ambos, padre Ayrola e doutor Luiz, pregando e construindo. Sempre próximos do próximo. Ambos, padre Ayrola e doutor Luiz, iluminadamente vocacionados.”

Trechos do que disse Stélio, após destacar a importância do encontro possibilitado pela missa, mostram uma síntese precisa da vida que Luiz Buaiz tem vivido. Uma vida simples, alegre, de incontáveis realizações, todas elas voltadas aos semelhantes:

“Foi uma rara ocasião. Na missa de Ação de Graças do Dr. Luiz tinha o essencial de sua vida. Pessoas simples, família e principalmente os amigos. Não houve solenidade, discursos, palavras vazias. Tudo tinha um significado. Ali, no Colégio do Carmo, a família tinha um significado: o do seu pai imigrante que chegou à Ilha, mais sobrevivendo do que chegando; o dos amigos; o do seu tempo, o de sua vida e o das pessoas simples presentes trazendo a gratidão pelo amor recebido sem que doutor Luiz nunca e nada pedisse em troca.

O padre Ayrola abençoou e se sentiu abençoado por quem, como médico, teve tudo para usufruir da profissão e preferiu criar e dirigir uma instituição como o Conselho Profissional de Medicina que desse dignidade e vida a todos que chegassem depois dele.

Abençoado por quem teve olhos para viver o poder político e econômico da época e ao invés de criar um hospital particular, uma clínica ou um seguro-saúde, optou por dirigir a Santa Casa de Misericórdia por mais de dez anos. Só praticando o bem. Por quem criou e foi dirigir o Instituto Luiz Braille do Espírito Santo.

Abençoado por quem exerceu cargos públicos e mandatos eletivos com o mesmo espírito ético de humildade e humanidade.

Por tudo que realizou, Luiz Buaiz não precisará de praças, ruas, avenidas e escolas para ser lembrado. Sua vocação de servir será sem-

pre maior e seus amigos nunca permitirão que o sentimento de gratidão envelheça e desapareça.

Parabéns, doutor Luiz. E obrigado pela sua existência.”

CRÉDITO DAS FOTOS USADAS NESTA OBRA

ACERVO FAMÍLIA BUAIZ

Páginas

11, 14, 15, 18, 46, 47, 76, 91, 94, 95, 97, 98, 105, 106, 108, 113, 131, 141, 144, 146, 147, 153, 159, 162, 163, 166, 167, 173, 174, 175, 177, 179, 182, 184, 196-197, 206

ACERVO DOUGLAS PUPPIN

Páginas

116, 117, 168

ACERVO ARABELO DO ROSÁRIO

Páginas

149, 186

ACERVO FIRMIANA SANTOS NEVES

Página 108

ACERVO MARIAZINHA LUCAS

Página 189

ACERVO NILTON PIMENTA

Páginas

23, 25, 28, 31, 32, 33, 34-35, 38-39, 40, 42, 50, 54, 62, 65, 80, 87, 89, 97, 103, 104, 105, 127, 137

ACERVO SANDRA MEDEIROS

Páginas

19, 24, 26, 30, 43, 56, 57, 75, 104, 153, 195

ACERVO ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Página 52

ACERVO BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL

Páginas

18 (Postais), 19 (Postais), 22 (Postais), 60 (Postal)

ACERVO ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA

Página 44

ACERVO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO - ESPÍRITO SANTO

Página 72

ACERVO INSTITUTO JONES SANTOS NEVES

Páginas

49, 51, 59, 64, 67, 85, 88, 128, 131, 199, 205

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

Páginas

20, 21, 37, 52, 68, 73, 82, 83

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL

Página 33

FOTO PAES

Páginas

14, 45





Este livro teve o texto composto na fonte Sabon 12/14, com títulos na fonte Optima, 12/14. Foi impresso pela Gráfica Santo Antônio, em agosto de 2012, no papel couché fosco (180g/m²) da Suzano, com guardas no microcotelê pedra-sabão (180g/m²), da Arjo Wiggins.